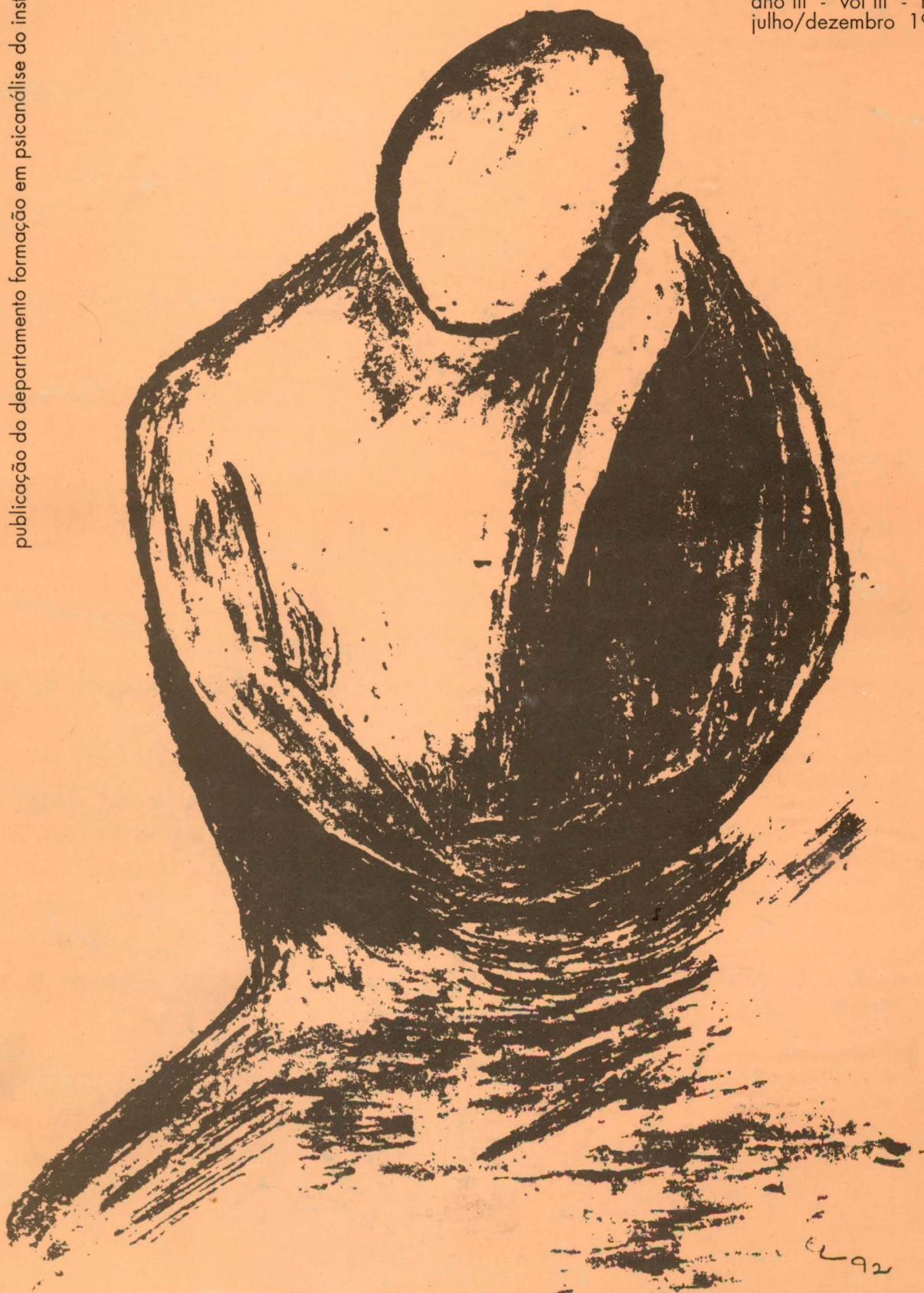




boletim formação em psicanálise

ano III - vol III - nº 2
julho/dezembro 1994



Comissão Editorial

Claudia Paula Leicand
Ede de Oliveira Silva
Maria Luiza Scrosoppi Persicano
Suely Gevertz

Colaboradores

Fernanda Pinto Freire
Maria Celina Botelho
Mildred Kund Wai Chui

Produção Gráfica

Mireille Bellelis Rossi

Ilustração da Capa

Claudia Paula Leicand

Impressão

Art Color
Rua Ministro Godoy, 956
Perdizes - São Paulo - SP
Fone: 873-3377

Jornalista Responsável

Marcos Daniel Cézari - MTPS - 11.193



sumário

I. Editorial - 3

II. Leituras

- O problema do auto-conhecimento na consolidação da clínica psicanalítica: início de um debate - 7
Ney Branco de Miranda
- O crime do desamor - 15
Rosa Diamand Tenenbojm

III. Artigos

- "Mars", de Fritz Zorn – Apelo melancólico de um sujeito cativo do vazio contemporâneo - 23
Mônica G.T. do Amaral
- Algumas reflexões sobre a psicose a partir da teoria de Piera Aulagnier - 35
Anete Maria Busin Fernandes

IV. Traduções

- A sexualidade feminina: retorno às fontes - 53
Jacques André
- O Infinito e o sofrimento mental - 85
Pietro Bria

V. Notícias do Departamento "Formação em Psicanálise" - 93

editorial

Se eu psicotalizo a afirmação de que a *visão convencional* de uma observação é um continente como uma esfera, e a *observação psicanalítica* é como algo que não pode estar contido dentro dela, tenho um modelo que servirá muito bem, não somente para a *visão convencional que representa meus sentimentos sobre a situação psicanalítica*, mas também para a *Psicanálise que ela não pode conter*.

Bion

A questão da experiência analítica e a distância do texto e da teoria em relação a ela. Da possibilidade de abordarmos experiências emocionais de natureza ou origem inconscientes através de uma linguagem acadêmica.

Que nosso leitor mantenha estas reflexões em sua mente enquanto percorrer os textos que ora publicamos. E a reverência pela psicanálise que o texto escrito não pode nunca conter.

A Comissão Editorial



leituras

O problema do auto-conhecimento na consolidação da clínica psicanalítica: início de um debate

NEY BRANCO DE MIRANDA¹

Há algum tempo, participando de uma conferência, ouvi, não sem alguma desconforto, a seguinte afirmação: "a análise queixa a respeito de um texto de Freud – passagem eminentemente voltada para a clínica – que podemos encontrar no 'Tabaco de psicofilia', publicado em 1940. A reclamação visava destilar de valor, colocar mesmo como um erro, a ideia bastante difundida de que 'o indivíduo' pelo qual trabalhemos é o eu enfraquecido, não como ponto de partida para ampliação de seu auto-conhecimento"². O texto original, trata-se "Selbstverleugnung". Encontrá-lo-emos aqui, em esta

a observação do exposto, um caso patente em que Freud não segue Freud. Deveríamos, no entanto, ao invés de ficar interessados naquilo que é essencial à psicanálise, abandonar toda tentativa de organizar a terapia psicanalítica por meio da noção de auto-conhecimento ou, na pior das hipóteses, correlativas.

Será que a prática psicanalítica deve realmente abdicar de toda referência ao auto-conhecimento? Não há um uso ~~verbo~~ clínico para esse conceito levando-se em conta que a noção de fortalecimento

¹ Psicanalista, Professor na Faculdade de Psicologia do Hospital Meridional, Professor de Psicologia da Faculdade de Direito da UNICAMP.

² Freud, S. "Tabaco de psicofilia", vol. XXII, p. 304.

O problema do auto-conhecimento na consolidação da clínica psicanalítica: início de um debate

NEY BRANCO DE MIRANDA*

Há algum tempo, participando de uma conferência, ouvi, não sem a incômoda sensação de *déjà vu*, uma enfática queixa a respeito de um texto de Freud – passagem eminentemente voltada para a clínica – que podemos encontrar no “Esboço de psicanálise”, publicado em 1940. A reclamação visava destituir de valor, colocar mesmo como um engano, a idéia bastante difundida de que “o método pelo qual fortalecemos o eu enfraquecido tem como ponto de partida uma ampliação do seu auto-conhecimento”¹. O texto original grafa “Selbsterkenntnis”. Encontraríamos aqui, era essa

a observação do expositor, um caso patente em que Freud não seguia Freud. Deveríamos, ele apregoava, se estamos de fato interessados naquilo que é essencial à psicanálise, abandonar toda tentativa de organizar a terapia psicanalítica por meio da noção de auto-conhecimento ou nas que lhe são correlativas.

Será que a prática psicanalítica deve realmente abdicar de toda referência ao auto-conhecimento? Não há um uso teórico e clínico para este conceito levando-se em conta que a noção de fortalecimento

* Psicanalista. Professor na Residência de Psiquiatria do Hospital Mandaqui. Professor de Psicologia da Personalidade no Curso de Psicologia da Universidade Mackenzie. Doutorando em Filosofia da Ciência na UNICAMP.
1. Freud, S. “Esboço de psicanálise”; vol. XXIII, p. 204.

não está necessariamente ligada a ele? A formulação de uma resposta possível a esta indagação vai constituir o núcleo do presente trabalho.

Os leitores já devem ter adivinhado o perfil lacaniano da crítica a que demos voz. Para quem a faz, já o sabemos, o objetivo da técnica de Freud, tal como ela foi definida nesta passagem, entra em confronto com alguns resultados que Lacan estabeleceu como sendo essenciais na recuperação da obra de Freud. Não vamos retomar todo o percurso que visa dar um fundamento à crítica lacaniana, mas apenas discutir algumas consequências imediatas de sua prática.

Antes de avançar em direção à prática lacaniana, porém, gostaria de relembrar um pequeno número de textos de Freud com o propósito de situar um pouco o trajeto que conduziu à afirmação de Freud que foi contestada e mostrar, inclusive, alguns dos impasses que presidem a sua montagem.

Uma visão de conjunto dos trabalhos de Freud antecipa uma conclusão importante: não cabe dizer que Freud foi vítima de um engano de velhice. Ao lançarmos um olhar sobre seus trabalhos, constatamos que há várias idéias que vão na direção da noção de auto-conhecimento e que estão presentes em suas investigações faz muito tempo. Claro, a teoria foi se complexificando, as relações conceituais se sutilizando etc. Mas podemos recuar até 1904, por exemplo, para um momento em que o criador da psicanálise se dispunha a caracterizar o próprio método psicanalítico e encontraremos aí suas raízes. A primeira mostra textual que selecionamos é mais do que conhecida:

“A tarefa do método psicanalítico é tornar o inconsciente acessível à consciência o que é feito superando-se as resistências”². Aqui, como é evidente,

estamos longe de tematizar o conceito de auto-conhecimento ou de conhecimento de si. Não obstante, a idéia de que ao consciente é apresentado um material que não fazia parte de seu arcabouço até então, e ao qual era anteposta uma resistência, indica que esta consciência foi de algum modo ampliada e, tendo em vista que este material é teoricamente reconhecido como sendo eminentemente pertinente à história de vida do paciente, não há porque não dizer que ele proporciona uma sorte de conhecimento de si, uma consciência de si que aparece como auto-consciência ao indivíduo. Vale observar que, neste âmbito, a consciência não tem conotação metapsicológica.

O modo como Freud caracterizou o encontro deste material inconsciente com a consciência é significativo pois ele vai evidenciar um momento ativo da consciência. Encontramo-lo definido na seguinte observação: “não é necessário ficardes temerosos de que o paciente seja prejudicado pelo choque que acompanha a introdução do inconsciente no consciente... É somente mediante a aplicação de nossas mais elevadas funções mentais (*Seelenleistungen*: potências anímicas ou funções anímicas), que se acham presas ao consciente, que podemos controlar todos os nossos impulsos”³. Vemos por esse texto que a consciência caracteriza-se por possuir *Seelenleistungen*, ou seja, um conjunto de propriedades que se aplica ao material que lhe é fornecido. Para meus propósitos atuais basta que retenhamos o caráter *aplicativo* destas potencialidades, sem entrar no mérito sobre quais são elas. O que importa frisar é que o tornar consciente o inconsciente traz junto um certo *trabalho* levado a cabo pela própria consciência.

Os trabalhos de Freud vão tornando-se cada vez mais complexos, as considerações sobre a resistência vão sendo afinadas, a transferência vai ganhando

2. Freud, S. “O método psicanalítico de Freud”; vol. VII, p. 261. GW, vol. V, p. 8.

3. Freud, S. “Sobre a Psicoterapia”, vol. VII, p. 276.

do mais e mais relevo, mas o esquema geral se mantém. Vejamos como exemplo um texto de 1919, "Linhas de progresso da terapia psicanalítica". Nele podemos ler que cabe ao analista garantir os meios de "dar ao paciente conhecimento do inconsciente, dos impulsos reprimidos que nele existem e, para essa função, revela as resistências que se opõem a essa extensão de seu conhecimento de si mesmo"⁴.

Mas, é chegada a hora de falar sobre isso: como Freud concebeu teoricamente a questão dos efeitos que derivam de tornar o inconsciente consciente? Ou, em outras palavras, qual é a teoria que respalda esta operação de conhecimento de si? As respostas de Freud são conhecidas. Vamos colher dois exemplos delas: "A tarefa terapêutica consiste, pois, em liberar a libido de suas ligações atuais, subtraídas ao ego, e em torná-la novamente utilizável para o ego"⁵. Num escrito dois anos posterior a este podemos ler: "Sempre que conseguimos analisar um sintoma em seus elementos, liberar um impulso pulsional de um vínculo, esse impulso não permanece em isolamento, mas entra imediatamente em uma nova ligação... Para dizer a verdade, o paciente neurótico, com efeito, apresenta-se-nos com a mente (vida anímica. Esp) dilacerada, dividida por resistências. A medida que a analisamos e eliminamos as resistências, ela se unifica; a grande unidade que chamamos ego ajunta-se a todos os impulsos pulsionais que haviam sido expelidos e separados dele. A psicosíntese é, desse modo, atingida durante o tratamento analítico sem a nossa intervenção, automática e inevitavelmente"⁶. Este último texto é exemplar. Sem dúvida Freud buscou com ele afirmar que não é o analista que dá a organização

final ao material que emerge do labor psicanalítico; é o próprio ego do paciente que reúne, unifica o que havia sido separado pela repressão. Mas aqui, neste ponto, pode surgir uma certa inquietação. Aquelas potências anímicas que se confrontavam com o material inconsciente ao fim e ao cabo acabaram transformando-se em processos *automáticos* e impessoais de síntese, fato que consistiria na primeira e mais direta interpretação delas? Toda a extensão do aspecto elaborativo, implicado no conhecimento de si, vai na verdade ser reduzida a um processo *imediat*o de ligação? Não seria melhor, nesse caso, falar em um novo *arranjo* do si?

Vamos abandonar por algum tempo o quadro desses problemas e dirigir a atenção diretamente para a crítica com a qual iniciamos nosso trabalho, o pensamento movido pela negação do conceito de conhecimento de si ou auto-consciência.

Aproximemo-nos um pouco de Lacan. Vamos lembrar um dos núcleos de sua concepção. Podemos ler em "Posição do inconsciente" a seguinte afirmação muito conhecida: "A única função homogênea da consciência é na captura imaginária do eu (*moi*) por seu reflexo especular e na função de desconhecimento que lhe fica ligada"⁷. Esta passagem, cujas origens conceituais podem remontar à primeira elaboração sobre o estágio do espelho, indica que a consciência é já constituída num modelo ele mesmo reflexivo e que, portanto, ela está desde sempre ligada ao que poderíamos chamar de registro *inescapavelmente* imaginário.

Lacan⁸ vai identificar essa instância imaginária com o sujeito consciente de si – o si especular – e

4. Freud, S. "Linhas de Progresso da Terapia Psicanalítica", vol. XVII, p. 201.

5. Freud, S. "Conferências Introdutórias sobre Psicanálise", vol. XVI, p. 529.

6. Freud, S. "Linhas de Progresso da Terapia Psicanalítica" vol. XVII, p. 204.

7. Lacan, J. *Écrits* p. 832.

8. É verdade que Lacan sustentou também idéias que valorizam a história e o reconhecimento que o sujeito pode dar a ela, fato que poderia levar a uma direção mais próxima das noções que buscaremos tornar relevantes. Não obstantê, seu pensamento parece, ao fim e ao cabo, ter tomado um caminho que esvaziou a historicidade. Ver a esse respeito: "Les écrits techniques de Freud", *Le Séminaire, Livre I*. Manfred Frank – um dos poucos filósofos alemães contemporâneos que tentou estabelecer uma discussão que envolvesse intensivamente a produção atual da filosofia francesa e germânica – depois de criticar vários aspectos do pensamento lacaniano em seu *O que é Neo-estruturalismo?* lançou-se à tarefa de buscar as ressonâncias entre passagens de Lacan e a hermenêutica: texto de referência para aqueles que querem empreender o trabalho de reconstrução hermenêutica de Lacan. Ver a esse respeito: *Qu'est-ce que le Néo-structuralisme?* e *Das Sagbare und das Unsagbare. Studien zur deutsch-französischen Hermeneutik und Texttheorie*.

falará então de um *outro* sujeito. É de 1957 a seguinte consideração: “No inconsciente, que é menos profundo que inacessível ao aprofundamento, isso fala: um sujeito dentro do sujeito, transcendente ao sujeito, põe ao filósofo depois da interpretação dos sonhos, sua questão”⁹. E esta questão não é posta somente ao filósofo, pois o psicanalista estaria desde então ligado em sua prática àquilo que é transcendente ao sujeito clássico. Sua clínica estaria ou deveria estar voltada para isso.

Quais são as decorrências dessa concepção para a prática clínica, tendo em vista, claro, os seus efeitos dentro do quadro da questão do conhecimento de si? A abordagem da conceitualização lacaniana mais avançada permite uma melhor visualização da resposta e em particular o conceito de transferência proporciona uma crítica exemplar a uma figura do conhecimento de si, aquilo que ficou conhecido como o saber do analisante.

Como podemos apresentar este conceito de transferência? A exposição que Calligaris faz do assunto mantém-se dentro dos parâmetros lacanianos e apresenta a vantagem de ser sintética e clara. As conclusões clínicas que ele deriva vão nos interessar de perto.

Podemos distinguir, segundo o autor, três níveis em que se acompanha a constituição da transferência. Um primeiro que patenteia um fato de estrutura: a verdade – porque não dizer o sentido – de um enunciado não está dada nele mesmo, mas na cadeia à qual ele se reporta; um segundo plano atesta que a verdade de um enunciado é concebida como um saber e, neste caso, um sujeito pode ser suposto a esse saber; finalmente, um terceiro pata-

mar analítico admite que se um sujeito foi suposto ao saber, pode-se representar este saber enquanto tal.

Vejamos como Calligaris concebe, seguindo os marcos conceituais de Lacan, a consequência mais imediata desta caracterização: “resulta desta distinção que o ganho de saber consciente obtido no decorrer da análise é ganho de saber que foi imaginado no lugar da verdade, e não ganho de verdade”¹⁰. Esta concepção se opõe à própria idéia de tornar algo consciente e o faz com base no fato de que, para ela, qualquer tipo de reconstituição que abra para a historicidade – tal como a meta de um preenchimento das lacunas de memória já supunha – está comprometida internamente com a transferência, não é senão um efeito dela.

É por isso que, segundo a visão lacaniana, se não queremos dar asas ao que há de enganoso na transferência, ou seja, se não desejamos dar lugar à “crença em um saber adquirido sobre a verdade”¹¹, devemos negar ao inconsciente o “estatuto de uma substância e, em última instância, de um objeto do conhecimento”¹². Em suma, nada de auto-conhecimento.

O que fazer então? Como vai funcionar a análise? “No ato analítico, o que é eficaz, o que opera, não é a evocação, ou mesmo a revelação ou o encontro com um morfema significativo já inscrito; é antes um forçamento de um novo percurso simbólico”¹³. Como o inconsciente não é substancial, seguindo a linguagem do autor, este forçamento se realiza por meio de um jogo de significantes, de uma espécie de essência formal da interpretação. Esta articulação abstrata faz com que apenas em sua ponta surja,

9. Lacan, J. “La psychanalyse et son enseignement” in *Écrits*, p. 437.

10. Calligaris, C. *Hipótese sobre o fantasma* p.192.

11. Calligaris, C. *Op. cit.* p. 153.

12. Calligaris, C. *Op. cit.* p. 152.

13. Calligaris, C. *Op. cit.* p. 153.

quase que como um epifenômeno, o “indivíduo” renovado pela interpretação.

É interessante notar como, de certo modo, “reencontramos” Freud, mas um aspecto ao menos problemático dele. Quando teorizava a modificação efetivada pela análise, o ego consciente transformava-se automaticamente; agora, no sítio lacaniano, a modificação interna é desencarnada, mas tão “automática” quanto a projetada pelo energetismo. Parece que a oposição a uma análise que encaminhe um momento do conhecimento de si conduziu a uma visão do processo psicanalítico que o priva de qualquer medida e lança-o numa busca imponderada de um acaso feliz. Ou, como diz Calligaris: “os significantes na cura são, a priori, quaisquer”¹⁴.

Há na realidade uma diferença importante entre Freud e Lacan e seus seguidores, além das que são óbvias. O andamento interpretativo em Freud não dissolve a historicidade senão na virada explicativa que a teoria teve que fazer, ou seja, as relações temáticas que vão sendo desvendadas não perdem significação para o paciente no curso da análise: o problema que restou é teórico. Para os lacanianos e seu mestre, pelo menos no grosso de sua obra, a significação sendo expurgada, só restou a consequência de um formalismo vazio: o indivíduo sai da análise, presumivelmente outro, mas é equivocado pensar que ele sabe porque. Se Freud, ao teorizar a ampliação da consciência, só pode pensá-la dentro do horizonte metapsicológico da energia, Lacan, ao abandonar esta última, por sua crítica ao estatuto da consciência, importou uma dificuldade que a metapsicologia mecanicista criou.

Sem dúvida, a simples volta ao modelo de Freud não resolve o problema pois teoricamente há uma lacuna entre a historicidade elaborada e uma modi-

ficação que prescinde do sentido, sendo apoiada apenas na esfera da ligação. Por outro lado, mesmo que não seja aceitável no limite a visão lacaniana de como se dá o efeito analítico, há um ganho crítico derivado dos trabalhos lacanianos que alguns não estão dispostos a abandonar. Ele consiste em não reificar o conhecimento de si.

É possível encontrar uma resposta para os problemas que surgiram aqui, que seja ao mesmo tempo satisfatória e evolua desde os índices críticos já apreendidos por um setor importante da história da psicanálise? Ela envolve a definição de um campo que facilite a constituição de uma consciência apta para promover auto-conhecimento; que encaminhe um conhecimento de si e que, ao mesmo tempo, não se apresente como auto-centrado.

Algumas indicações da filosofia alemã contemporânea podem trazer um auxílio inestimável. Vou inicialmente lançar mão de alguns desenvolvimentos conceituais de Schleiermacher, do modo como eles foram lidos recentemente por Manfred Frank.

Instalada na crise conceitual da consciência de si, tal como o romantismo alemão a denunciou, a obra de Schleiermacher permite que retenhamos para nossos fins os seguintes parâmetros: a consciência de si é de tal forma constituída que a sua determinação lhe escapa, fato que vai acarretar seu aparecimento como não sendo autora de si; ao mesmo tempo, esta circunstância vai implicar que a sua determinação surge como transcendente. Além disso, devemos reter que esta *determinação avançada*, chamada por Schleiermacher de “falta”, põe a consciência em busca de sua evidência num campo de compreensão intersubjetiva, campo mais geral que sua filosofia denominou de linguagem.

Estas observações permitem antecipar que o mode-

14. Calligaris, C. *Op. cit.* p. 154.

lo da consciência como reflexão, justamente o criticado por Lacan, é posto em dúvida, pois como Frank soube tão bem ressaltar, “é impossível pensar a reflexão sem pressupor a identidade simples da consciência de si”¹⁵. O pensamento que ele encontrou em Schleiermacher permitiu-lhe estabelecer que, ao contrário do modelo baseado no parâmetro da reflexão, esta suposta identidade “longe de ser imediatamente presente a ela mesma, deve chamar o outro – o outro termo da relação – a testemunhar de sua identidade com ela mesma”¹⁶. Dentro deste desenho conceitual, “se desmunicar em proveito do outro torna-se uma condição da ipseidade”¹⁷ e isto vai implicar para Frank uma espécie de separação do si em duas partes, onde o “retorno” reflexivo vai ser a obrigatória passagem “pela exterioridade de uma linguagem da qual não se pode desembaraçar”¹⁸.

Do ponto de vista do sujeito, o resultado mais notável é que a unidade do sujeito é rompida, pois ele não vai existir senão como relação. Neste ambiente, “o sujeito possui contudo um conhecimento da identidade dos correlatos, mas este é um ato do qual ele não pode se atribuir o fundamento real. O fundamento cognitivo da consciência de si – o fato de que ela seja imediatamente translúcida a si – sofre assim um retardamento característico em relação a seu fundamento de ser. A interioridade absoluta do sentimento de identidade, diz Schleiermacher, “não nasce senão *no* sujeito”, mas “não é produzida *por* ele”¹⁹.

Qual é o caminho conceitual a seguir dada esta caracterização, ou seja, estabelecida esta distância interna que acompanha o sujeito? Frank explicita o

passo de Schleiermacher mostrando que devemos conceber como interpretação o movimento de qualificação da marca da determinação transcendente que aparece como “a indicação de uma identidade que “supre” a “falta” inscrita na reflexão”²⁰.

Em uma palavra, a consciência de si não é um fundamento universal, uma verdade absoluta, mas uma via de *atestar*, como marcou Frank, a verdade onde ela pode se encontrar.

Vejamos como Schleiermacher concebeu seu conceito de interpretação fazendo a observação inicial de que, muito embora ele construa seu pensamento sobretudo baseado na interpretação de textos, segundo sua própria visão é possível generalizar para qualquer domínio da linguagem suas reflexões.

A interpretação, que também podemos chamar de compreensão, supõe o funcionamento articulado de dois níveis, inseparáveis na atividade mesma do interpretar. A caracterização esquemática é simples – na verdade Schleiermacher não vai radicalizar a separação de suas linhas de força conceituais – podendo até chocar aqueles que estão acostumados às intempéries de certa fraseologia francesa, mas as conseqüências são das mais importantes, como veremos a seguir. Encontramos de um lado, o pólo gramatical, que abarca o plano dito objetivo, vocabular, negativo: é o lugar da *Bedeutung*, do significado. De outro lado, deparamo-nos com o plano técnico, o lugar do subjetivo, do uso, do positivo: o nível do *sinn*, do sentido.

A conseqüência imediata importante para nós é a de que, na medida em que o momento técnico

15. Frank, M. “L'Herméneutique de Schleiermacher. Relecture autour du débat Herméneutique-Néostructuralisme”, in *Revue Internationale de Philosophie*, n. 151, p. 351.

16. Frank, M. *Op. cit.* p. 351.

17. Frank, M. *Op. cit.* p. 351.

18. Frank, M. *Op. cit.* p. 351.

19. Frank, M. *Op. cit.* p. 352.

20. Frank, M. *Op. cit.* p. 352.

incide sobre o objetivo, vem à tona a impossibilidade de fechamento do sistema da língua, o que presentifica igualmente a impossibilidade de descrever o todo da língua de um modo analítico e completo, no sentido lógico do termo, isto é, de modo formal. A consciência de si, na medida em que está marcada pelo parâmetro acima mencionado, não pode surgir como uma unidade fechada – semanticamente idêntica – e por essa razão o modelo reflexivo clássico não vai se aplicar a ela. Na interpretação, o uso contextual sempre alarga o sentido e este movimento é a base mesma da articulação do sentido.

Manfred Frank dirá, “os indivíduos são conscientes deles mesmos, no sentido de que eles ‘abrem’ seu mundo à luz de interpretações (*Deutungen*) onde estas são apreensíveis, como significação (*Bedeutungen*)”²¹. Mais radicalmente, podemos dizer, as consciências são individualidades.

As conseqüências para o quadro do campo psicanalítico podem agora ser esboçadas. Em primeiro lugar, mesmo a noção de um eu consciente não torna essa instância, do ponto de vista geral, um pólo identitário fechado em si mesmo. Ao contrário, parece que o lançamento em direção a um sentido futuro é mais próprio para caracterizar o aspecto auto-consciente desse eu, visto do ângulo de sua relação fundamental com a linguagem. Não há, portanto, razão para temer uma alienação de fundo operando na auto-consciência. Existe, isto sim, um movimento que pode se harmonizar entre a interpretação psicanalítica, que visa tornar algo inconsciente, consciente e a apropriação individual operada pelo sujeito, pois a compreensão não remete a uma instância alienada e sim ao movimento mesmo de constituição do sujeito que é consciência

de si. Podemos afirmar que mediante a concepção que expusemos ficam delineadas as pré-condições de instauração prática da individualidade. Ou seja, estão definidas as condições de abertura de sentido sem as quais um retorno ao mesmo seria prognosticado como inevitável.

Isto não significa dizer que a psicanálise se dissolve no andamento hermenêutico tal e qual, pois como vimos, na interpretação, genericamente considerada, é pela via do contexto que a individualidade pode encontrar não a causa, mas a motivação para firmar um certo patamar compreensivo. É justamente este contexto que parece faltar ao material inconsciente. De um lado, antes de mais nada existe uma lacuna na consciência, ou, se desejarmos, uma falta de sentido; de outro, uma novidade semântica não integrada, pois é o outro – o psicanalista – que inicia o processo de interpretação. Assim, se a consciência *pode* apresentar as condições de abertura de sentido, a tese da presença do inconsciente vai fazer ver que existem condições negativas de receptividade deste material: duas faces do estranhamento confrontam o sujeito.

A abertura para a individualidade é proporcionada – desde os tempos de Freud há uma reflexão sobre isso, na forma da estipulação das condições de aceitabilidade das interpretações e construções – pelo que podemos chamar de *reconhecimento*, que não deve ser confundido com o assentimento ou a convicção. Mas como ele pode se dar? Se prolongarmos os marcos conceituais desenvolvidos até agora, veremos que se trata de pensar um conceito de representação que seja adequado tanto ao desvelamento psicanalítico quanto à *posição* da individualidade que vai se desdobrando: um conceito hermenêutico de representação.²²

21. Frank, M. *L'ultime raison du sujet* p. 94.

22. Remeto, neste sentido, a um pequeno artigo por mim publicado: “Um conceito hermenêutico de representação para a clínica psicanalítica”, in *Boletim de Novidades da Livraria Pulsional*, n. 53.

Sendo assim, parece não apenas ser viável, como pesquisa e como prática teórica, a valorização de um conceito de auto-conhecimento que não caia na esfera da imaginarização, mas, também, este conceito parece poder resgatar uma *medida* para a clínica psicanalítica que, então, poderá desviar-se do formalismo e de sua face arcaica, o mecanicismo. ■

Ney Branco de Miranda

Rua João Moura, 647 cj. 73

05412-001 - São Paulo - SP

Referências Bibliográficas

- CALLIGARIS, C. (1986). *Hipótese sobre o fantasma (na cura psicanalítica)*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- FRANK, M. "L'herméneutique de Schleiermacher. Relecture autour du débat Herméneutique-Néostructuralisme". In *Revue Internationale de Philosophie*, n. 151, 1984.
- (1988). *L'ultime Raison du Sujet*. Paris: Actes Sud.
- (1989). *Qu'est-ce que le Néo-structuralisme?* Paris: Cerf.
- FREUD, S. (1970). *Edição Standard das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago.
- LACAN, J. (1966). *Écrits*. Paris, Seuil.

51. Frank, M. "L'ultime raison du sujet". 84.

52. Frank, M. "L'ultime raison du sujet". 84.

53. Frank, M. "L'ultime raison du sujet". 84.

O crime do desamor*

ROSA DIAMOND TENENBOJM**

...O corpo em si nunca fica doente, uma vez

Que sem alma, e sem psique, ele morre.

O que está morto não fica doente,

No máximo apodrece.

George Groddeck

Introdução

Em psicanálise quando falamos em morte, pensamos nela como sendo da ordem do psíquico. Sabemos, porém, que em alguns casos ela pode até resultar em morte orgânica.

O crime a que nos referimos no título do trabalho segue a mesma linha de pensamento. No entanto, além da morte implícita no ato, percebe-se no fato a existência de um outro.

Quem desama mata?

Esta questão, em parte, quer dizer: É possível que um trauma provoque a não estruturação ou a desestruturação psíquica? A resposta é afirmativa para Sândor Ferenczi. Ela foi encontrada em sua teoria do trauma, trauma desestruturante e, portanto, patológico. S. Freud, a princípio, acreditava no trauma em dois tempos, onde supunha o primeiro como ocorrido de fato e o segundo como o momento em que o primeiro seria fantasiado retrospectivamente. Isto se modifica em sua obra, e a realidade psíquica passa a ser a potencialmente traumatizante

* Monografia apresentada como encerramento do primeiro semestre do 3º ano do Curso Formação em Psicanálise: "Clínica do Medo".

** Psicóloga. Psicanalista em formação no Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

(por exemplo: trauma do nascimento, do medo da castração). O que é enfatizado é a atividade psíquica, onde o conceito de fantasia (inconsciente) ganha lugar preponderante na vida mental – primeiramente em S. Freud e posteriormente, de forma mais abrangente, em M. Klein. Ao remeter-se à teoria traumática de Freud, Susan Isaacs observa que “as fantasias estão ativas simultaneamente com os impulsos de que elas surgiram”¹; isto é, as fantasias já estão em atividade nas crianças na época em que os impulsos fundamentais dominam, pela primeira vez, o seu comportamento e sua experiência.

“Quem desama mata” pode ser focado sob um outro ângulo quando pensado através da abordagem kleiniana da fantasia como expressão mental das pulsões; do aparecimento mais primitivo do superego e do complexo de Édipo; da existência de relações objetais primitivas e da preponderante influência da ansiedade a partir do nascimento. Apesar de marcadamente ressaltar em sua teoria a importância da bagagem de psiquismo constitucional que já nasceria com o indivíduo, M. Klein não deixa de levar em conta a necessidade de um outro que, com amor e compreensão, sirva de esteio da criança para superar os estados iniciais de desintegração e ansiedade de natureza psicótica e, conseqüentemente, possa ajudar a promover o seu crescimento. É justamente nesse ponto tão crucial, tão delicado da vida que acreditamos ser possível que o desamor mate; seja produzindo psicóticos, casos ditos limites ou somatizadores.

Este trabalho tem como inspiração e ponto de partida o artigo de S. Ferenczi intitulado “A Criança Mal-Acolhida e sua Pulsão de Morte” (1929), no qual estabelece a relação entre a criança mal-acolhida e o desenvolvimento de tendências auto-destrutivas rumo, quando não à morte propriamen-

te dita, às doenças psicossomáticas e à “inapetência pela vida”². Esta questão será pensada, principalmente, à luz de algumas das idéias de M. Klein, objetivando mostrar que os diferentes enfoques a serem aqui discutidos são compatíveis e até complementares.

O mal-acolhimento precoce

A tendência de um bebê em seu desamparo inicial seria a de morrer, a de retornar ao estado do “não-ser individual, do qual não se distanciou pela experiência da vida”³. Isto, se não existisse um outro que o acolhesse, que lhe estendesse as mãos para a vida. No entanto, o que ocorreria se, no início, no lugar da mão salvadora (que ampara) surgisse a mão do descaso que assusta ou rejeita? Supomos que este pequeno ser que, segundo M. Klein, é quase totalmente desprovido de recursos psíquicos, viveria uma intensificação tal do terror, da angústia que só lhe restaria almejar o conforto da morte, o fim do tormento.

Neste momento, tudo que o bebê pode perceber do mundo e de si (essa separação obviamente não existe ainda para ele) é através de sensações corpóreas e, caso sobreviva ao não acesoramento materno irá de alguma forma reviver ao longo da vida, compulsivamente, o horror corpóreo sofrido no início da mesma.

Ferenczi parte da idéia de que haveria na base dos desequilíbrios orgânicos graves (asma brônquica, problemas circulatórios, anorexia...) uma forte tendência inconsciente à auto-destruição. Acredita que as crianças mal-acolhidas na família foram capazes de “notar os sinais conscientes e inconscientes de aversão ou de impaciência da mãe, com um conseqüente arrefecimento da vontade de vi-

1. Isaacs, S. “A Natureza e a Função da Fantasia”. In *Os Progressos da Psicanálise*, cap. III, p. 88.

2. Ferenczi, S. “A Criança Mal-Acolhida e sua Pulsão de Morte”. In *Escritos Psicanalíticos*.

3. Ferenczi, S. *op. cit.*, p. 316.

ver"⁴. Posteriormente, ao crescerem, os traços de caráter predominantes seriam, segundo ele: pessimismo moral e filosófico, ceticismo e desconfiança, inapetência para o trabalho, incapacidade de manter um esforço prolongado e nostalgia (velada) da ternura (passiva).

Enfim, aponta a probabilidade para o fato de as crianças acolhidas, muito fria ou asperamente, morrerem facilmente. Costumam utilizar uma das várias possibilidades orgânicas para desaparecer rapidamente ou, se sobrevivem, são marcadas por uma inapetência pela vida.

Oralidade, fantasia e gosto pela vida

Quando Ferenczi fala em inapetência, desgosto pela vida, torna-se inevitável pensar esse fenômeno como sendo da ordem da oralidade. Não a da sucção ou a do morder, mas a do "negativo" da oralidade. Algo parecido com uma boca que não se abre, da morte lenta, da morte em vida. A boca que, de tão frustrada, recusa.

Segundo M. Klein, ao nascer o ego já está presente o suficiente para experimentar ansiedade, usar mecanismos de defesa e formar relações de objeto, mas de forma imatura e não integrada.

A primeira fome e o esforço pulsional para satisfazer essa fome são acompanhados pela fantasia de um objeto capaz de satisfazê-la. Estas fantasias são experimentadas como acontecimentos físicos e psíquicos. O bebê, ao nascer passa por experiências de gratificação e frustração de seus desejos. Essas experiências de realidade influenciam imediatamente a fantasia inconsciente e são por esta influenciadas. A fantasia está em constante interação com a realidade.

Em crianças mal-acolhidas ou, no caso do exemplo dado por H. Segal⁵, na qual crianças cujos pais têm realmente um relacionamento ruim e brigam com frequência, a autora supõe que a criança sinta esse mau relacionamento como fruto de seu próprio desejo de que os pais brigassem, e que seus ataques urinários e fecais atrapalhassem e estragaram o relacionamento dos pais.

Mais adiante, observou que quando o bebê sente fome, primeiro alucina um seio bom. Se ele for logo alimentado, o seio real materno será fundido com o seio fantasiado. Acreditará na sua bondade e na do objeto bom como forte e duradoura. Caso ele não seja alimentado, será invadido pela fome e pela raiva. A fantasia de um objeto mau e perseguidor se tornará mais ameaçadora. Sentirá sua própria raiva mais forte do que seu amor. O objeto mau torna-se mais poderoso que o bom. (O objeto idealizado é proporcional ao objeto perseguidor, na medida em que é a negação deste).

Não estamos dizendo que o ambiente e a realidade determinam totalmente a qualidade das fantasias inconscientes. A importância do "fator ambiental só pode ser corretamente avaliada em relação ao que ele significa nos termos das pulsões e fantasias das crianças"⁶. Isto é, quando o bebê está dominado por fantasias raivosas de ataque ao seio, é que uma experiência má verdadeira se torna mais importante. Já que, não só confirma seu sentimento de que o mundo externo é mau, mas também a impressão de sua própria maldade e da onipotência de suas fantasias malévolas.

Assim, em um segundo momento de fome e fúria, ao lhe ser oferecido o seio, em vez de aceitá-lo pode recusá-lo. Neste caso, poderá ter tido a fantasia de ataque e destruição ao seio, que se tornou mau e o

4. Ferenczi, S. *op. cit.*, p. 314.

5. S. Segal, H. "Fantasia". In *Introdução à Obra de Melanie Klein*, cap. II.

6. Segal, H. *op. cit.*, p. 26.

está atacando, transformando-se em um perseguidor terrificante. Isto poderá acarretar em dificuldades na alimentação ou sua completa inibição.

As fantasias primárias, as representantes dos mais antigos impulsos de desejo e agressividade, são expressas e tratadas por processos mentais muito distantes das palavras e do pensamento. Por isso “tem de haver, muito claramente, uma sensação agradável (prazer orgânico) para que o bebê sobreviva”⁷. No princípio, “como o bebê dispõe de tão poucos recursos à sua ordem para exprimir amor ou ódio, tem de usar todos os seus produtos e atividades corporais como um meio de expressar seus desejos e emoções profundas incontíveis”⁸. Isso se dá sobretudo em decorrência do fato de que, como havia dito Freud: “O ego é, em primeiro lugar e sobretudo, um ego corporal”⁹.

As percepções externas no início da vida influenciam, mas não são percebidas como externas. O psiquismo lida tanto com os estímulos externos quanto internos através dos mecanismos primitivos de introjeção e projeção. O resultado final desse interjogo definirá a personalidade, relações sociais, dotes intelectuais ou inibições e sintomas.

Toda a aprendizagem inicial se baseia em impulsos orais (começa na boca e desloca-se depois para olhos e mãos). O desapontamento pode ser o primeiro estímulo para a aceitação adaptativa da realidade, mas o adiamento da satisfação e a expectativa envolvida na complicada tarefa de aprender e pensar sobre a realidade externa, que a criança passa a realizar, só podem ser suportados quando ela também satisfaz os impulsos instintivos, igualmente representados em fantasias. A aprendizagem depende do interesse e este origina-se do desejo e da curiosidade e, em certa medida, do medo.

Tanto em pessoas normais como neuróticas, as fantasias inconscientes influenciarão no decorrer de toda a vida. A diferença vai se dar a partir do caráter específico das fantasias dominantes, do desejo e ansiedade subjacente a elas e sua articulação com a realidade externa.

Na doença psicossomática verifica-se uma concretude de fantasias pois o sintoma não tem representação, a fantasia está localizada no corpo. O sintoma, neste caso, não simboliza o conflito. É em si próprio a expressão da angústia.¹⁰

A angústia inicialmente contribui para intensificar o sadismo e aumentar o impulso de destruir e objeto perigoso. Dessa maneira, a criança acumula uma quantidade ainda maior de desejos sádicos e destrutivos para descarregar sobre a imagem dos pais combinados; paralelamente, exacerba-se o medo que eles, como entidade hostil, lhe inspiram. Cabe assinalar que são, principalmente, os impulsos de ódio que provocam o conflito edípico e a formação do superego. “Que o ego deve considerar o objeto internalizado como um inimigo cruel do id, deduz-se logicamente do fato de que o instinto destrutivo que o ego desviou para o mundo exterior, voltou-se contra o objeto; em consequência, só se pode esperar hostilidade da parte deste contra o id”.¹¹

Freud pensou a formação do superego de duas maneiras complementares. Numa, a severidade do superego teria origem na severidade do pai real. Na outra, a severidade do superego seria derivada dos impulsos destrutivos.

O que nos faz pensar, portanto, que o trauma do mal-acolhimento de Ferenczi funcione enquanto reforçador do sadismo constitucional de M. Klein. Em outras palavras quando aquele incide na primeira infância, o superego primitivo se torna de

7. Isaacs, S. *op. cit.*, p. 105.

8. Isaacs, S. *op. cit.*, p. 109.

9. Freud, S. “O Ego e o Id”. In *Obras Completas*, Imago, Vol. XIX.

10. Aula de Maria Scrosoppi Persicano: Clínica do Medo - Melanie Klein. Curso de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

11. Klein, M. “Primeiros Estádios do Conflito Edípico e da Formação do Superego”. In *Psicanálise da Criança*, cap. 8, p. 189.

severidade exacerbada, onde a tensão entre ego e superego é mais intensa e, então, pode-se esperar um incremento do sadismo e, conseqüentemente, da angústia primitiva.

O que diferencia o normal do neurótico são os fatores quantitativos que se acham em jogo no psiquismo. O psicótico sofre de uma quantidade de angústia muito maior do que o neurótico. (Os pontos de fixação para as psicoses residem nos estágios de desenvolvimento anteriores ao segundo nível anal).

De acordo com M. Klein, “a interação entre o superego em formação e as relações objetais, baseada na interação dos mecanismos de projeção e introjeção, influenciam profundamente o desenvolvimento da criança. Nos primeiros estádios, a projeção das imagos terríficas no mundo exterior, converte esse mundo em lugar perigoso e seus objetos em inimigos; enquanto que a introjeção simultânea de objetos reais, que estão efetivamente bem dispostos para com a criança, age em sentido contrário, atenuando a violência do medo que lhe inspiram as imagos terríficas”¹².

Ao pensarmos aqui no caso da criança mal-acolhida, podemos supor que a introjeção de objetos maus reais incrementaria a violência das fantasias terroríficas já que esses objetos não estariam aptos a conter o terror galopante. Desse modo, o ego, ao invés de se desenvolver normalmente através do confronto gradual com uma realidade acolhedora (que até frustra, mas gratifica), fica “sem ter como fugir” pois projeta e introjeta objetos terroríficos, e a tensão pulsional pode chegar a um ponto insuportável. A cólera, os sentimentos e fantasias violentamente agressoras dominariam o psiquismo. Uma das possíveis conseqüências desta situação seria a expressão da angústia intensa onde ela foi primeiramente vivenciada: no corpo – sintoma expressando o indizível.

“Se os medos persecutórios são muito fortes e por essa razão (entre outras), o bebê não é capaz de

abrir caminho através da posição esquizoparanóide, a resolução da posição depressiva será, por sua vez, impedida também. Esse fracasso poderá acarretar um reforço regressivo dos medos persecutórios e o fortalecimento dos pontos de fixação para graves psicoses (ou seja, o grupo de esquizofrenias)”¹³. Outra possível conseqüência das sérias dificuldades da posição depressiva poderá ser no adulto as perturbações maníaco-depressivas.

Retomando, vimos que de acordo com M. Klein, a maior ou menor coesão do ego logo após o nascimento deve ser considerada em conexão com a maior ou menor capacidade do ego para tolerar a ansiedade, trata-se de um fator *constitucional*. Em contrapartida, foi sugerida a hipótese de que uma multiplicação e intensificação dos perseguidores, internos e do impulso destrutivo, deva-se (além do ator constitucional) a uma *realidade externa* de fato cruel.

Portanto, acreditamos que um ambiente familiar terrorífico causa na vida de um indivíduo um grave prejuízo psíquico (exemplo: falta de vontade de viver) e físico (exemplo: somatização). O aspecto constitucional pode variar de indivíduo para indivíduo e é isto acrescido daquilo que irá determinar a “escolha” da patologia. O adoecimento dos órgãos seria apenas uma das possibilidades patológicas dentre as várias perturbações graves existentes. Outra conseqüência possível é o fortalecimento das características depressivas.

Quando o medo persecutório é muito grande, e a fuga para o objeto idealizado se torna excessiva, ocorre uma perturbação no desenvolvimento do ego que compromete as relações objetais. Por conseguinte, o ego poderá sentir-se subordinado e dependente do objeto interno – apenas um invólucro para este último. Um objeto idealizado assim, e não assimilado, deixa o ego desvitalizado, sem valores próprios.

Relembrando o que Freud disse acerca do ego ser antes de tudo um ego corporal, supomos que a

12. Klein, M. *op. cit.*, p. 201.

13. Klein, M. “Notas Sobre Alguns Mecanismos Esquizóides”. In *Os Progressos da Psicanálise*, Cap. IX, p. 315.

somatização seja produto de um ego sem vida acompanhada da característica psíquica apontada por Ferenczi como inapetência pela vida. O que reafirma a idéia da inibição das relações objetais e da oralidade como fruto de um ambiente familiar altamente frustrador e pouco, ou nada, continente.

Conclusão – Análise do indizível

O conflito é, desde início com a pulsão de morte expressa como destrutividade que inunda e gera angústia. O destino do conflito pode ir do normal ao patológico em todas as nuances e graus possíveis e imagináveis. Tudo vai depender basicamente da combinação entre fator constitucional do indivíduo e seu ambiente familiar.

Simbolizar é poder representar as fantasias inconscientes. A mãe ajuda o bebê a simbolizar, isto é, a ter algo que represente no lugar de uma falta. Nessa fase, pré-simbólica, falta é sinônimo de morte. O desamparo vivido pelo bebê reside na distância entre intensidades pulsionais e sistemas de representações.

“O desamparo é a matéria prima da análise. A psicanálise se propõe a suportar a angústia frente ao desamparo. Não promete a salvação nem a cura, mas possibilita a criação de novas formas de satisfação pulsional e do mundo simbólico (oferece objetos passíveis de ligação pulsional)”¹⁴. Em outras palavras, a psicanálise faz o papel do outro (mãe) que propicia ao bebê a ligação pulsão-objeto por meio de decodificações daquilo que não tem expressão para a criança.

Freud (1920)¹⁵ entende pulsão como pulsão de morte, isto é, não sendo organizada, não estando no campo do representacional e não se ligando a objeto. “A pulsão sexual e o mundo do desejo seriam uma construção que dependeria das vicissitudes de um outro.”¹⁶

As intensidades pulsionais aparecem na clínica sob a forma de repetição – tentativa de organização (representação) da pulsão. O campo do trabalho analítico vai além da interpretação. “O analista sai da neutralidade e vai para o campo ficcional de construção da história do sujeito.”¹⁷ Constrói a partir da transferência e contratransferência, deixando-se invadir, metabolizar e devolver o inconsciente, o núcleo psicótico. Isto ocorre sem se obter a confirmação da rememoração. Em suma, o analista auxilia na criação de um estilo para o sujeito lidar com suas forças pulsionais. Posto que, o organismo humano só é viável como biológico se for viável psiquicamente. ■

Referências Bibliográficas

- FERENCZI, S. *Escritos Psicanalíticos*. Rio de Janeiro: Livraria Taurus.
- *Obras Completas de Sigmund Freud*, Edição Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1989. Vol. XVIII – “Além do Princípio do Prazer”. Vol. XIX – “O Ego e o Id”.
- GRODDECK, G. *O livro disso*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- ISAACS, S. *Os Progressos da Psicanálise*, Rio de Janeiro: Zahar, 1986. Cap. III – “A Natureza e a Função da Fantasia”.
- KLEIN, M. *Os Progressos da Psicanálise*, Rio de Janeiro: Zahar, 1986. Cap. IX “Notas sobre Alguns Mecanismos Esquizóides”.
- *Psicanálise da Criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1975. Cap. VIII “Primeiros Estágios do Conflito Edípico e da Formação do Superego”.
- *Contribuições à Psicanálise*. São Paulo: Mestre Jou, 1981. Cap. VIII “Primeiras Fases do Complexo de Édipo”. Cap. IX “A Personificação nos Jogos das Crianças”.
- SEGAL, H. *Introdução à Obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. Cap. II “Fantasia”.

Rosa Diamand Tenenbojm

Av. Brig. Faria Lima, 1781 cj. 62

01451-001 - São Paulo - SP

14. Palestra de Joel Birman: “As conseqüências clínicas do mal-estar da civilização” (Freud, 1929-1930). Instituto Sedes Sapientiae.

15. Freud, S. “Além do Princípio do Prazer”. In *Obras Completas*, Imago, vol. XVIII.

16. Palestra de Joel Birman (idem).

17. Palestra de Joel Birman (idem).

artigos

"Mars", de Fritz Zorn Apelo melancólico de um sujeito cativo do vazio contemporâneo*

MÔNICA G.T. DO AMARAL

É uma sorte que não (sua entranhada) língua esteja se mantendo. Quero dizer com isto que, frente ao que herdamos de minha língua ou caso de alguns estrangeiros (afins) pouco feitos, reconheço uma parte que faz to' ser construído, cínico... considerando que a língua não forçada uma das principais características da minha vida... posso concluir que, desde que nasci, estou muito melhor do que o resto a tempo, antes de que possa.

Assim inicia Zorn o relato de sua "neurose", uma melancolia profunda à qual sucumbe o autor e que aqui pretendemos analisar considerando-lhe o estatuto de caso clínico. Trata-se de uma peça literária onde a acuidade e profundidade com que Zorn descreve o processo depressivo no qual mergulha,

leia como a análise crítica que faz do "março burguês" de Zurich na década de 70, nos dá elementos para uma reflexão psicológica sobre os modernos "víctims narcísicos" de personalidade. Estes fariam parte, conforme anunciou T.W. Adorno nos anos 50, das tendências parciais de subjetividade contemporânea.

1. O Caso "Mars"

A especificidade da obra literária que pretendemos analisar neste artigo, intitulada *Mars*, consiste em ser apresentada por um narrador/autor que nada mais é do que o próprio sujeito com existência infeliz é ali anunciada. Trata-se da história de um

* Este artigo corresponde, com algumas alterações, ao trabalho final apresentado para o DEA de Psicologia, Universta, Paris VII, em julho de 1982.

** Psicologia Clínica e Professora do Departamento de Psicologia da Educação, Faculdade de Ciências e Letras - UNESP

14600-001 - Araraquã - São Paulo -

1.73004, P. 1989. Tradução: Editorial por Gilberta Cavallotti, Paris, Gallimard, 1979.

"Mars", de Fritz Zorn Apelo melancólico de um sujeito cativo do vazio contemporâneo *

MÔNICA G.T. DO AMARAL **

É uma sorte que ela (sua enfermidade) tenha enfim se manifestado. Quero dizer com isto que, frente ao que herdei de minha família no curso de minha existência (aliás) pouco feliz, a coisa mais inteligente que fiz foi ter contraído câncer... considerando que a alegria não tem sido uma das principais características de minha vida... posso concluir que, desde que adoeci, estou muito melhor do que noutros tempos, antes de cair doente.

Assim inicia Zorn o relato de sua "neurose", uma melancolia profunda à qual sucumbe o autor e que aqui pretendemos analisar conferindo-lhe o estatuto de caso clínico. Trata-se de uma peça literária onde a acuidade e profundidade com que Zorn descreve o processo depressivo no qual mergulha,

bem como a análise crítica que faz do "meio burguês" de Zurich na década de 70, nos dá elementos para uma reflexão psicanalítica sobre os modernos "distúrbios narcísicos" da personalidade. Estes fariam parte, conforme anunciou T.W. Adorno nos anos 50, das tendências narcísicas da subjetividade contemporânea.

I. O Caso "Mars"

A especificidade da obra literária que pretendemos analisar neste artigo, intitulada *Mars*¹, consiste em ser apresentada por um narrador/autor que nada mais é do que o próprio sujeito cuja existência infeliz é ali anunciada: Trata-se da história de um

* Este artigo corresponde, com pequenas alterações, ao trabalho final apresentado junto ao DEA de Psychanalyse, Université Paris VII, em julho de 1993.

** Psicóloga Clínica e Professora do Departamento de Psicologia da Educação - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - 14800-901 - Araraquara - São Paulo.

1. ZORN, F. *Mars*. Traduit de l'allemand par Gilberte Lambichs. Paris, Gallimard, 1979.

“grande deprimido”², cuja queda em um estado melancólico profundo e o combate contra o sofrimento decorrente são acompanhados pela contração de um câncer linfático maligno.

Uma especificidade que confere à narrativa o estatuto de caso clínico, podendo, mesmo, servir de base para uma reflexão sobre a entrada na psicose (mais especificamente, na depressão psicótica), sobretudo se considerarmos o processo de construção do texto em questão como uma tentativa de compreensão, ou até mesmo de elaboração psíquica por parte do autor, a propósito de sua enfermidade.

Sob o pseudônimo de Fritz Zorn (suíço de Zurich), o autor relata as condições de surgimento e desenvolvimento de sua “doença” psíquica cujos primeiros sinais de recuperação ele os identifica em seu próprio câncer (considerado por Zorn como sendo de origem psicossomática). A despeito do caráter fatal deste último, a doença mesmo acabou impulsionando-o, de outro lado, a escrever sobre sua “neurose”, procurando, assim, obter uma espécie de *insight* a seu respeito.

Vejam os o que o autor afirma sobre os objetivos de seu livro: “... Não se trata, aqui, de memórias no sentido ordinário do termo, mas muito mais da história de uma neurose ou, ao menos, de alguns de seus aspectos... Gostaria de procurar recordar o máximo de coisas possíveis relacionadas a esta doença, que me parecem típicas e importantes, desde minha infância”³.

Nascido e criado no interior de um ambiente familiar burguês, que, segundo o relato de Zorn, fazia questão de simular pertencer a uma categoria superior, que vivia praticamente “à parte” da sociedade, o autor nos apresenta uma infância aparentemente

“mimada”, mas que, em seguida, trata de desmistificar. Prossegue afirmando que entre seus pais não havia lugar para a palavra “não”, nem tampouco para problemas, nem sequer para quaisquer conflitos. A “técnica” empregada era a da “dissimulação”, de acordo com a qual qualificavam-se todos os problemas como “complicados”, evitando, assim, o seu enfrentamento.

Face ao ambiente artificial criado por seus pais – onde as capacidades de desenvolver sentimentos em profundidade, de lidar com conflitos, com a sexualidade e até mesmo de julgamento do real aparecem seriamente prejudicadas – Zorn, embora tenha conseguido obter sucesso no plano da escolaridade, apresenta uma vida vazia de sentimentos e praticamente sem vínculos afetivos. Ele era só, sem amigos, sem nenhuma “possibilidade” de estabelecer contatos físicos, corporais – seja em relação aos outros, seja em relação a si próprio. Entrava, contudo, em contato contínuo com as “coisas elevadas”, ou melhor dizendo, consideradas como tais por seus pais, que identificavam na “espiritualidade” o contraponto a todos os outros “vícios” da humanidade.

O problema da educação dada pelos pais, segundo Zorn, não consistia no fato de ter sido orientada para a espiritualidade enquanto tal, mas muito mais no de ter-lhe imposto um determinado sentido a ela, completamente cindido de “tudo que constituía a vida”.

Mesmo a relação que mantinha com os estudos, ou posteriormente na Universidade quando escrevia peças de teatro para o entretenimento de seus colegas, Zorn as apresenta como atividades sem investimento, portadoras de um caráter que nos parece mais de cunho defensivo, visando esconder

2. Termo empregado por Grunberger, B. En Marge de *Mars* de Fritz Zorn, narcissisme et pulsion. In *Narcisse et Anubis - Essais psychanalytiques*. Paris, Des Femmes, 1989.

3. ZORN, F. *Op. cit.*, p. 30.

dele mesmo seu “vazio” interior.

A aparência exterior de uma pessoa sem problemas, ou de alguém que havia sempre evitado contato com a depressão (subjacente a uma existência voltada para as “coisas elevadas”), acabou se desmoronando por ocasião da entrada, aliás tardia, na adolescência, que coincidiu com seu ingresso na Universidade. Se anteriormente já havia apresentando alguns traços de clivagem do eu, esta se aprofundou no momento em que Zorn se viu obrigado a perceber suas dificuldades em estabelecer vínculos afetivos, ou mesmo relações sexuais. Dificuldades que ele sempre tentava dissimular, representando a comédia do rapaz “sem problemas” e que estava à disposição dos demais para lhes propiciar momentos prazerosos.

Entretanto, a representação de sua comédia não impediu que dele se apoderasse uma depressão profunda, ao mesmo tempo que aumentava cada vez mais a fissura de seu eu. Depressão que tendia a se cronificar, como salienta Bela Grunberger⁴, mesmo face a algumas tentativas de superá-la: quando, por exemplo, após uma icterícia grave, ele “se pôs a fazer ginástica” sem cessar, momento que lhe permitiu descobrir, pela primeira vez, que sabia dançar. Mas, isto não passava de um fato isolado em relação ao que parecia predominar em sua vida e que ele expressava escrevendo compulsivamente as palavras “soledad” e “tristeza”^{*}.

Após o falecimento de seu pai começou a ter “visões”, que podemos considerar como sendo alucinações visuais, cujo conteúdo se exprimia por meio de personagens que se tornavam cada vez mais tristes.

No final de seus estudos na Universidade, Zorn começou a dar curso de línguas romanas, estabelecendo, pois, toda uma vida prática e profissional, mas que sempre esteve acompanhada por uma espécie de “desmoronamento” interior, vendo-se assolado por uma tristeza cada vez mais intensa.

Somente a partir do aparecimento de seu câncer é que Zorn pôde se dar conta da “realidade de sua depressão”, sem máscaras, o que poderia ter-lhe propiciado o restabelecimento de sua saúde mental.

Por fim, não se pode deixar de assinalar que Zorn morreu no dia mesmo em que lhe fora anunciada a aceitação de seu livro para publicação.

II. As hipóteses de nosso trabalho interpretativo

Movem-nos basicamente duas hipóteses de interpretação: uma de ordem psicossocial e outra propriamente psicanalítica, a propósito da gênese da “depressão psicótica” experimentada por Zorn.

A primeira, que podemos situar no domínio da psicologia social, refere-se à tendência observada por Adorno desde os anos 50⁵, das modernas sociedades industrializadas a criar as condições de surgimento de personalidades narcísicas “bem” adaptadas; parece-nos ser este o caso dos pais de Zorn, vistos por ele como “representantes” da burguesia local de Zurich. São pessoas que criam um mundo vazio, desinvestido, dentro do qual conseguem até mesmo “sobreviver”, mas que, em contrapartida, acabam sendo responsáveis pelo desencadeamento de processos psicóticos em crianças “mais sensíveis”, tal como Zorn considera ter sido.

* Em espanhol, no original.

4. GRUNBERGER, B. *Op. cit.*, 1989.

5. ADORNO, T.W. *Sociology and Psychology (part I)* *New Left Review* (46): 67-81, 1967.

[ADORNO, T.W. *Zum Verhältnis Von Soziologie und Psychologie* (1955). In *Soziologische Schriften I*. Frankfurt, Suhrkamp, 1972, p. 42-85]

Trata-se de uma hipótese que constitui nosso ponto de partida; hipótese, porém, que não nos propomos a aprofundar no momento.

A segunda hipótese, propriamente objeto de reflexão deste artigo, será desenvolvida nos quadros da psicanálise.

Acreditamos que o mundo simbólico (das “coisas elevadas”), totalmente desinvestido das “coisas que constituem a vida”, tornou-se terreno propício para o desenvolvimento ulterior de uma estrutura cindida de personalidade em Zorn. A fragilidade de sua capacidade de julgamento, apresentada no começo da narrativa, parece-nos já ser índice de uma posterior estrutura psicótica, onde se opera, segundo Freud, a clivagem entre os investimentos das representações das palavras e das representações das coisas.

De outro lado, a presença de um eu fragilizado na mãe de Zorn, que se revelava em sua total submissão às opiniões do marido (pai de Zorn), em sua incapacidade de proferir julgamentos próprios, acabou por oferecer a ele um objeto edipiano com sérios distúrbios de personalidade.

O processo melancólico, que o atingiu de maneira mais intensa a partir da adolescência, parece relacionar-se com a identificação narcísica, arcaica do autor, sobretudo com a mãe, que provavelmente, em função de sua fragilidade egóica, o impediu de realizar o luto de seu primeiro objeto de amor.

Seguindo as hipóteses de Freud no artigo “A Negação” (1925)⁶ e as de outros autores como Lacan e André Green, consideramos que, no caso de Zorn, a impossibilidade de fazer face à perda original de objeto acarretou-lhe dificuldades na passagem do

juízo de atribuição ao juízo de existência, ou mesmo do eu-prazer ao eu-real, o que poderia explicar as perturbações em sua capacidade de julgamento do real, acompanhadas, em seguida, de uma clivagem cada vez mais profunda de seu eu.

III. Ensaio de Análise

Mesmo em se tratando de um caso de depressão profunda, que se tornou uma depressão psicótica, não se pode negar que Zorn, até nos momentos delirantes, demonstra aguda compreensão da fragilidade do ambiente familiar criada por seus pais, aos quais atribui as origens de seus infortúnios. Vendo-se como “resíduo das frustrações e preconceitos burgueses”, o autor imputa seus males a um excedente em relação ao ordinário. Ele foi “devorado em demasia” pelos “problemas mal digeridos” e “neuroses” de seus pais. Embora os apresente como representantes do gênero de “pais do meio burguês de Zurich”, sua especificidade consistia em um aspecto quantitativo que, à primeira vista, poderia parecer irrisório, mas que para ele foi a “gota d’água”.

Vejamos como o autor descreve este aspecto quantitativo que distinguia seus pais do meio burguês em que viviam e com que acuidade e ironia denuncia o declínio deste mesmo meio:

Eles não eram repreensíveis de modo particular, eles eram somente um pouco mais repreensíveis que outros pais também repreensíveis do mesmo meio burguês. Eles não eram nem mesmo piores que outros pais (eu já havia salientado que eram até mesmo pessoas positivamente gentis), eles eram um pouco mais degenerados do que se é *a priori* na Margem dourada de Zurich, já então bastante dege-

6. FREUD, S. A Negação (1925) In: Carone, M. “A Negação”: um claro enigma de Freud. *Discurso* (Revista do Depto. de Filosofia da FFCLH da USP) (15): 125-132, 2º sem. de 1983.
(FREUD, S. *Die Verneinung* (1925). G.W., vol. XIV, 1955, p. 11-15)

nerada. Eles eram um pouco mais burgueses, um pouco mais inibidos, um pouco mais inimigos da vida, um pouco mais inimigos da sexualidade, um pouco mais asseados, um pouco mais *como se deveria ser*, um pouco mais suíços que seus vizinhos que também o eram – e são justamente estes “pouco a mais” que agora estão me matando⁷.

De sua parte, o que acrescenta ele?

E quanto a mim? Eu era simplesmente um pouco mais sensível do que outras crianças comuns e é por isto que eu resisti muito menos ao meu meio, comparado com outras crianças.⁸

Ou seja, seguindo a linha do próprio desabafo de Zorn, parece-nos que seu sofrimento e sua depressão se deveram às dificuldades que teve para suportar a falsidade, o cinismo de um meio social cuja finalidade última significava a negação daquilo que deveria constituir o “telos” da vida humana. “O indivíduo isolado, o puro sujeito da auto-conservação, encarna, em oposição absoluta à sociedade, o mais íntimo de seus princípios”⁹.

Esta foi a análise feita por Adorno, nos anos 50, a respeito dos rumos das sociedades industrializadas avançadas, que, no caso, parece ressurgir no discurso de um sujeito cativo dos “modernos distúrbios narcísicos” de personalidade, a propósito do meio burguês da “Margem dourada de Zurich”, nos anos 70.

É preciso ponderar que o autor teve condições de fazer esse julgamento sobre seu meio, com tamanha clareza, somente no final do livro, momento que correspondeu, de outro lado, ao agravamento do câncer que o atingia, mas que, ao mesmo tempo,

significou uma tentativa desesperada de sua parte de obter a “cura”, senão de sua doença física, ao menos de seu sofrimento psíquico.

Julgamento do real que demonstra, como salientamos acima, extrema acuidade, a qual só se pode explicar supondo existir dentre os psicóticos, como afirma Maurice Dayan, uma capacidade aguda de compreensão da realidade que os cerca. Capacidade que se estende, segundo este autor, para “além das coisas imediatamente perceptíveis”, incluindo-se aí “comportamentos virtuais dos outros e desejos inconscientes dos mesmos”¹⁰.

Embora Dayan tenha feito estas observações especificamente sobre a paranóia, não poderíamos supor algo semelhante a propósito de outras perturbações de ordem narcísica?

Analisemos do ponto de vista psicanalítico quais eram os problemas do ambiente familiar de Zorn, que desde a infância contribuíram para a construção de uma estrutura psíquica que apresentava indícios de uma posterior estrutura psicótica.

Zorn relata, desde o começo de sua narrativa, em detrimento do que, estabelecia-se em sua casa a mais perfeita harmonia familiar. Harmonia que ele qualifica como “supérflua” e “mentirosa”, mantida por seus pais a qualquer preço, evitando, desse modo, todos os tipos de conflitos e a própria necessidade de enfrentá-los.

Durante a infância, Zorn não havia sequer ouvido de seus pais a palavra “não”, a propósito do que, faz o seguinte comentário: “Foi provavelmente na escola que esta palavra entrou um dia em meu vocabulário; efetivamente, não a empregávamos em casa, na medida em que era tida como *supérflua*”¹¹.

7. ZORN, F. *Op. cit.*, p. 229.

8. *Id.*, *ibid.*, p. 229.

9. ADORNO, T.W. *Op. cit.*, 1967, p. 77.

[Adorno, T.W. *Op. cit.*, 1972, p. 55]

10. DAYAN, M. *Les Relations au Réel dans la psychose*. Paris, PUF, 1985, p. 223.

11. ZORN, F. *Op. cit.*, p. 33.

Ora, Freud salienta no artigo “A Negação” (1925)¹², a importância da mesma para a construção da função intelectual do juízo bem como para a formação do eu-narcísico, processos estes considerados enquanto fundamentos do psiquismo.

Zorn “confirma” estas hipóteses no momento em que, por exemplo, nos faz ver como a ausência do “não”, a ausência de conflitos no seio de uma educação voltada sempre para as “coisas elevadas” e que, de outro lado, desviava-se de tudo o que era considerado complicado, o impediu de construir seus próprios julgamentos acerca de vários aspectos comuns da vida cotidiana; o que acabou contribuindo para o empobrecimento de sua personalidade.

Vejamos como o próprio autor julga os tempos de sua infância:

Naquela época eu nada sabia julgar, não tinha preferências pessoais ou mesmo gosto individual, ao contrário, em tudo eu seguia a opinião salutar dos demais, desta comissão de pessoas nas quais eu reconhecia a capacidade de julgamento, que representava o público, que sabia o que era justo e o que era falso¹³.

Zorn atribui a fragilidade de sua personalidade à iniciação à “arte da dissimulação” face a tudo que pudesse acarretar problemas, que ele aprendeu, aliás, junto a seus pais desde os primórdios de sua infância.

Pela descrição de sua mãe e, particularmente, pela descrição da maneira pela qual esta evitava conflitos, pode-se deduzir, como bem ressalta Grunberger,

que se tratava de alguém que tinha um “eu totalmente enfraquecido”¹⁴.

A palavra “complicado” era, segundo Zorn, a “palavra mágica” pronunciada com frequência por sua mãe, “a palavra chave que permitia pôr de lado todos os problemas não resolvidos, excluindo assim de nosso mundo intacto tudo que era incômodo e desarmonioso”¹⁵. Além disso, ela seguia incondicionalmente a opinião do marido.

Esta falta de opinião própria de sua mãe, segundo Zorn, evidenciava-se pela expressão “ou bem isso”, “ou bem aquilo”, frequentemente empregada por ela. “Constatava qualquer coisa e depois acrescentava: ou bem pode ser outra coisa”¹⁶.

Em seguida, Zorn se pergunta: “Mas, o que seria aqui a realidade?”

Seu objeto edipiano caracterizava-se, portanto, por uma fragilidade marcante de personalidade, o que pode nos oferecer outras pistas para o entendimento não apenas sobre a fraqueza da capacidade de julgar de Zorn, mas também de seu próprio senso de realidade. Faculdades que, aliás, ele as adquiriu em parte após ter se submetido a diversas análises, cujos avanços parecem ter sido precipitados com o surgimento de seu câncer.

De outro lado, seu pai preferia empregar a expressão “sem comparação”, quando se tratava de coisas entre as quais seria possível estabelecer relações, o que deixava, segundo o autor, tudo “em suspenso, no vazio”.

12. FREUD, S. Op. cit., p. 33.

[FREUD, S. Op. cit. (1925), 1955]

13. ZORN, F. Op. cit., p. 36.

14. GRUNBERGER, B. Op. cit., p. 347.

15. ZORN, F. Op. cit., p. 39.

16. Id., ibid., p. 47.

Assim conclui Zorn, a propósito da imagem cindida de mundo criada em seu meio familiar:

Era esta, portanto, minha imagem de mundo. Nele não havia conflitos, não podiam nem mesmo existir, pois as coisas do mundo deslizavam, entrecruzando-se sem a menor fricção entre si, no interior de um sistema onde se excluíam todas as relações¹⁷.

Face a consequências de um ambiente que criava um mundo “em suspenso”, “sem fricção”, que Zorn, como ele próprio salienta, tornou-se “um desses ‘troços’ suspensos no espaço frio e irreal”¹⁸. Sensação que nele permaneceu latente até sua mais completa imersão em um processo depressivo profundo, desencadeado a partir da adolescência.

O mundo “vazio” criado pelos pais de Zorn nos faz lembrar das considerações de Freud, na última parte do artigo “O Inconsciente” (1915)¹⁹, a respeito das particularidades que o investimento das representações da palavra e da coisa adquirem na esquizofrenia. Segundo o autor, a linguagem do esquizofrênico sofre um certo número de modificações, tais como: a desorganização na construção de frases, a utilização da linguagem de “órgão”, onde a referência ao corpo torna-se freqüente. As palavras, enfim, são submetidas ao processo psíquico primário: “São condensadas e, por meio do deslocamento, transferem integralmente, umas às outras, os seus investimentos; o processo pode ir tão longe que uma única palavra, apta para tal devido às suas múltiplas relações, toma para si a sub-rogação de toda uma cadeia de pensamentos”²⁰.

Este processo torna-se possível porque se produz uma espécie de fuga do eu nas “neuroses narcísicas” por meio de um mecanismo que Freud hesita em considerar como sendo proveniente da repressão, de acordo com o qual o investimento pulsional da representação do objeto torna-se inconsciente sendo que “as representações da palavra que lhe correspondem” devem, ao contrário, experimentar “um investimento mais intenso”²¹.

No caso de Zorn, supomos que o meio familiar favoreceu, desde sua infância, a criação das condições para o desencadeamento de um processo psicótico ulterior, na medida em que o universo simbólico de seus pais apresentava-se de tal modo que as palavras já se viam “suspensas no ar”, com um conteúdo de mais a mais abstrato, sem ligação com o mundo real. Em termos freudianos, diríamos que se tratava de um universo simbólico onde o investimento das representações da palavra encontrava-se de algum modo cindido do investimento das representações da coisa. Queremos dizer com isso que o ambiente familiar de Zorn já era revelador de sua posterior estrutura psicopatológica.

O processo descrito envolve, pois, uma clivagem ao nível da linguagem, mas que encontra ressonâncias tanto no pensamento, quanto ao nível pulsional, como se pode verificar a partir da argumentação desenvolvida por Freud no artigo “A Negação” (1925)²². Uma outra questão para a qual se deve atentar é o fato de que o processo psicótico experimentado por Zorn apresenta caracteres mais próximos da melancolia, sendo que apenas em alguns

17. Id., *ibid*, p. 43.

18. Id., *ibid*, p. 44.

19. FREUD, S. *L'inconscient* (1915). Oeuvres Complètes. vol. XIII (1914-1915). Direc. scientifique - J. Laplanche. Paris, PUF, 1988.

[FREUD, S. *Das Unbewusste* (1915) G.W. vol. X, 1949, p. 263-303.

20. Id., *ibid*, p. 237.

[Id., *ibid*, pp. 297-298]

21. Id., *ibid*, p. 242.

[Id., *ibid*, p. 302]

22. FREUD, S. *Op. cit.* (1925), 1993.

[FREUD, S. *Op. cit.* (1925), 1955]

momentos aparecem traços de esquizofrenia, o que lhe confere uma especificidade a ser explorada.

A despeito desta especificidade, consideramos ser possível obter uma compreensão mais aprofundada sobre a dinâmica do psiquismo de Zorn, sobretudo da gênese das perturbações por ele apresentadas nos planos da linguagem, do julgamento e mesmo sobre a clivagem cada vez mais intensa de seu eu a partir do artigo de Freud acima mencionado.

Este artigo traz uma nova contribuição à última teoria das pulsões (de Vida e de Morte), às formulações sobre o narcisismo, em particular àquelas que Freud introduziu no artigo "Pulsões e Destinos das Pulsões" (1915)²³, restabelecendo, desse modo, as relações como afirma André Green (1972), entre "as formas de atividade intelectual (juízo de atribuição e de existência) e as formas da vida pulsional originária (oral)"²⁴.

No que se refere propriamente ao objeto da presente análise, ou seja, as relações entre a ausência do "não", a supressão das contradições na educação dada a Zorn e a fragilidade em sua capacidade de julgar, não se pode deixar de salientar que a negação aparece no texto freudiano como condição para o desenvolvimento da função do juízo e do próprio pensamento como um todo.

A concepção de que a negação seria o símbolo do reprimido permite entrever a independência do pensamento em relação às restrições da repressão e com isso, como afirma Freud, "também da coação do princípio do prazer", podendo ser produzido independentemente de uma aceitação afetiva. Pode-

se presumir, nesse sentido, que não somente o pensamento seja enriquecido pela negação, mas também que esta torne-se condição do surgimento do primeiro.

De outro lado, a descoberta da participação da função do juízo no interior da negação (enquanto aceitação intelectual do reprimido) levou Freud a estabelecer relações mais estreitas entre esta função e suas origens pulsionais, que lhe pareciam se reportar às mais arcaicas, caracterizadas como orais.

Se retomarmos a argumentação de Freud no referido artigo, a respeito exatamente das duas decisões que a função do juízo deveria tomar, a saber, da atribuição e da existência, acreditamos poder elucidar o momento em que deveria se produzir a ruptura das estruturas de caráter psicótico, o que permite, de outro lado, levantar hipóteses para uma compreensão da fragilidade da capacidade de julgar em Zorn e mesmo de suas dificuldades em proceder ao exame do real.

Segundo Freud, a função do juízo teria, pois, duas decisões a tomar. Uma que consiste em afirmar ou negar os conteúdos do pensamento, outra que diz respeito à existência de uma coisa representada. "Ela deve conferir ou recusar a uma coisa uma determinada qualidade e deve admitir ou contestar se uma representação tem ou não existência na realidade"²⁵.

A decisão que diz respeito à atribuição, apresentada por Freud por meio da contraposição entre eu/interior/bom e fora do eu/exterior/mal, pressupõe senão um eu constituído, ao menos um eu em

23. FREUD, S. - *Pulsions et Destins des Pulsions* (1915) Oeuvres Complètes, vol. XIII (1914-1915). Direc. Scientifique - J. Laplanche. Paris, PUF, 1988.

[FREUD, S. *Tribe und Triebchicksale* (1915). G.W. vol. X, 1949, p. 210-232]

24. GREEN, A. Cannibalisme: réalité ou fantasme agi? *Nouvelle Revue de Psychanalyse* (6): 27-52. Gallimard, automne 1972, p. 47.

25. FREUD, S. *Op. cit.* (1925), 1993, p. 130.

[FREUD, S. *Op. cit.* (1925), 1955, p. 13]

constituição. Refere-se ao momento em que o eu-prazer originário expulsa de si tudo o que pode acarretar desprazer, constituindo-se, na verdade, a partir do que não é excluído e estabelecendo, assim, as condições para a bipartição dentro/fora.

Note-se que esta bipartição é anterior a todo juízo, que pressupõe, por sua vez, o duplo processo de se auto-engendrar, ao mesmo tempo que de se autodiferenciar do exterior; duplo processo que o eu-prazer deve experimentar para que se realize sua transformação em eu-real.

A outra decisão a ser tomada pela função do juízo, que se apóia na “existência real de uma coisa representada (prova de realidade)”, encontra-se na dependência do desenvolvimento do eu-real, momento em que se viabiliza a “oposição entre o subjetivo e o objetivo”. De acordo com Freud, essa oposição “só se estabelece pelo fato de que o pensamento tem a capacidade de voltar a tornar presente uma coisa já percebida, graças à reprodução na representação, sem que o objeto exterior precise mais existir”²⁶.

No final do artigo, Freud identifica nestes dois níveis do juízo, atribuição e existência, a gênese lógica respectivamente do pensamento e da ação, que se encontrariam apoiados na dialética das Pulsões de Vida e de Morte.

A *pulsão de destruição* manifesta-se, segundo Freud, por meio da expulsão (constitutiva do mundo exterior), que encontra seu equivalente na *negação*, da qual dependerá, por sua vez, a readmissão no interior do sujeito daquilo que havia sido anteriormente excluído. Em contrapartida, *Eros*, em função de sua tendência a unir e ligar, tem como

equivalente a *afirmação* que se encontra, por sua vez, intimamente relacionada à constituição do eu.

Uma outra questão assinalada por Freud, no que concerne à prova de realidade, é que não se trata de descobrir um objeto real que corresponda ao objeto representado, mas sim de “reencontrá-lo”. O que significa que “a condição para a instalação da prova de realidade” consiste em que “tenham sido perdidos os objetos que um dia proporcionaram uma real satisfação”²⁷.

A esse respeito, pode-se levantar a questão que se segue:

Se o adulto, no caso a mãe de Zorn, como primeiro objeto de amor da criança, apresenta uma organização frágil de seu próprio eu – o que, aliás, parece explicar sua incapacidade de emitir opiniões próprias – tal fragilidade não contribui para o abalo na constituição do eu-real narcísico do sujeito e de sua capacidade de julgar o real? Não seria este o caso de Zorn? De outro lado, não terá esta mãe falhado em oferecer a Zorn uma satisfação real enquanto seu objeto de amor primordial?

E se a prova de realidade depende desta perda originária de objeto para que seja posteriormente reencontrado, no caso em que tal perda não tenha ocorrido efetivamente, a questão a ser levantada é:

Como se pode reencontrar alguma coisa que jamais existiu, ou que existiu de modo bastante fugaz?

Pudemos verificar, como resultado do possível abalo na constituição do eu-real em Zorn, não somente uma incapacidade de proferir julgamentos próprios, mas também sérios problemas de rela-

26. Id., *ibid*, p. 130.

[Id., *ibid*, p. 14]

27. Id., *ibid*, p. 131.

[Id., *ibid*, p. 14]

cionamento, sobretudo no campo sexual. Como salienta Grunberger, as relações em geral encontravam-se ausentes em todos os domínios da vida de Zorn; não se pode deixar de reconhecer que ele “jamais manteve relações sexuais, jamais desejou tê-las, nem homo nem heterossexuais, nada”²⁸.

Ausência esta que não pode ser atribuída somente à extrema fragilidade egóica da mãe de Zorn, mas também em função da incapacidade de seu pai de estabelecer relações, sejam elas quais forem, “entre coisas diferentes”.

Mas o que entraria em jogo na perda de objeto, necessária, segundo Freud, tanto para a constituição do eu-real narcísico, quanto para o estabelecimento do exame do real, senão a repressão primária?

Será que poderíamos supor uma espécie de fracasso da repressão primária no desencadeamento da psicose? Neste caso, qual seria o mecanismo específico de defesa da psicose que poria em risco tal processo primário de repressão?

Freud menciona o termo “rejeição”²⁹ concepção que, de acordo com Laplanche-Pontalis³⁰, poderia ser considerada como protótipo do conceito de forclusão, ulteriormente desenvolvido por Lacan.

Segundo as formulações dos autores em o *Vocabulário da Psicanálise* (1967) a esse respeito, Lacan teria desenvolvido o conceito de forclusão, enquanto mecanismo de defesa da psicose, a partir das indicações dadas por Freud sobretudo no artigo de 1925, “A Negação”.

Para Lacan, nos quadros do processo primário, a forclusão “comporta duas operações complementares: a *Einbeziehung ins Ich*, a introdução no sujeito, e a *Ausstossung aus dem Ich*, a expulsão fora do sujeito. A primeira destas operações é designada por Lacan como ‘simbolização’ ou *Behabung* (posição, afirmação) ‘primária’. A segunda ‘constitui o real como o domínio que permanece fora da simbolização’. A *forclusão* consiste então em não simbolizar aquilo que deveria sê-lo (a castração): trata-se de uma ‘supressão simbólica’”³¹.

Na medida em que a “supressão simbólica” é situada do lado da afirmação, momento ligado à constituição do eu, pode-se deduzir que seria exatamente na bipartição de dentro e fora, entre a afirmação e a negação que se produziria a falha constitutiva do eu na psicose.

Mas resta ainda uma questão a propósito da especificidade da estrutura da melancolia que, no caso de Zorn, denominamos “depressão psicótica”.

Encontramos alguns esclarecimentos a esse respeito no artigo mencionado de André Green, “Cannibalisme: réalité ou fantasme agi?” (1972).

Sem pretender aprofundar na argumentação do autor, gostaríamos, ao menos, de salientar algumas passagens do texto de modo a procurar elucidar o processo específico envolvido na melancolia.

Se considerarmos, como afirma Green, que “a passagem do juízo de atribuição ao juízo de existência está fundada no luto do objeto”, poderíamos

28. GRUNBERGER, B. *Op. cit.*, p. 346.

29. Como por exemplo em: Freud, S. *Psychonévroses de défense* In: *Névrose, Psychose et Perversion*. Traduit de l'allemand sous la direction de J. Laplanche. Paris, PUF, 1992.

[FREUD, S. *Die Abwehr - Neuropsychosen*. G.W. vol. I, 1952, p. 57-74] e FREUD, S. *Homme aux Loups*. In: *Cinq Psychanalyses*. Traduit de l'allemand par Marie Bonaparte et Rudolph M. Loewenstein. Paris, PUF, 1992.

[FREUD, S. *Aus Der Geschichte Einer Infantilen Neurose*. G.W. vol. XII, 1917, p. 27-157]

30. LAPLANCHE, J. et PONTALIS, J. - B. *Vocabulaire de la Psychanalyse*. Paris, PUF, 1990.

31. Id., *ibid*, p. 166.

pensar que, particularmente na melancolia, o luto do objeto far-se-ia à maneira da incorporação canibal do mesmo.

Em seguida, Green nos chama a atenção para as origens do superego arcaico, ou, como diria Freud, da “sombra do objeto” com a qual o eu se põe em luta, no caso da melancolia: “o eu realiza a clivagem em bom (a incorporar) e mal (a expulsar), após a qual o produto internalizado da incorporação cinde-se novamente. Divide-se em eu-consciente (aceito pelo superego) e eu-inconsciente reprimido (recusado pelo superego)”³². Por fim, o autor esclarece que como a aceitação ou a recusa dependem do “Outro” interno – que seria “ao mesmo tempo o inconsciente e o superego propriamente ditos”, ou seja, as instâncias respectivamente “do desejo e da Lei” – o conflito na melancolia instaura-se a partir do momento em que uma nova clivagem é produzida entre estes dois aspectos do “Outro”.

Para finalizar, pode-se pensar, seguindo as hipóteses de Green, que a “depressão psicótica” na qual mergulhou Zorn deveria ser atribuída a uma possível identificação “canibal” em relação à imagem parental, sobretudo de sua mãe, cujo universo simbólico carecia praticamente de investimento, o que acarretou ao primeiro sérias dificuldades em integrar suas próprias representações de palavras e coisas. A fragilidade em sua capacidade de julgamento do real pode ser explicada a partir de uma possível ruptura produzida na passagem do juízo de atribuição ao juízo de existência, em função da impossibilidade de fazer o luto de um objeto que, como foi visto, não parece ter sido de modo algum satisfatório.

Zorn desenvolveu, ao nosso ver com dificuldades, um eu-real que deve ter se cindido novamente em eu-consciente, aceito pelo superego (voltado para as “coisas elevadas”, “sem problemas”, porém sem investimento) e eu-inconsciente, rejeitado pelo superego e reprimido (vazio, arrasado pela depressão), até o momento em que se evidenciou a realidade de sua depressão. Uma experiência dolorosa que poderia ter significado um passo decisivo para o sucesso de sua análise, mas que não pôde ter continuidade dado o estado avançado do câncer que o atingiu. ■

Summary

“Mars”, by Fritz Zorn – Melancholic Appeal of a Captive person of the contemporary emptiness.

The present article discusses a literary work entitled “Mars” which was taken as a clinical case of melancholy. The acuity and intensity described by Zorn (the author) of his own depressive process, as well as his critical analysis of Zurich’s bourgeois environment, allows us a psychoanalytical approach on modern “narcissistic disorders” of the personality.

These disorders announced by T.W. Adorno, in the fifties, would be part of the narcissistic tendencies of the contemporary subjectiveness.

Mônica Guimarães Teixeira do Amaral

Rua Piracuama, 197 - Sumaré
São Paulo - SP

32. GREEN, A. *Op. cit.*, p. 48.

Algumas reflexões sobre a psicose a partir da teoria de Piera Aulagnier*

ANETE MARIA BUSIN FERNANDES**

Introdução

O que é ser psicótico? Qual o sentido do pensamento delirante na psicose?

Fazer um recorte no conjunto dos aspectos que estão presentes no enigmático mundo do psicótico é o que me proponho neste trabalho.

Pretendo aqui considerar o uso que o psicótico faz do delírio como uma tentativa de manter algum tipo de ligação com a realidade, através de sua remodelagem.

Neste percurso começarei abordando a transformação sentida desde fora – como se o mundo tivesse ficado diferente.

Posteriormente farei uma relação entre a atividade de pensar e os seus primórdios, ligados à manifes-

tação de desejo que inicialmente está colocada no Outro¹, mas cuja apropriação deverá se fazer sentir para que se constitua como sujeito e agente de seu próprio pensamento e não submetido ao pensamento de outrem.

Por submissão do pensamento designo a entrega da própria capacidade de pensar a outro, o que leva o indivíduo a adotar julgamentos e teorias que não são próprios, repetindo-os de forma mecânica, por não conseguir se utilizar dos fatos da experiência como condição que dá suporte às próprias representações. Isto torna o sujeito porta-voz de uma verdade que jamais é verificada pela própria experiência.

A hipótese que lanço, partindo da teoria de Piera Aulagnier, é a de que no delírio o psicótico faz uma tentativa desesperada de se libertar dos grilhões que o aprisionam ao pensamento do outro, cons-

* Monografia apresentada no encerramento do curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae - 1993.

** Psicanalista pelo curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

1. Outro aqui será usado como na acepção lacaniana para designar não o "sujeitinho que se encontra na rua", mas o suporte de que todo sujeito depende para constituir-se: a mãe (o primeiro representante do Outro), o nome do pai, que por sua vez carrega o nome de seu pai, "uma idéia de homem, de Deus, de Estado, de ditador, de ordem ... a cultura ...". Cathérine Clément (1981). *Vidas e lendas de Jacques Lacan*. São Paulo: Moraes, 1983. Tradução Mc Kneese, pp. 16-17.

truindo um modo muito próprio de estabelecer uma certa causalidade ali onde ela está silenciada – poder contar sua própria história desde as origens. Poder construir a sua história identificatória. A escolha da teoria de Piera Aulagnier deve-se ao fato de que esta coloca acento sobre o pensamento e o estar condenado a investir, como as duas funções primordiais do Eu.

Para Aulagnier, o Eu ou instância enunciante é responsável pelas representações ideativas e pelas atribuições de sentido. O Eu é a instância constituída pelo discurso do meio social, mediatizado por um meio psíquico organizado pelo desejo e pelo discurso do casal parental.²

Diz a autora:

Na sua totalidade, o Eu é formado pelo conjunto dos enunciados que tornam dizível a relação da psique com os objetos do mundo por ela investidos e que ganham valor de referências identificatórias, de emblemas reconhecíveis pelos outros Eus que cercam o sujeito.³

Trabalharei inicialmente com os conceitos de representação e identificação a partir do referencial de Piera Aulagnier, pois os considero como fundamentais para a compreensão do ser psicótico e do pensamento delirante, que me proponho a analisar posteriormente. Trago como material auxiliar para a compreensão dos conceitos a serem desenvolvidos, fragmentos da história de uma cliente de 39 anos de idade, casada, professora de deficientes auditivos, em análise há dois anos, e que chamarei de Márcia. Esse material clínico permitiu-me compreender o papel que o delírio teve para esta cliente, no sentido de lhe possibilitar algum investimento na realidade, dentro de uma crise psicótica, princi-

palmente um investimento ligado à atividade de pensar – pensar suas próprias relações com uma realidade que momentaneamente lhe parecia ter-se transformado.

O que me impulsiona a realizar esta análise é o modo tão presente na clínica da psicose na qual se alternam expressões tão criativas e exuberantes nos momentos de delírio, contra outros momentos de esterilidade inquietante para o analista, onde o silêncio se faz presente nos escaninhos do divã em que se esconde o psicótico. Esconde-se de que? Não seria o silêncio uma tentativa de segurar, impedir esta avalanche que rompe efusivamente a barreira do recusado, longe e fora de qualquer possibilidade de contenção? No psicótico é o pensar que está interdito; ele permanece demandante sem acesso ao desejo.

Goldgrub fala que onde o neurótico aceita pagar o preço de um substituto-testemunha, ou seja, o sintoma, uma modificação interna, o delírio do psicótico, ao contrário, instala a idéia inadmissível na realidade, conseguindo dessa maneira uma auto-absolução ao custo de desfigurar por condenação irrevogável o mundo à sua volta.⁴

I. É o mundo que se transforma

O melhor seria anotar os acontecimentos dia a dia e manter um diário para que estes possam ser percebidos com clareza. Não deixar escapar as nuances, os pequenos fatos, ainda quando pareçam insignificantes, e sobretudo ordená-los. É preciso determinar exatamente a extensão e a natureza dessa mudança.

2. Piera Aulagnier (1975). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Tradução de Maria Clara Pellegrino. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p. 105.

3. Piera Aulagnier (1975). *Op. cit.* p. 136.

4. Franklin W. Goldgrub (1985). *Comentários sobre a cronologia e a estrutura da obra freudiana*. 1ª Edição. CETEC, pp. 33 - 34.

Por exemplo, eis aqui uma caixa de papelão que contém meu frasco de tinta. Seria preciso tentar dizer como o via antes e como atualmente eu a (*). Pois bem, é um paralelepípedo retangular, destaca-se sobre _____ (**) é tolo, não há o que dizer a respeito. É isso que tem que ser evitado; é preciso não colocar estranheza onde não existe nada.

Creio que é esse o perigo, quando se faz um diário; exagera-se tudo, vive-se à espreita, deforma-se constantemente a verdade. Por outro lado, é certo que posso, de um momento para o outro – e precisamente em relação a esta caixa ou qualquer outro objeto – experimentar novamente a impressão de anteontem. Tenho que estar sempre preparado; do contrário, ela mais uma vez escaparia. É preciso nada (***) mas anotar cuidadosamente, e com a maior minúcia, tudo o que ocorre.

Naturalmente, já não posso escrever nada de preciso sobre aquelas histórias de sábado e de anteontem, já estou muito distanciado delas; só posso dizer que, tanto num caso como no outro, não houve nada do que se chama comumente um acontecimento.

Sábado, os meninos brincaram com pedras, fazendo-as ricocheteiar, e quis imitá-los e jogar uma no mar. Nesse momento, detive-me, deixei cair a pedra e fui embora. Provavelmente estaria com um ar perdido, já que os meninos riram quando lhes dei as costas.

É isso, quanto ao exterior. O que aconteceu em mim não deixou vestígios claros. Havia algo que vi e que me desagradou, mas já não sei se estava olhando para o mar ou para o seixo. O seixo era achatado, seco de um lado, úmido e lamacento do outro. Eu o segurava pelas bordas, com os dedos muito afastados, para não me sujar.

Anteontem foi muito mais complicado. E houve também essa seqüência de coincidências, de quiproquós que não consigo entender. Mas não vou perder tempo colocando tudo isso no papel. Enfim, é fora de dúvida que tive medo, já teria dado um grande passo.

O curioso é que absolutamente não me sinto inclinado a me considerar louco e vejo até, com toda evidência, que não estou louco: todas essas mudanças dizem respeito aos objetos. Pelo menos é disso que gostaria de ter certeza.⁵

Se não fosse Sartre em sua introdução de *A Náusea*, esta bem poderia ser a fala tão familiar dessa experiência de transformação que o psicótico nos traz.

Estranheza, mudança – transformação onde tudo deveria permanecer como sempre. Essa experiência de que a transformação está acontecendo fora, no mundo, é como um modo de amenizar o turbilhão de mudanças que estão acontecendo dentro, ir contra os desígnios que se fizeram ouvir desde sempre para que nada mude, para que tudo permaneça como está.

Para Aulagnier, permanência e mudança são os dois princípios do funcionamento identificatório, elementos fundamentais na constituição do Eu. A permanência evita o risco da eclosão da psicose. Como é impossível que nada mude e como o indivíduo não está aberto a mudanças que lhe permitam se reconhecer naquilo em que se torna ou naquilo em que seu mundo se transforma, a “potencialidade psicótica”⁶ se manifesta.

Referindo-se à sua importância e aos riscos que podem atingir esse Eu se algo ameaçar a consecução desses dois princípios, Aulagnier diz:

* Nota : espaços assinalados com (*), (**): palavras deixadas em branco ; (***) : palavra rasurada, talvez “forçar” ou “forjar” (uma outra palavra escrita por cima está ilegível)

5. J. P. Sartre (1938). *A náusea*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2ª Edição. Tradução de Rita Braga, 1983, pp. 13-14.

6. Piera Aulagnier (1984). O conceito de Potencialidade e o efeito do encontro. In *Aprendiz de historiador e o mestre feiticeiro*. pp. 227-249.

Que nada mude: Se o sujeito pudesse, sem o menor desvio, se curvar a essa injunção enunciada primeiramente pela voz materna e interiorizada como um interdito num segundo tempo, a potencialidade psicótica e o compromisso identificatório que a subentende, estariam protegidos de qualquer risco de atualização. Porém, uma tal obediência está fora do poder do sujeito que não pode proteger-se da ação do tempo, desses acontecimentos representados pela morte do outro, dos acidentes que podem atingir seu próprio corpo, modificando-lhe sua representação psíquica, nem tão pouco desses acontecimentos que podem perturbar o campo social confrontando-o com a precariedade, a instabilidade do lugar que ele pensara ocupar.

Que tudo mude: é nesses termos que se poderia formular a ordem social que às vezes acolhe e atinge o sujeito em sua saída do mundo infantil. Injunção igualmente impossível de ser respeitada, a menos que o Eu renuncie simplesmente a ser, para se transformar num robô programado por outros.⁷

No psicótico não há ideais investidos mas investido está um Eu passado que não sofreu as devidas remodelagens graças à castração simbólica. Trata-se de um Eu que se submeteu ao veredito materno – “que nada mude”. As mudanças inevitáveis – externas ao Eu e presentes até mesmo no próprio corpo, tiram-lhe o chão, o suporte de sua própria identificação. A dúvida gera sofrimento; daí, a busca da certeza – a certeza delirante. Neste aspecto reside uma das forças de atração do originário. Mais adiante retomarei o sentido do conceito de originário na obra de Aulagnier.

Falar com um Outro que muitas vezes é barulho. Poder ligar-se a sons, ora altos, ora baixos, tal como os movimentos do corpo e o pulsar materno, marcados por sensações – volta a um originário. Ten-

tativa de voltar para poder se constituir ali desde onde existe um não-Eu, é o que Márcia expressa no seu delírio.

Eis que entra em cena a voz de Márcia:

Eu me ligava ao barulho da geladeira, ficava quieta, esperando seu chamado. Quando ele ficava mais intenso eu sabia que ele queria se comunicar comigo. E daí eu ia e ficava em frente à geladeira e nós nos comunicávamos.

Neste fragmento de sua história chama atenção a relevância dada ao ouvido, ao escutado; o estar desligada de todo o resto mas estar ligada ao som da geladeira. E Márcia continua a relatar sua história:

Foi o barulho, o som que me chamou para essa conversa, e porque tudo cabia ali, um lugar fechado hermeticamente. E falava tudo o que eu queria ouvir – há muito tempo...

Eu tinha passado por um verdadeiro terremoto, por uma revolução que tinha começado com uma conferência sobre sexualidade masculina. Aquilo foi a gota d'água.

Meu casamento que já não ia bem, desmantelou. Ali estava a confirmação. Meu marido era um homossexual.

Na conferência a psicóloga dizia: todo homem que precisa se excitar através de filmes pornográficos é um homossexual. Aquilo acontecia entre nós, ele me obrigava a assistir aquelas indecências antes das nossas relações sexuais.

Meu mundo desmoronou, já não sabia mais nada, nem de mim, nem de ninguém.

7. Piera Aulagnier (1984). Os dois princípios do funcionamento identificatório: permanência e mudança. In *Um intérprete em busca de sentido*. Vol. I. Tradução de Regina Steffen. São Paulo: Escuta, 1990, p. 192.

Essas idéias me tomavam toda e já não conseguia pensar mais. Fazia meu projeto de mestrado, e de repente as idéias fugiam. Não conseguia ler um texto, nem acompanhar o raciocínio do autor. Esquecia tudo, minha cabeça não funcionava mais, não sabia mais fazer contas. Perdi a noção do valor do dinheiro, não sabia quanto deveria receber de troco após uma compra.

As pessoas não eram mais as mesmas, minha família, meus amigos – falavam muito estranho. Diziam muitas bobagens.

Eu só conseguia ter muito ódio. Agredia muito as pessoas, qualquer coisa que falavam eu pulava no pescoço – bati em muita gente. Eu tinha muita raiva, como tudo parecia tão mudado... Como as pessoas pareciam tão diferentes do que eram... Eu me debatia.

Foi através da geladeira que me reencontrei – podia falar de novo e ser ouvida. Comecei devagarinho a conversar de novo.

Neste relato que faço do delírio da cliente, é possível perceber a linha frágil que separa os princípios constituintes do funcionamento identificatório – permanência e mudança.

No psicótico qualquer aspecto que ameace o princípio da permanência, que é a base da identificação do Eu, remete-o a uma sensação de estranhamento que põe em risco essa base de sustentação do Eu, e tudo no mundo e nele mesmo, passa a ser sentido e vivido como incerteza. Essa sensação de estranhamento de si e de tudo o que está à sua volta é o sofrimento que acompanha Márcia.

“E tudo começou com uma conferência”.

Na conferência a dúvida toma lugar das certezas sobre as quais vinha se assentando toda sua vida. Uma informação que põe em risco o outro e a si própria, algo que não encontra espaço dentro dela, como se não pudesse ser metabolizado.

Para que se possa compreender melhor toda essa transformação relatada por Márcia e que traz em todo seu delírio o sentido da força de atração de um originário, passarei a explicitar o que Aulagnier entende por atividade de representação e por originário.

Por atividade de representação compreendemos o equivalente psíquico do trabalho de metabolização próprio à atividade orgânica. Sua finalidade é de metabolizar um elemento de natureza heterogênea em um elemento homogêneo à estrutura de cada sistema.⁸

Para Aulagnier, existem três modos de representação e para cada um deles há um postulado correspondente. Estes postulados podem ser expressos através de três formulações, segundo o processo que se considera. Assim, temos:

– Todo existente é auto-engendrado pela atividade do sistema que o representa; este é o postulado do auto-engendramento, segundo o qual funciona o processo originário.

– Todo existente é um efeito da onipotência do desejo do Outro; este é o postulado próprio ao funcionamento do primário.

– Todo existente tem uma causa inteligível, tornada acessível pelo discurso; este é o postulado segundo o qual funciona o secundário.⁹

8. Piera Aulagnier (1975). *Op. cit.* p. 27.

9. Piera Aulagnier (1975). *Op. cit.* p. 30.

Essas três formas de representação da realidade e os princípios que as regem são considerados por Aulagnier como sendo os “universais presentes” em todo ser humano, e diz que a diferenciação individual se dá pelo modo como estas organizações se estruturam na relação particular que cada sujeito estabelece, modelando-as e transformando-as a partir de sua subjetividade.¹⁰

A seguir passarei a relatar como se dá a atividade de representação em cada um dos três subsistemas: originário, primário e secundário.

Na atividade de representação a psique deve representar, isto é: pictografar – que é o modo próprio de funcionamento do originário; fantasiar – que é o modo próprio de funcionamento do primário; significar – que é o modo próprio de funcionamento do secundário.

Desde o primeiro encontro entre a psique e o mundo extra-psique, no qual sobressaem o próprio corpo do bebê e a psique dos outros, a atividade de representação é o trabalho do registro do vivido. É graças à atividade de representação que um elemento estranho à psique transforma-se primeiramente em pictograma que ignora a imagem de palavra e tem, como material exclusivo, a imagem da coisa corporal própria do originário. A respeito desse modo originário de representação, Aulagnier assim diz:

A colocação em forma de algo percebido por meio da qual se apresentam, no originário e para o originário, os afetos dos quais ele é sucessivamente sede, é uma atividade inaugural da psique para a qual toda representação é sempre auto-referente e permanece para sempre indizível, não podendo responder a nenhuma das leis às quais deve obedecer o dizível, por mais elementar que seja.¹¹

No modo originário de funcionamento marcado pelo encontro inaugural boca-seio vai haver a representação da coisa corporal num nível sensorial, como se fosse uma unidade zona-objeto complementar, juntamente com o afeto correspondente de prazer ou de desprazer.

É a partir desse encontro inaugural que se inicia o que Aulagnier nomeia como “dialética identificatória”, constitutiva do Sujeito. O seio que num primeiro momento é suporte de uma demanda e de um desejo que coincidem, após a experiência de satisfação estará perdido. Dessa forma, de demandante, como no modo originário de funcionamento, o bebê passará à categoria de desejante, própria do primário. É na identificação primária que o bebê se identifica com as percepções co-extensivas à resposta materna o que marca a alienação no desejo materno.

Na produção fantasmática, produto do primário, existe a representação de dois espaços, a de seu próprio corpo e a do corpo do outro; mas entre estes dois espaços: um está submetido à onipotência do desejo do Outro, e aí todo prazer é metabolizado como o desejo do Outro de reunificação e de dar prazer, e todo desprazer é metabolizado como desejo do Outro de rejeição, de recusar prazer.

É no secundário que o Eu poderá nomear os sentimentos e significar as relações; há uma verdadeira remodelagem dos fantasmas produzidos pelo primário, podendo atribuir-lhes significações ao nível ideativo. O Eu deve sofrer uma desidealização a fim de se tornar enunciante. Este processo de desidealização do Eu se faz através da castração.

Para Aulagnier, identificação e castração dizem respeito a uma mesma ordem. O momento da

10. Piera Aulagnier (1986). *Nacimiento de un Cuerpo Orígen de una Historia*. In *Cuerpo, Historia, Interpretación*. Piera Aulagnier e Outros. Paidós, pp. 122-123.

11. Piera Aulagnier (1975). *Op. cit.* p. 52.

castração deve levar a reformulações das referências identificatórias já construídas. É um momento marcado pela necessidade do Eu de modificar uma relação de dependência do pensamento dos pais, o que leva ao questionamento das referências que permitem ao Eu se reconhecer e modificar-se.

Aulagnier define o processo identificatório ocorrendo em três tempos correspondentes aos três modos de representação. Aqui, quero marcar dois desses momentos: um que vai da constituição do Eu, pertencente ao registro fantasmático ou imaginário, marcado pela apropriação do identificado, presente nos enunciados da mãe que nomeavam e investiam o Eu idealizado da criança – identificação especular¹²; outro momento, que segue à castração, “tempo de compreender”, onde o Eu desidealizado e enunciante deve reelaborar os primeiros enunciados e definir seu projeto identificatório.¹³

A “identificação ao projeto” que resulta da castração simbólica é obra do secundário e se dá graças ao trabalho de remodelagem das primeiras referências identificatórias enunciadas pela mãe, para aceder à lei do desejo e à lei da filiação.

Para investir uma relação, o Eu terá sempre que negociar com o seu desejo e o desejo do Outro, sendo assim o redator de um compromisso identificatório. Esse compromisso deve permitir ao Eu reconhecer-se naquilo que ele se torna. Ao terminar a sua infância o Eu deve ter se tornado o único redator de sua história.

No psicótico, através da força de atração exercida pelo originário presente no trabalho do Eu, ele procurará dar sentido ao vivido, única forma que a psique encontra para poder reformular, remodelar ou recusar conseqüências de sua especificidade psíquica e que se manifesta na construção delirante que faz da realidade.

O delírio é obra do Eu, no qual a produção pictográfica se imiscui. É nas lacunas do sentido, nos brancos do discurso, como no texto de Sartre, que o delírio se constrói. É através do delírio que o psicótico procura transformar ou remodelar a realidade que se lhe apresenta como estranha.

É para aplacar a angústia do vazio, do branco e do abismo que o delírio se apresenta como possibilidade. Possibilidade de construção nas falhas, nas fissuras de sua construção identificatória, desde as origens. O delírio vai instaurar-se numa tentativa de estabelecer uma outra ordem de parentesco ou quem sabe alguma.

Na psicose, diz Aulagnier, opera-se uma clivagem entre a possibilidade do sujeito de se reconhecer como filho desta mãe e deste pai, apropriação que exigiria o reconhecimento de uma lei de transmissão que transcende todo ocupante temporário e particular.¹⁴

Márcia diz:

Eu tinha rompido com todo mundo. Eu sempre fui muito boazinha, muito quietinha, as coisas me magoavam mas eu deixava passar.

12. Identificação especular, de acordo com Lacan, “se manifesta pela vivência de júbilo do bebê frente ao espelho, a qual decorre de seu movimento de voltar-se para o olhar da mãe em busca da confirmação da beleza da imagem, antes de retornar ao espelho e a seu reflexo especular. Esta forma, ou seja, esta Gestalt que vem simbolizar a permanência mental do eu, deve ser designada de *eu ideal*, o qual será também o tronco das identificações secundárias.” Jacques Lacan (1949). *Escritos 1*. Argentina. Siglo Veinteuno, 1971. Tradução do Francês para o Espanhol de Tomás Segovia, p. 87.

13. Piera Aulagnier (1968). *Demanda e identificação*. In *Um intérprete em busca de sentido* (1986). Vol. I. Tradução de Regina Steffen. São Paulo: Escuta, 1990.

14. Piera Aulagnier (1975). *Op. cit.* p. 164.

Minhas irmãs não, falavam tudo o que queriam, falavam mal de todo mundo. Quando adoeci desandei a falar para todo mundo tudo o que eu tinha guardado por tanto tempo.

Todo mundo sempre fez de mim o que quis. Meu avô paterno me bolinou quando eu tinha cinco anos de idade. Um primo meu, moço já, me levou para um quarto e tive a sensação que fez xixi em mim. Eu tinha um pouco mais de sete anos de idade.

Meus pais já não eram os mesmos, minha mãe era um monstro, egoísta demais. Briguei com todos, com minhas irmãs, com a família de meu marido.

Só conseguia conversar com a geladeira...

Através do barulho da geladeira eu me comunicava com meu namorado. Eu não gostava dos barulhos baixos da geladeira, pois nesses momentos os pensamentos tormentosos ocupavam o lugar dos bons.

Meu avô materno, coitadinho, tinha vindo passar uns dias na casa de minha mãe; era ele que ficava comigo em casa. Quietinho nada dizia, ficava do meu lado. Até que um dia ele me disse:

– Pare com isso, minha filha! Geladeira não fala!

Eu acreditei.

Márcia refere-se ao avô como alguém que não se assusta com o delírio. Pacientemente a escuta, fica a seu lado, dia após dia.

Parece haver entre nós um outro tipo de comunicação – as palavras não eram necessárias.

Refere-se à relação que tinha com o avô. Fala do olhar do avô como se ele pudesse compreendê-la sem precisar falar.

Quando Márcia diz – “eu acreditei no meu avô”, é como se nesse momento pudesse rever-se dentro de uma ordem de causalidade, dentro de uma ordem de parentesco que ficara perdida no surto psicótico – na vivência de caos.

O delírio teve uma função de reorganização, assim como a voz desse avô, foi o que lhe permitiu reinvestir na realidade, poder se colocar numa ordem relacional. No chamado do avô, a possibilidade do re-encontro. Para Aulagnier, psique e mundo se reencontram e nascem um com o outro, um para o outro, são o resultado de um estado de encontro que é coextensivo ao estado de existente.¹⁵

O chamado que este avô fez foi para o sentir-se existente, o poder participar do drama humano, poder reencontrar um prazer mínimo e necessário, de encontro com outro ser humano.

Ao postular sobre as condições de existência do Eu, Aulagnier aponta quatro aspectos fundamentais, responsáveis pela sua constituição, o que muitas vezes apresenta-se como falha na existência do psicótico. Falha na constituição identificatória na qual ao invés da unidade entre identificador e identificado, o conflito identificatório instala-se entre essas duas dimensões do Eu.

Referindo-se às quatro fontes do prazer necessário, Aulagnier diz:

Para que viver faça parte das possibilidades do Eu, quatro condições são necessárias:

1) A primeira refere-se ao corpo que o Eu habita, ao bom funcionamento de seus órgãos e à possibilidade de encontrar uma realidade natural e humana que lhe permita encontrar os únicos objetos a satisfazer

15. Piera Aulagnier (1975). *Op. cit.* p. 33.

as necessidades e as funções do corpo (apesar do amor e a força das pulsões de vida das quais o Eu se beneficia, um estado de fome que se prolonga, ou um campo de concentração podem lhe impor a morte).

2) É necessário que o Eu tenha sido antecipado e, portanto, pré-investido, pré-pensado pelo Eu do porta-voz. Não me refiro a esta condição preliminar: a vida exige que ao menos uma pessoa assuma o encargo de nos fazer viver e de tornar a realidade viável. Refiro-me ao desejo do porta-voz de "fazer viver" um corpo, desejo que permitirá que a vida não se reduza a um estado vegetativo, como ilustram certos casos, como em certos estados de debilidade profunda, de causa orgânica ou psíquica. Em outras palavras, para que a vida do Eu seja possível, é necessário que o porta-voz tenha investido o Eu que ele antecipa, fornecendo-lhe pensamentos com função identificatória, enquanto o Eu ainda não pode pensá-los ou inventá-los.

A essas duas condições que se referem ao Eu materno acrescentam-se duas outras:

3) É necessário que o Eu possa continuar investindo um mínimo de referências e pensamentos com função identificatória, necessários para que esse mesmo Eu possa se pensar, se representar, e se auto-investir enquanto existente.

4) É necessário que na cena da realidade exterior ao menos um outro Eu continue a ser ponto de apoio e suporte de investimentos. Esta é a condição para que um fragmento da realidade continue a existir para o olhar do Eu, e condição para que o Eu continue a existir, ainda que para o olhar de um só Outro. (A experiência mostra que um só Eu é raramente suficiente para satisfazer esta condição).¹⁶

No silêncio do avô, uma certa cumplicidade, a aceitação de seu delírio. No delírio, o personagem principal que Márcia retrata é um seu colega de trabalho de quem pensa receber as mensagens de amor através da geladeira.

Fixar-se em alguém, poder reconstruir sua vida ao lado deste novo amor é o que aparece em seu delírio. Dentre as exigências vitais é preciso que o investimento de um mínimo de referências identificatórias encontre espaço e lugar num mínimo de investimento recíproco com um outro Eu.

Em seu delírio, Márcia procura um prazer mínimo cuja realização é uma condição de vida e condição necessária para que o Eu invista no funcionamento da psique e do corpo e para que possa suportar os momentos de sofrimento inevitáveis ao fato de viver. Um prazer necessário, mínimo que seja, é uma exigência básica para que a vida faça parte dos possíveis do Eu.

Ao sair do surto psicótico encontramos em Márcia expressões desta vivência, tais como: "Parece que estou renascendo". Quando da retomada de sua relação profissional, assim fala: "Ao me preparar para retomar minha atividade de professora, ao dar a primeira aula depois que tudo aconteceu, escolhi uma roupa adequada, me sentia indo para uma festa de formatura, a minha festa de formatura."

Poder se colocar em cena novamente, algo que parecia perdido, poder se reinserir num esquema relacional que lhe fizesse sentido e que aparece tão marcado na "festa de formatura".

Conhecer o mundo, equivale para o Eu representá-lo de maneira que a relação entre os elementos que ocupam a cena lhe seja inteligível, isto é, que o Eu

16. Piera Aulagnier (1979). O eu e o prazer. Prazer necessário e prazer suficiente. In *Os destinos do prazer, alienação, amor e paixão*. Tradução de M. Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau e Maria Clara Pellegrino. Rio de Janeiro: Imago, 1985, pp. 139-140.

possa inseri-los num esquema relacional que é o seu próprio.

É a perda ou o rompimento nesta ordem de relação que parece importante se considerar no surto psicótico. No delírio o psicótico visa estabelecer uma ordem de causalidade que torne inteligível ao Eu a existência do mundo e a relação presente entre esses elementos.

Referindo-se à função do delírio, Aulagnier mostra que é através de seu discurso e do poder criador de significações e sentidos que o delírio tem, que haverá a reconstrução ou, quem sabe, a construção de uma história libidinal – chama a isto de “função de historiador do Eu” – demonstrando que o pensamento delirante também é obra do Eu.¹⁷

O psicótico, através de seu discurso, revela a necessidade de reescrever uma história, tentativa de recuperação de sua mitologia original, procurando pelos sentidos e significações que mudaram de rumo e que não puderam fornecer ao sujeito as peças de identidade necessárias para que tivesse direito de cidadania. Estranhamento do mundo e do próprio corpo, sobrando muitas vezes pequenos elementos de ligação sensorial, tal como poder ouvir, é o que permanece para o psicótico de um campo onde todos os sentimentos parecem mortos.

A psicose é a consequência do fracasso que a criança periodicamente encontrou em suas tentativas de interpor entre si e uma realidade, causa de um excesso de sofrimento, a fantasia como interpretação causal. Quer se trate de interpretar um sofrimento cuja fonte estava na realidade exterior, ou de um sofrimento que tinha sua fonte no interior da própria psique ou do próprio corpo.¹⁸

II. Um outro fala por mim

Dos fragmentos da história desta cliente, trago agora a primeira sessão.

Quem vem junto é a mãe que logo se adianta e se apresenta. Tal como uma menina assustada, Márcia permanece sentada. Mãe e filha entram juntas pois Márcia parece ainda não estar preparada para se desligar da mãe. É a mãe que conta do adoecimento de sua filha. Dentro de um clima muito tenso onde mãe e filha choram muito, a mãe começa a falar pela filha.

Não sei o que aconteceu com esta minha filhinha.

Sempre foi uma menina tão inteligente e esperta...

Tão boazinha, é a melhor das minhas filhas. Obediente, sempre me respeitou muito, nunca me respondeu, nunca levantou a voz.

Essas três meninas sempre foram as meninas dos meus olhos. Eu as criei com o máximo de carinho.

Procurei protegê-las de todos os perigos.

O pai, homem furioso demais, pouco participou da educação, da vida delas. Eu tinha medo que ele as machucasse, sempre as protegi dele como se fosse um escudo. Foram minhas companheiras e confidentes, principalmente Márcia, primeira das filhas mulheres; o mais velho é homem. Minha vida sempre foi para elas um “livro aberto”. Desde pequenas sempre contei tudo a elas, sentia que precisavam estar preparadas para a vida.

Em “O futuro de uma ilusão” Freud chama atenção para o fato de que no seu papel de proteção contra a ansiedade da criança, a mãe é logo substituída pelo pai, mais forte, embora seja ambivalente sua

17. Piera Aulagnier (1984). *O aprendiz de historiador e o mestre de feiticeiro: do discurso identificador ao discurso delirante*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1989.

18. Piera Aulagnier (1986). *Da linguagem pictorial à linguagem do intérprete*. In: *Um intérprete em busca de sentido II*. Tradução de Regina Steffen. S.P. - Escuta - 1990 - p. 101.

atitude para com ele: ela o teme tanto quanto anseia por ele e o admira.¹⁹

No relato da mãe de Márcia o que sobressai é o temor do pai. Na sua tentativa de proteção a expõe ao maior risco, de permanecer dependente dela, de não poder pensar seus próprios pensamentos. Se é a mãe, co-signatária temporal do compromisso identificatório, que dá os primeiros suportes representacionais e que estabelece um poder pensar futuro, é também sua saída de cena que permitirá ao sujeito o acesso à ordem de pensamento.

Quando expõe sua teoria sobre o pensamento, Aulagnier traz a noção de um Eu portador e criador de significações, o que se faz possível através da atividade de pensar, um Eu enunciante, criador de representações ideativas. Em seu texto "O trabalho da interpretação", Aulagnier assim define pensamento:

Denomino pensamento a essa parte do Eu consistente em ligar imagem de coisa com imagem de palavra. Por imagem de palavra entendo, não a emissão ou recepção de uma sonoridade temática, senão algo ouvido que o Eu percebe como portador de significação e em certas condições como criador destas mesmas significações.²⁰

No início, a mãe exerce a interpretação do mundo, antecipando todo entendimento possível, violência necessária pois é o que permite o acesso do sujeito à ordem do humano. A esta violência necessária Aulagnier chamará violência primária e assim diz:

Violência primária é a ação psíquica pela qual se impõem à psique de um outro uma escolha, um pensamento ou ação motivado pelo desejo daquele

que o impõe, mas que está apoiada num objeto que para o outro corresponde à categoria do necessário.²¹

É no paradoxo do colocar-se em cena e sair de cena que a mãe poderá definir as bases e permitir a autonomia do pensar ao filho. Para Aulagnier, a mãe do psicótico se caracteriza por demonstrar a ausência do desejo de ter um filho autônomo, diferente do que ela é.

Por isso essa mãe vai tornar o filho como um complemento seu, o qual vai ocupar o lugar da falta: falta de desejo pela criança, falta de desejo pelo prazer de engendrar; falta de uma significação que tornaria o encontro entre ambos fonte de um prazer transmissível e dizível.²²

Falar através de um Outro, pensar pensamentos que não são seus parecem experiências comuns à vivência do psicótico. Márcia diz:

Na minha casa não havia chaves, nem mesmo nos banheiros, nem mesmo no meu armário, ou quem sabe de uma gaveta onde pudesse guardar algo só meu.

São expressões de Márcia ao se referir a esta vida de "livro aberto".

Na mãe do psicótico há um excesso que se tornará um risco e no qual se assenta o seu adoecer – violência secundária.

A violência primária vai caracterizar um desejo que se impõe, mas que pertence à categoria do necessário e que será responsável pela inserção do indivíduo na cultura, abrindo-lhe o caminho para

19. Sigmund Freud (1927). O Futuro de Uma Ilusão. *Obras Completas*, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago.

20. Piera Aulagnier (1976). El trabajo de la interpretación. La función del placer en el trabajo analítico. In *Cuerpo, historia, interpretación*. Piera Aulagnier e outros. Paidós, p. 326.

21. Piera Aulagnier (1975). *Op. cit.* p. 36.

22. Piera Aulagnier (1975). *Op. cit.* p. 224.

que possa fazer parte do discurso social. Na violência secundária o maior risco é o da alienação de toda possibilidade de escolha de ser autônomo e, portanto, de pensar seus próprios pensamentos. Sobre a violência secundária assim diz Aulagnier:

A violência secundária abre seu caminho apoiando-se sobre a violência primária da qual ela representa um excesso, excesso quase sempre nocivo e desnecessário ao funcionamento do Eu apesar de sua frequência. Se exerce sobre o Eu quer se trate de um conflito entre Eus ou de um conflito entre um Eu e o discurso social que não tem outra finalidade senão a de opor a qualquer mudança os seus modelos.

Se esta violência secundária é tão extensa quanto convincente, a ponto de ser ignorada por aqueles que dela são vítimas, é porque ela se apropria abusivamente dos qualificativos, necessário e natural, os mesmos que posteriormente o sujeito reconhece como próprios da violência primária da qual se originou.²³

A violência primária é necessária e lança as bases para o funcionamento do Eu enquanto a violência secundária se define por um excesso desnecessário ao funcionamento deste mesmo Eu.

Na relação mãe-filho onde predomina a violência secundária há uma entrega e uma submissão de toda a possibilidade do pensar-próprio para só poder pensar através do outro. Criar uma interpretação sensata da violência sofrida, esta é a tarefa que executa o Eu ao delirar.

Márcia refere-se à ausência de um espaço próprio, à impossibilidade de manter algo escondido, de não ter direito ao segredo, como uma experiência que

sempre lhe trouxe muito sofrimento. É preciso ter direito a segredo para poder pensar. Preservar-se o direito e a possibilidade de criar pensamentos, segundo Aulagnier, exige que se tenha o direito de escolher os pensamentos que se comunica e aqueles dos quais se guarda segredo.²⁴

No seu delírio, quando conversa com a geladeira tem a impressão de que ali “suas coisas” podem ficar contidas e bem fechadas. Parece experimentar ali no delírio a possibilidade de pensar os seus próprios pensamentos, de experimentar ter coisas escondidas só suas, onde ninguém pode entrar – “Poder fechar as portas”.

Vê-se em Márcia a vivência paradoxal de poder exercer algum tipo de escolha, quando conversa com a geladeira, enquanto que em outros momentos sente-se invadida por pensamentos dos quais não consegue se libertar, uma verdadeira “coação a pensar”, como diz Schreber em sua auto-biografia.²⁵

O psicótico sofre porque sente que para viver é necessário investir pensamentos que lhe são impostos e onde fica anulada toda e qualquer escolha sobre o que desejaria pensar ou não.

Rosolato em seu texto “O não dito” faz referência à importância da criação de um espaço na relação mãe-filho onde o “Não-dito” estabelecerá as bases da alteridade e de um processo de diferenciação-discriminação. Nesse mesmo texto relaciona “o dizer tudo”, o não ter o direito ao segredo, à constituição do núcleo paranóide. Para ele o “Não-Dito” comanda o recalçamento. Assim diz:

23. Piera Aulagnier (1975). *Op. cit.* p. 36

24. Piera Aulagnier (1976). O direito ao segredo - condição para poder pensar. In *Um intérprete em busca de sentido*. Vol. I. Tradução de Regina Steffen. São Paulo: Escuta, 1990.

25. Daniel Paul Schreber (1903). *Memórias de um Doente dos Nervos*. Tradução de Marilene Carone. Rio de Janeiro: Graal, 2a. Edição, 1985, pp. 69-70.

Nas psicoses o não-dito tem um valor enigmático porque existe uma ignorância real (no real) que se refere a um tema fundamental mais que a um desconhecimento e sempre surpreende aquele que o percebe; é a base da atividade delirante, quando se manifesta. Sem dúvida diz respeito a um dos pólos existenciais maiores que a psicanálise explora: a diferença dos sexos, a diferença de gerações e o problema das origens, os jogos de poder e os jogos da pulsão de vida e de morte; eles são o eixo da dupla articulação narcisista. Clinicamente, vai desde uma simples falta de curiosidade que faz com que o sujeito pareça nunca ter tido que se propor questionamento sobre um determinado ponto, até um verdadeiro branco no discurso.”²⁶

Parece-me que todos estes aspectos discutidos até aqui sobre a “coação a pensar”, sobre o “dizer tudo”, sobre o “não ter direito ao segredo”, têm, na sua base, um modo de relação que se estabelece como excessivo desde o início – desde a relação mãe-bebê.

No psicótico, entre o indivíduo e a mãe existe um investimento recíproco, podendo mesmo, às vezes ser excessivo, mas o que o caracteriza é o sentimento de que para ambos trata-se de uma obrigação, uma necessidade de não-escolha.

Aulagnier define como “prazer suficiente”, o prazer que tem uma relação com o conceito de escolha, para que este prazer seja possível, para que ele seja acrescentado ao prazer necessário, é preciso que o Eu tenha a convicção de que não é amado simplesmente por obrigação ou necessidade, mas porque foi escolhido e porque escolheu.”²⁷

Freud, em seu texto “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, traz a noção

de que com as funções de inteligência abre-se para o sujeito um leque de possibilidades. Diz que com a introdução do princípio de realidade o sujeito desenvolve consciência, atenção, memória, discernimento, pensamento e ação. Memória, atenção, discernimento e o grande herdeiro da atividade alucinatória, que é o pensamento, permitem que o psiquismo não tenha mais de simplesmente recalcar toda representação que é fonte de desprazer, e assim possa distinguir em que circunstâncias uma representação pode trazer prazer ou desprazer.”²⁸

Com a função de inteligência que marcará o aparecimento da linguagem e do pensamento o indivíduo poderá ter acesso ao seu lugar de enunciante, onde poderá se apropriar dos diferentes termos presentes em seu discurso.

No psicótico o que se percebe é esta dificuldade de se sentir confirmado neste lugar de enunciante, lugar criado pela ligação entre os seus referentes lingüísticos e os referentes lingüísticos dos outros, o que lhe permitiria o acesso à ordem de parentesco, sentir-se fazendo parte de uma família, de um grupo étnico, de uma dada cultura. A perda desses referentes tão fundamentais na constituição do Eu e do seu lugar de enunciante, aparecem na fala de Márcia como expressão de um intenso sofrimento. Márcia fala desse sofrimento:

Eu tinha que fazer meu projeto para o mestrado e este foi rejeitado pois os professores disseram que eu havia feito um plágio de um projeto que já existia num livro americano. Para dizer bem a verdade eu até agora não sei o que fiz. Não tive nem coragem de verificar este dado.

Guardei o meu projeto num lugar em que não pudesse mais vê-lo. Sentia-me um fracasso em todos os

26. Guy Rosolato (1978). *La relation d'unconnu*. Paris: Gallimard. 1978, p. 90.

27. Piera Aulagnier (1979). *Op. cit.*

28. Sigmund Freud (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. *Obras Completas* Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago.

sentidos. Perdi a autoridade sobre as palavras, elas não me obedeciam mais. Eu não era mais nada. Era só sofrimento. Eu só pensava coisas muito tristes e não conseguia afastar isso.”

Neste fragmento de sua história percebe-se como a dúvida, o questionamento sobre o que havia pensado, refletido, teorizado, a remete a um lugar de Não-Ser. Ter que pensar, ter que duvidar do pensamento, ter que verificá-lo, são exigências às quais o Eu não pode se esquivar; é o preço pelo qual paga seu direito de cidadania no campo social e sua participação na aventura cultural. Márcia continua sua história:

Eu não parava de pensar e sempre pensava em coisas que me atormentavam muito. Queria varrer minha cabeça, não precisar mais pensar. Mas nem dormir eu conseguia. Uma verdadeira tortura! O meu maior sofrimento foi quando só conseguia pensar essas coisas ruins e não conseguia falar. As palavras não saíam. Tudo aquilo tinha que ficar dentro de mim. Não contava com nada e com ninguém...

Às vezes, fico pensando: será que o que me aconteceu não é porque trabalho com surdos-mudos? Nem mesmo a linguagem dos sinais eu me lembrava.

Na fala de Márcia verifica-se a perda de seus referenciais identificatórios presentes na possibilidade de tornar dizíveis seus pensamentos, sua angústia, seu sofrimento.

O que no psicótico primeiramente suscita a angústia do espectador é a perda no Outro de toda a possibilidade de escolha e de decisão sobre a colocação em palavras de seu pensamento, lembranças de um perigo mortal que todo Eu efetivamente correu quando de sua entrada na cena psíquica.²⁹

É o sentimento da perda definitiva de poder falar por si mesma e de ter que se submeter a essa injunção onde “um outro fala por mim”, que vemos presente na história de Márcia.

Conclusão

O tudo dizer, o ser coagido a pensar pensamentos que só trazem sofrimento, esvazia o sujeito de sua possibilidade de se “constituir metaforicamente”³⁰, alienando-o na sua possibilidade de escolher, de pensar, portanto, de ser.

No delírio, Márcia percebe a possibilidade de encontrar uma causa que possa ser compartilhada, tentativa última e desesperada de se re-inserir numa nova rede de significações. A criação de um sentido compatível com o escutado e com a exigência identificatória do Eu será a tarefa do pensamento delirante. É de um corpo vazio, eco de uma alma presa por um fio para se manter viva, que Márcia nos fala – desaparecimento de um corpo relacional.

A vivência psicótica nos revela as consequências da catástrofe que representa para o sujeito o desaparecimento do signo de relação em seu capital representativo ou, para ser mais exata, a redução de seu uso em uma forma relacional fixada de uma vez para sempre – imutável.

Encontrar um lugar onde este desejo não seja somente do Outro, não estar mais submetido a esta onipotência, parece ser o movimento e a busca feita pelo psicótico no seu delírio. A lei do desejo impõe o deslizamento dos objetos investidos com brilho fálico – uma vez que objetos do desejo materno – para o desejo da diferença. Esta lei, interseccionada com a lei da filiação, cuja referência é o nome do

29. Piera Aulagnier (1976). *Op. cit.* p. 257.

30. M. Silvia Bleichmar (1984). *Nas origens do sujeito psíquico: do mito à história*. Tradução de Kenia Ballué. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

pai, deve conduzir o sujeito a reconhecer-se como consequência do desejo parental e não mais como sua causa, identificando-se, na expressão de Aulagnier, com um elo da cadeia simbólica que transcende sua temporalidade subjetiva, dependente de um Outro, diferentemente sexuado por ter acedido a esta identificação, através do qual ele investe o lugar de futuro genitor.³¹

Um Eu que não tem mais a possibilidade de pensar – ansiar, são as marcas fundantes da psicose, onde futuro e mudança parecem estar banidos do seu repertório existencial.

A partir do momento em que Márcia é colocada em contato com a dúvida em relação à sexualidade de seu marido, e porque não dizer de sua própria, em relação ao seu lugar de autora, ao fazer o seu projeto de mestrado, em relação ao lugar que vinha ocupando dentro de seu núcleo familiar, irrompe a crise psicótica.

Na psicose encontra acolhida para todos os questionamentos que lhe trazem tanto sofrimento. Precisa fugir de uma realidade que se apresenta tão cheia de conflitos, dolorosos para quem nunca pode fazer opções.

Nos fragmentos da história de Márcia pode-se ver o poder desestruturante de um desejo materno que se expressa por um “que nada muda”, revelação de uma violência que deixará como rastro a busca de defesas psicóticas ou o desejo de auto-alienação do próprio pensamento, solução final que lhe permitirá afastar todo risco e todo conflito. ■

Referências Bibliográficas

- AULAGNIER, P. (1975). *A violência da interpretação do pictograma ao enunciado*. Trad. de Maria Clara Pellegrino. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- (1979). *Os destinos do prazer*. Trad. de Maria Clara Pellegrino e M.A.A. Gervaiseau. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- (1984). *O aprendiz de historiador e o mestre-feiticeiro: do discurso identifiante ao discurso delirante*. Trad. de Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1989.
- (1986). *Um intérprete em busca de sentido – Vols. I e II*. Tradução de Regina Steffen. São Paulo: Escuta, 1990.
- (1986). *Nacimiento de un cuerpo origen de una historia*. In *Cuerpo, historia, interpretación*. Piera Aulagnier e Outros. Paidós.
- BLEICHMAR, M. S. (1984). *Nas origens do sujeito psíquico: do mito à história*. Trad. de Kenia M. Ballué. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- CLÉMENT, C. (1981). *Vidas e lendas de Jacques Lacan*. Trad. Mc Kneese. São Paulo: Moraes, 1983.
- FREUD, S. (1911). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. *Obras Completas*, Volume XII. Rio de Janeiro: Imago.
- (1927). *O futuro de uma ilusão*. *Obras Completas*, Volume XXI. Rio de Janeiro: Imago.
- GOLDGRUB, F. W. (1985). *Comentários sobre a cronologia e a estrutura da obra freudiana*, 1ª Edição. São Paulo: CETEC.
- LACAN, J. (1949). *Escritos I*. Tradução do Francês para o Espanhol de Tomás Segovia. Argentina: Siglo Veinteuno, 1971.
- ROSOLATO, G. (1978). *La relacion d'inconnu*. Paris: Gallimard, 1978.
- SARTRE, J. P. (1938). *A náusea*. Trad. de Rita Braga. São Paulo: Nova Fronteira, 2ª edição, 1983.
- SCHREBER, D. P. (1903). *Memórias de um doente dos nervos*. Tradução de Marilene Carone. Rio de Janeiro: Graal, 2ª Edição, 1985.

Anete Maria Busin Fernandes

Rua Sen. Cesar Lacerda Vergueiro, 248

05435-010 - São Paulo - SP

31. Piera Aulagnier (1975). *Op. cit.*

traduções

A sexualidade feminina: retorno às fontes

JACQUES ANDRÉ

Entre os aspectos de conflito emergentes no campo psicoanalítico, a feminilidade goza de um status particular. Ainda que a elaboração de duas concepções post-dadas tenha acontecido mais cedo, desde os anos 1920, a questão da sexualidade feminina continua colocada hoje em termos mais ou menos insuperáveis. Todo repasse consiste a interrogar: "há um 'conhecimento' preciso da vagina?" seja ele afirmativa ou negativa, basta suficiente para decidir a adesão a um ou outro dos dois conjuntos teóricos incompatíveis. De fato, sem isso que insiste sobre a mesma coisa, saber se o lugar que Freud reservava à "repressão da feminilidade" na estrutura dos obstáculos à análise¹.

Se um tal enfrentamento provoque na ocasião dissidências individuais – a de Karen Horney notadamente em direção ao culturalismo – permaneceu, no entanto, no essencial, interno à psicanálise. Além disso nos primeiros tempos, temos de que lado Freud e suas (qualitativas) seguidoras: Ruth Mack Brunswick, Jeanne Lampi de Groot, Hélène

Deutsch, De Certeau, Melanie Klein e suas relações masculinas, Jones em particular a par – que todo falante entre os fiéis tenha ficado neste ponto latente do do Pai fundador, ilustra bem o caráter interno da oposição.

O aspecto "insolúvel" que tomou rapidamente a contradição entre os de "Londres" e os de "Viena" (a imagem é de Jones), não é certamente estranho à firmeza da convicção fixada por uns e por outros – firmeza que pode ser medida pela frequência estatística da palavra "insolúvel" na literatura de referência. Longe de dividir, a clivagem fornece aos adversários todas as distrações necessárias, tanto a existência de contensões vaginais precoces, como o desconhecimento absoluto da vagina até a puberdade. Não falemos das observações de pais ou pediatras, elas se tornam então anexo, dispensável para a sedução.

O presente artigo não tem pretensão reconciliadora e menciona ainda o projeto de "ultrapassar a contradi-

1. O artigo já citado de C. Lévy, "Problemas e questões femininas" (*Le Psychanalyte*, VII, P.U.F., 1994), trata de uma das instâncias do debate.

2. Cf. "L'analyse avec le et l'analyse sans le" (1937), in *Œuvres complètes*, *Problèmes*, t. II, P.U.F., 1969.

A sexualidade feminina: retorno às fontes

JACQUES ANDRÉ

Entre os assuntos de conflito internos ao campo psicanalítico, a feminilidade goza de um status particular. Ainda que a elaboração de duas teorias contrárias tenha acontecido muito cedo, desde os anos 1920, a questão da sexualidade feminina continua colocada hoje em termos mais ou menos inalterados¹. Tudo se passa como se a interrogação “há um ‘conhecimento’ precoce da vagina?”, seja ela afirmativa ou negativa, fosse suficiente para decidir a adesão a um ou outro dos dois conjuntos teóricos inconciliáveis. Debate *sem fim* que insiste talvez na mesma coisa: sabe-se o lugar que Freud reservava à “recusa da feminilidade” na hierarquia dos obstáculos à análise².

Se um tal afrontamento provocou na ocasião dissidências individuais – a de Karen Horney notadamente em direção ao culturalismo – permaneceu entretanto, no essencial, interno à psicanálise. Atendendo-se aos primeiros tempos, temos de um lado Freud e suas (analistas) mulheres: Ruth Mack Brunswick, Jeanne Lampl de Groot, Hélène

Deutsch. Do outro, Melanie Klein e seus reforços masculinos, Jones em primeiro lugar – que este fiel entre os fiéis tenha ficado neste ponto incansável do Pai fundador, ilustra bem o caráter *interno* da oposição.

O aspecto “insolúvel” que tomou rapidamente a contradição entre os de “Londres” e os de “Viena” (a imagem é de Jones), não é certamente estranho à firmeza da convicção fixada por uns e por outros – firmeza que pode ser medida pela frequência estatística da palavra “indubitável” na literatura de referência. Longe de dividir, a clínica fornece aos adversários todas as ilustrações necessárias: tanto a existência de sensações vaginais precoces, como o desconhecimento absoluto da vagina até a puberdade. Não falemos das *observações* de pais ou pediatras, elas soam curiosamente; digamos o som da sedução.

O presente artigo não tem pretensão reconciliadora e menos ainda o projeto de “ultrapassar a contradi-

1. O artigo já antigo de C. Laurin: “Phallus et sexualité féminine” (*La Psychanalyse*, VII, P.U.F., 1964), continua uma das melhores sínteses do debate.

2. Cf. “L’analyse avec fin et l’analyse sans fin” (1937). In *Résultats, idées, problèmes*, t. II, P.U.F., 1985.

ção". Vale dizer que ele tomou partido, o partido de "Londres", para dizer as coisas claramente. Com nuances sensíveis entretanto, a afirmação de uma sexualidade feminina infantil não diz nada ainda da maneira como concebe a sua psicogênese.

Certamente a "eternidade" do debate não dispensa referências às obras aparecidas nos últimos vinte anos sobre a questão – existem algumas notáveis – ela convida, entretanto, a retomar os termos primitivos da oposição. Deste ponto de vista, "o solo fértil que constitui a teoria e a experiência clínica freudianas"³ fornece sem dúvida um material privilegiado – o que pode parecer paradoxal em relação à opção anunciada. Contudo, sob a condição de evitar dois obstáculos: a paixão freudológica de uma parte – a psicanálise não é um texto e, de outra, o polêmico inventário do "falocratismo burguês". Levar as análises de Freud além de suas próprias trincheiras, fazer trabalhar seus conceitos até sua eventual decomposição em pontos de vista inconciliáveis, prolongar as pistas abertas e não seguidas por seu autor... tais são as condições de uma leitura analítica e contemporânea da obra de Freud⁴. Como outras questões, a teoria da sexualidade feminina pede semelhante aproximação: ao lado da tese príncipes (tal qual formulada na *Nova conferência* de 1932⁵), tese muitas vezes repetida, quase à exaustão, há outras formulações menos acabadas, jamais "totalizadas", que lucram ao serem reconsideradas. O debate aberto entre Freud e Jones não está longe de dividir a própria obra de Freud.

Meu objetivo, entretanto, não é somente explorar esta diversidade contraditória; neste terreno, as contribuições já são numerosas. Uma das intenções deste artigo é a recuperação das exigências próprias ao movimento da teorização em si, tal como elas se impõem ao "objeto" – aqui a feminilidade –

muito mais do que delas decorrem.

A outra perspectiva tende a repensar os termos do par "clássico": feminilidade/passividade, e a encarar em seguida a questão do recalque da sexualidade feminina precoce.

As dúvidas de Karl Abraham

Opondo os de Londres aos de Viena, Jones colocava uma distribuição geográfica já tardia. De fato foi em Berlim que se constituiu o primeiro núcleo de psicanalistas críticos em relação à teoria freudiana sobre a sexualidade feminina. Havia lá, notadamente, Karen Horney, Melanie Klein e, em primeiro lugar, Karl Abraham. Este havia publicado em 1920 um artigo intitulado: "Manifestações do complexo de castração na mulher"⁶. Texto no essencial conforme a opinião de Freud, mas rico em desenvolvimentos originais (sobre a sexualidade "cloacal" em particular), anunciadores da "reviravolta" posterior do psicanalista berlinense. Em dezembro de 1924, Abraham e Freud vão trocar quatro cartas consagradas principalmente à sexualidade feminina. A liberdade de tom e de formulação, própria da correspondência, faz desta breve troca um momento privilegiado para compreender os embates do conflito teórico-clínico. Só a morte brutal, um ano mais tarde, impedirá Abraham de dar forma a "algumas comunicações" que ele formulava sobre o assunto.

Abraham a Freud, 3 de dezembro de 1924:

Sua concepção de mudanças das zonas diretivas na mulher, na puberdade, revelou-se sempre exata na prática.⁷

3. A expressão é de Roger Dorey (*La pulsion pour quoi faire?*, APF, 1984, p. 77).

4. Retomo aqui as formulações de J. Laplanche, que muitas vezes evocou este "trabalho sobre a obra, trabalho da obra, trabalho que torna a obra questionável" (cf. *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*, P.U.F., 1987 (2ª edição, 1990, p. 20)).

5. "La féminité". In *Nouvelles conférences d'introduction à la psychanalyse*, Gallimard, 1984.

6. *Obras completas*, t. II, Petite Bibliothèque Payot, 1966.

7. Freud, Abraham, *Correspondance 1907-1926*, Gallimard, 1969, p. 380 sq.

Homenagem a Freud mas sublinhando uma formulação: “zonas *diretivas*”, que já introduz ao questionamento. Qual é a zona subordinada que, na infância, assim se submeteria à dominação clitoridiana – pois é bem dela que se trata? De que natureza seria esta subordinação, de uma zona sem denominação, ao clitóris diretor? Sabe-se que Freud permaneceu silencioso sobre tudo isso; a *direção*, desde então, tomou ares de uma concessão sem verdadeiras consequências.

Abraham prossegue:

Mas eu comecei a perguntar-me se já não haveria, no momento de tenra infância, uma primeira eclosão vaginal da libido feminina que ao recalçamento seria destinada, e à qual sucederia em seguida a predominância do clitóris como expressão da fase fálica.

Estas poucas palavras de perplexidade condensam o mais forte do debate: colocar a hipótese de uma erogenidade precoce da vagina não consiste simplesmente em juntar um pólo de excitação às zonas existentes, mas convida a uma reviravolta da gênese infantil da sexualidade feminina, a “*direção*” clitoridiana (e a fase fálica) surgindo desde então como secundário e não mais como originária. De Abraham a Freud: lá onde o senhor diz *desconhecimento* da vagina (até à puberdade), seria preciso dizer “*recalque*”! Juntemos a correlação implícita de uma tal mudança: o desconhecimento (tornado sintoma) indica em negativo a violência do recalçamento e, portanto, a intensidade inversa do despertar precoce.

Muitas observações, continua Abraham, parecem-me ir neste sentido. Se esta concepção está correta, ela teria para nós uma vantagem: nós compreenderíamos melhor o *complexo de Édipo feminino* a partir de uma reação vaginal primitiva ao pênis (do pai), por

exemplo sob a forma de contrações espontâneas, e as mudanças das zonas diretivas no momento da puberdade seria a renovação do estado original.

A obrigação de repensar a sexualidade feminina tem uma dupla causa: de um lado, as numerosas “observações” (exigência clínica) de outro, o ganho em coerência de “concepção” (exigência teórica). Na continuação de sua carta, Abraham se esforça para minimizar o alcance das novidades propostas: não se trata aqui de um “pequeno complemento”, que, longe de se opor à *nossa* teoria, a ela se integraria muito bem... Contudo, é completamente ao inverso: a idéia de uma reação vaginal primitiva ao pênis do pai – primeiro esboço do Édipo precoce da menina tal qual será concebido por Melanie Klein – atinge a convicção freudiana sempre mais afirmada no correr dos anos: o de uma sexualidade precoce da criança (menina ou menino) inteiramente voltada para a mãe. Abraham sustenta a hipótese contrária até suas últimas consequências: a proximidade entre as sexualidades adulta e infantil é tão grande quanto possível, as contrações vaginais espontâneas estão para a menina como as primeiras ereções do pênis estão para o menino.

O que permite *melhor compreender* a nova concepção? O complexo de Édipo feminino, entenda-se o impulso da filha em direção ao pai. Efetivamente, sobre este ponto, as obscuridades ou as aproximações em Freud são numerosas... “A menina deve, com o tempo, trocar a zona erógena (do clitóris para a vagina) e o objeto (da mãe para o pai), duas coisas que o menino conserva.”⁸ Mas destas duas pesadas “tarefas”, só a segunda seria relativa à sexualidade infantil. A primeira, segundo Freud, esperará a adolescência para se realizar. Será que a infância “prepara” esta realização? Esta “preparação” é ela mesma bem confusa: o desejo do pênis, como

8. “La féminité”, *op. cit.*, p. 159. Meus comentários entre aspas.

concebe Freud, é o desejo de um pênis externo no lugar de *nada*... Falta a gênese de uma passagem do externo ao interno: da reivindicação pela menina do sexo que ela não tem ao (re)investimento do seu próprio sexo. A solidariedade das duas “tarefas” ajudando, se a primeira (de uma zona à outra) não acontece, é a segunda (de um objeto ao outro) que parece bem comprometida. E não traímos Freud levando seu raciocínio até a aporia: no fundo, para a menina, não há senão uma mãe – a descrição freudiana das “condições da escolha do objeto nas mulheres” o testemunha⁹.

Aquilo que se desloca de Freud a Abraham não é matéria de uma simples alternativa: precocidade/maturidade. Modificar a época na qual “se toma conhecimento” da vagina obriga a reconsiderar no seu conjunto a psicogênese da sexualidade feminina. A hipótese de Abraham conduz menos à idéia de uma sucessão clitoris/vagina na infância do que a uma combinação mais complexa onde o domínio clitoridiano se vê precedido de uma eclosão vaginal primitiva da libido, e seguido de um reinvestimento da mesma zona.

Freud responde cinco dias mais tarde, 8 de dezembro:

Seu último tema, a parte presumida da vagina na eclosão primitiva da libido infantil [alargamento tão sub-reptício quanto importante da menina à criança], suscita todo o meu interesse. Eu não sei nada sobre tal assunto. Confesso que o aspecto feminino do problema, em geral, é para mim extremamente obscuro. Se suas idéias e suas observações já se prestam a uma comunicação, gostaria muito de conhecê-las, mas posso esperar. De acordo com o meu preconceito, seria melhor substituir a participação vaginal por manifestações anais. A vagina é de

fato, como sabemos, uma aquisição tardia pela separação da cloaca.

O primeiro movimento de Freud é portanto o interesse, talvez impaciência em saber mais, como o confirmará sua carta de 29 de dezembro. Ele vai mais longe, até à humildade de nada saber sobre isto. Nada saber do *obscuro*. “Continente negro”, “terra incógnita”... conhecemos as metáforas usuais de Freud para exprimir a contribuição, a seus olhos muito parcelada, da psicanálise para a resolução do enigma da feminilidade. Metáforas obcecadas pelos sinais da fantasia¹⁰.

Mas é apenas uma das faces de Freud: há uma outra que apresenta, ao contrário, uma teoria muito afirmada, mesmo “exaustiva”, tal qual ela se encontra no artigo de 1931: “Sur la sexualité féminine”¹¹ e na *Nova conferência* de 1932. Teoria a tal ponto assegurada que é repetida várias vezes (até ao *Abrégé*, em 1938), sem conhecer modificação sensível. Sabe-se da capacidade de Freud para considerar as objeções que lhe são feitas, eventualmente apropriando-se delas – pense-se a concepção de angústia. Nada de parecido sobre a feminilidade, ele afasta os contestadores (principalmente Jones) em algumas linhas.

A resposta a Abraham não escapa a esta “duplicidade”: “Eu não sei absolutamente nada” / “nós sabemos”. Mais ainda que o escorregar do desconhecimento à certeza, a mudança do *eu* pelo *nós* é digno de nota. O “nós” de Freud é muitas vezes aquele do “movimento” psicanalítico, um “nós” de repartir. Mas aqui seu efeito não é de convívio científico ele soa mais como um entrave à novidade.

Resta que a menção feita à confusão cloacal é

9. *Ibid.*, p. 178 sq.

10. Evocando os homens que de todos os tempos quebraram a cabeça para resolver o enigma da feminilidade, Freud cita, por associação, alguns versos de Heine: “Têtes à calottes hiéroglyphiques... Pauvres têtes humaines baignées de sueur” (“La féminité” p. 152-153).

11. *La vie sexuelle*, P.U.F., 1969.

importante, se não explícita. Voltaremos sobre este ponto mais adiante.

Encorajado pelo “interesse” de Freud, Abraham reafirma suas interrogações em sua carta de 26 de dezembro de 1924:

Há muito tempo venho me perguntando se a mudança do clitóris para a vagina pode se efetuar de outro modo que seguindo um caminho já percorrido anteriormente – mesmo em sentido inverso. Sob outros pontos de vista, tivemos que nos convencer que os processos psicosexuais da puberdade são repetições.

Nós tocamos esta vez no âmago da “exigência teórica” que se exerce contra a concepção freudiana da feminilidade. Os processos psicosexuais da puberdade são *repetições* – mesmo quando consideramos a importância dos remanejamentos uma repetição do *infantil*: certamente a “*instauração defasada* da vida sexual, fenômeno só observado no homem”¹², não é uma característica entre outras da sexualidade humana ela é, de fato, o que a constitui. Dizer dos “órgãos genitais femininos que eles permanecem muito tempo ignorados”, pretender que a vagina espera a puberdade para ser descoberta, é no mínimo restringir em extensão a pertinência da aproximação psicanalítica da sexualidade, é “no pior dos casos” abalar seus fundamentos: a vagina, zona erógena organizadora da sexualidade da mulher adulta, não estaria ancorada na sexualidade infantil... O ponto de vista de Freud se abre sobre dificuldades consideráveis que emergem da ausência de gênese da erogenidade vaginal e, correlativamente, da impossibilidade de conceber nela o recalque: se o sexual-vaginal espera a idade púber para existir, a idade da adequação entre os fins pulsionais e a maturidade fisiológica,

como poderia ele ser objeto de recalçamento?

Notei antes que o conflito a propósito da sexualidade feminina, apesar da radicalização das respectivas posições, permanece interno à psicanálise não dando lugar à dissidência. Uma das razões é talvez que o dissidente, na circunstância, não seja outro senão o próprio Freud. Que os “processos psicosexuais da puberdade” sejam a repetição de processos infantis, a quem devemos a convicção senão ao próprio Freud. O apelo de Abraham à “fidelidade” analítica encontrará um eco em Jones, quando este último sustentará a existência precoce de um complexo de Édipo propriamente feminino, pronto, como ele disse, a ser “mais realista que o rei”, entenda-se mais freudiano que Freud¹³.

Abraham não se atém a generalidades de princípio; ele precisa suas hipóteses quanto à gênese psicosexual da sexualidade vaginal:

O estágio anterior presumido [na infância] deveria ter como fim sexual a recepção do pênis, [antecipação, portanto, de acordo com o fim definitivo]. A abertura que aí está destinada parece-me também ter um caráter cloacal, isto é, que se deveria supor que nascem na vagina sensações que são transmitidas desde a zona anal, e também que contrações da vagina geradoras de prazer estão, de qualquer maneira, em relação com as contrações do esfíncter anal.

Aí Abraham *interpreta* Freud literalmente. A vagina é uma aquisição tardia obtida pela separação da cloaca, diz Freud. “A mim também parece” que a abertura deve ter um caráter cloacal, reconhece Abraham, aproveitando-se logo desta ilusão de acordo para esboçar uma argumentação muito além da idéia freudiana.

12. *Abrégé de psychanalyse* (1938), P.U.F., 1949, p. 13.

13. “Le stade phallique” (1932). In *Théorie et pratique de la psychanalyse*, Payot, 1969, p. 432. Anotar que Freud não hesitará ao discutir “a universalidade da tese segundo a qual o complexo de Édipo é o núcleo das neuroses” a partir de suas considerações sobre a proeminência do laço da filha com a mãe (“Sur la sexualité féminine”, *op. cit.*, p. 140).

Para Freud, a cloaca é principalmente matéria de *teoria*. Uma teoria que a criança elabora em resposta às suas próprias interrogações: como o bebê entra no ventre da mãe, como se desenvolve, por onde sai? A todas estas questões o ânus oferece uma resposta imaginária: tanto ao enigma do coito quanto ao do nascimento: a assimilação da criança ao material fecal completa a elaboração¹⁴.

Compreende-se bem porque Freud qualifica de “cloacal” uma tal fantasia: em referência ao modelo animal (pássaros e serpentes). Mas para falar a verdade, teoria “anal” ou “retal” teria bastado. A cloaca animal designa uma *confusão* corporal. Na teoria infantil (versão Freud), só há confusão na ordem das representações. E ainda mais! É o adulto que denomina “cloacal” aquilo que, para a criança, parece “claramente” anal. Seguindo Freud, a teoria da criança não é fruto de uma *confusão* do anal e do genital, mas da *ignorância* da vagina, de sua inexistência, também para o inconsciente.

Entretanto, é verdade que algumas proposições de Freud deixam aberta a possibilidade de uma outra interpretação, onde o ânus “cloacal” cede o passo diante de uma cloaca, primeiro anal, mas também confusamente vaginal, tanto na ordem das representações como na ordem da *excitação*. Assim, em “A disposição à neurose obsessional” (1913), Freud escreve: “Um último passo de desenvolvimento, no momento da puberdade, deve fazer desaparecer [na menina] esta sexualidade masculina [clitoridiana] e erigir a vagina, derivada da cloaca, em zona erógena dominante.”¹⁵ As poucas linhas de Abraham citadas mais acima constituem precisamente uma tentativa para dar um conteúdo a esta *derivação/separação*.

Freud se aproxima muito perto de uma gênese precoce da vagina a partir da sexualidade cloacal: “a relação entre o pênis e o conduto de membrana mucosa [a vagina] que ele enche e excita, encontra-se já prefigurado na fase pré-genital sádico anal. A bola de excrementos – ou a “vara de excrementos”, segundo expressão de um paciente – é por assim dizer o primeiro pênis, a membrana mucosa que ele excita é aquela do reto.”¹⁶ Esta última análise, mesmo se se protege de transbordar do reto para a vagina, abre uma concepção do desejo do pênis e da criança, bem diferente daquela que prevalecerá nos textos centrados sobre a feminilidade. A criança, no texto de 1917 (citado há pouco) é o herdeiro de um pênis interno excitando uma mucosa: a criança do “La féminité” (1932) é o herdeiro de um pênis externo desejado.

No seu artigo de 1920, Abraham tinha retomado a argumentação de Freud sobre o pênis anal, mas já trazendo-lhe precisões notáveis: *a originalidade das fantasias femininas*: “Nas meninas, a defecação favorece a fantasia de adquirir um pênis (ela favorece o medo de perdê-lo no menino), seja de elaborá-lo mesmo, seja recebendo-o como um presente: é então o pai, *beatus possidens*, que aparece como o fornecedor.”¹⁷ Análise particularmente fina que distingue, sobre o fundo homogêneo do erotismo anal, um duplo desejo na menina: desejo masculino de elaborar o pênis, derivado do complexo de castração; desejo propriamente feminino de receber o pênis paterno. As hipóteses formuladas na correspondência, quatro anos mais tarde, estão aqui claramente prefiguradas.

Que este ou aquele de seus textos forneça matéria para vislumbrar uma possível derivação libidinosa

14. “Les théories sexuelles infantiles” (1908). In *La vie sexuelle*, op.cit.. O equívoco da teoria cloacal não é necessariamente o mesmo para o menino e para a menina. Ao primeiro, ela autoriza a fantasia: penetrado e engrossado, e não somente penetrante. À segunda, ela permite trazer o “desconhecido” vaginal ao conhecido anal. A teoria cloacal protege contra a *alternância*, anulando-a.

15. In *Névrose, psychose et perversion*, P.U.F., 1973, p. 197.

16. Sobre as transformações de pulsões mais, particularmente, no erotismo anal (1917). In *La vie sexuelle*, op. cit., p. 110.

17. *Oeuvres*, t. II, p. 105.

da vagina a partir da cloaca, só atinge muito pouco o ponto de vista largamente dominante em Freud: aquele da ignorância/inexistência da vagina até a puberdade. Quando Freud menciona explicitamente as sensações vaginais precoces, é para negá-las, mas de duas maneiras – às vezes distintas, às vezes associadas. Seja invocando a confusão com as sensações anais – é a vertente explorada por Abraham; seja deslocando de “outro lado” a fonte da confusão: “Pretendeu-se freqüentemente que as excitações vaginais poderiam sobrevir muito cedo. Neste caso trata-se de excitações clitoridianas, isto é, excitações de um órgão análogo ao pênis, o que não nos tira o direito de qualificar esta fase de fálica.”¹⁸ Aqui, a negação da vagina precoce reveste sua forma radical; diferentemente do contágio para a via anal, que abre sobre um fantasístico não fálico, este segundo modo de negar a erogenidade vaginal está em perfeita conformidade com a tese princeps de Freud sobre a sexualidade feminina.

Sabe-se o prazer que tinha Freud ao evocar a “brincadeira” de Lou Andreas-Salomé, onde tudo é questão simultânea de vagina, de cloaca e de locação. O mais das vezes Freud cita de memória, fazendo suas as observações de sua “discípula”. Mas, citando de memória, ele retranscreve de maneira aproximativa, talvez inexata. As modificações trazidas à fórmula não economizam nenhum dos termos: a “cloaca” tende a tornar-se “reto”, a “mulher” a se transformar em “menina” ou em “infância”, e a própria significação da “locação” parece sujeita à variação¹⁹. Mais amplamente, o afastamento é sensível entre a rica complexidade do texto de Lou Andreas-Salomé e sua redução por Freud a uma *fórmula*, de mais a mais incompleta ou modificada.

Antes de citar (corretamente) o parágrafo de “Anal

e sexual” que contém a frase em questão, é interessante notar que a autora se apóia explicitamente sobre o texto de Freud de 1913: “A disposição à neurose obsessional”. Portanto, bem antes de Abraham – “Anal e sexual” data de 1916 – Lou Andreas-Salomé “recoloca em questão” a idéia freudiana de uma *derivação* da vagina a partir da cloaca. Ela escreve (Permitam-me misturar meus comentários à citação):

Não há numerosas analogias entre os processos anais e os processos genitais [o tom está dado, o de um parêntese transbordando a única troca das representações para as manifestações mesmo da libido], e isso não apenas no começo, antes de seu pleno desenvolvimento [portanto na infância], mas precisamente no estágio da maturidade sexual? [Estamos aqui bem à frente dos achados cloacais de uma criança que teima sobre a ignorância. Trata-se muito mais de uma “proximidade” durável dos “processos” entre o anal e o genital. Freud, é preciso lembrar, foi o primeiro a sublinhar o laço íntimo do “excremental” e do “sexual”, invocando notadamente a situação dos órgãos genitais: *inter urinas et faeces*²⁰.] Isto nos permite pensar que as regressões do erotismo anal se beneficiam de um importante suporte somático. [O caminho percorrido na infância pode ser feito novamente, mais tarde, em sentido inverso... Nós nos aproximamos de Abraham.] Não é à toa que o aparelho genital fica vizinho da cloaca (na mulher, ele é uma parte tomada em locação). [As vizinhanças se confundem, aquela da anatomia e aquela da dupla fantasia/excitação. Lou Andreas-Salomé não diz “na menina” mas “na mulher”; não somente a derivação cloaca—>vagina sustenta as regressões ulteriores, como não se saberia limitar os efeitos somente na infância. Tudo isso *permanece vizinho*. O aparelho genital da mulher é uma *parte* da

18. *Abrégé*, op. cit., p. 15, n. 2.

19. Cf. “Angústia e vida pulsional”. In *Nouvelles conférences*, op. cit., p. 137. Numa nota de 1920 dos *Trois essais sur la théorie sexuelle*, Freud cita corretamente o texto de Lou Andreas-Salomé, mas certamente não é de memória. (Gallimard, 1987, p. 113).

20. Sobre o mais geral dos rebaixamentos da vida amorosa (1912). In *La vie sexuelle*, op. cit., p. 65.

cloaca, isto é, ao mesmo tempo a separação (a partição) e a divisão de um espaço único; a *confusão* conserva seus direitos, ela aparece mesmo como um traço essencial da sexualidade feminina. A tomada em locação, finalmente, supõe um proprietário: tudo indica, para Lou Andreas-Salomé, que se fosse necessário hierarquizar as sexualidades anal e genital, a primeira apareceria como a antiga proprietária dos locais.²¹

O artigo prossegue precisando a similitude dos processos anais e genitais (“periodicidade das pressões e dos impulsos”) e evoca de maneira muito interessante a passividade do eu diante da pulsão e sua incapacidade para canalizar o movimento: “Da mesma maneira que a pressão anal é originalmente incontrolável, a pressão genital se apresenta como submergindo involuntariamente o eu.”²² Com uma nuance entretanto: a mulher e o homem não estão colocados com a mesma insígnia. As “intenções agressivas” do homem trazem-lhe possibilidades de ligação/elaboração desta pressão submergente; uma submersão que a mulher suportaria, portanto, com mais violência – nós voltaremos sobre este ponto posteriormente, ao mesmo tempo que sobre a questão da passividade e do recalçamento da feminilidade precoce.

Esta longa volta terminada, voltemos à citação de Abraham que a motivou. A abertura destinada à recepção do pênis deve ter um caráter cloacal. Isto é, lembrar, num primeiro tempo, que a teoria da cloaca é simultaneamente teoria do nascimento e do *coito*; teoria da saída da criança e da entrada do pênis/criança. Freud, comumente, esquece-se no caminho desta segunda parte – “cronologicamente” primeira. As seguintes observações de Abraham são uma maneira de conceber a cloaca como uma *zona erógena* e não somente como resposta teórica infantil – uma não excluindo a outra, muito pelo

contrário. Somente uma parede (cujas duas faces estão recobertas por uma mucosa) separa a cavidade retal da vagina, uma parede sacudida/excitada tanto pelo trânsito fecal como por qualquer contração do esfíncter anal. Freud nos diz: “Não importa que lugar da pele ou das mucosas, qualquer uma pode servir de zona erógena.”²³ Por qual “milagre” a mucosa vaginal, zona erógena organizadora da sexualidade feminina adulta, “recusaria” trazer na infância qualquer “contribuição à excitação da pulsão sexual”, quando a atividade excremental cotidiana do organismo não poderia deixá-la insensível?

Evocando a transmissão recíproca das sensações entre ânus e vagina – reciprocidade relativa, a “zona anal” tendo valor de fonte – Abraham pensa provavelmente nos dados da sexualidade feminina adulta, naquilo que lhe é permitido induzir concernente à troca “cloacal”. É, de uma parte, a excitabilidade particularmente forte da plataforma orgásmica atapetando o muro reto-vaginal – para se perguntar o que esta alta excitabilidade deve à “lembrança” infantil. É ainda mais nitidamente, a possibilidade reconhecida pelas mulheres de um orgasmo, mesmo que o coito seja anal.

Semelhante argumentação, como podemos desenvolvê-la a partir das indicações de Abraham, tende a afirmar a existência de sensações vaginais precoces de um modo que parecerá mais mecânico (corporal) que de fantasia. Entretanto, se é necessário demorarmos um pouco sobre tal assunto, é para marcar a oposição com a parte de “realismo” anatômico, muitas vezes pesado, que interrompe a tese sobre o desconhecimento precoce da vagina. Certas formulações da tese em questão submergem o leitor (o ser sexual que existe nele) em abismos de perplexidade. Tomemos, por exemplo, a frase de Hélène Deutsch ao pé da letra: “o despertar da

21. In *Lamour du narcissisme*, Gallimard, 1980, p. 107.

22. *Ibid.*

23. *Trois essais*, op. cit., p.108 e 138.

vagina à sua plena função sexual depende inteiramente da atividade do homem”²⁴, não é a puberdade que a mulher deveria esperar para conhecer as primeiras sensações vaginais, mas o primeiro coito!

A mecânica da excitação exerce um papel essencial, mas isto não quer dizer que apenas ela seja constitutiva da cloaca como zona erógena – a intrusão sedutora do adulto será evocada um pouco mais adiante. Se este fosse o caso, a ciência do biólogo teria há muito tornado inútil toda consideração psicanalítica. Aqui é preciso navegar entre duas escolhas: aquela que só reconhece a erogenidade vaginal adulta (Freud, Hélène Deutsch etc.) e aquela que, apesar de conceber uma feminilidade precoce, faz o impasse sobre sua impressão corporal. E é então notável que uma autora como Melanie Klein, para quem a gênese da sexualidade feminina deve tudo apenas à fantasia – e ao instinto, quando as transições tornam-se obscuras²⁵ – concebe um encadeamento direto do oral (felação/incorporação do pênis paterno) ao genital, fazendo quase a economia da mediação anal²⁶.

A insistência sobre esta sexualidade cloacal primitiva nos conduz a pensar que qualquer coisa da futura diferença dos sexos se esboça no lugar mesmo da *confusão*. Para o menino (e mais tarde para o homossexual homem) o ânus é, sem dúvida, o equivalente ao órgão genital feminino. Para a menina, a teoria cloacal se sustenta por um mais de excitação e de possibilidades orgásticas – sob a cobertura de representações mal diferenciadas da-

quelas do menino.

Tudo isto só tem sentido, só é humanamente sexual, se for restituído ao quadro geral da gênese do complexo de Édipo feminino. O objetivo é esclarecer as obscuridades de uma tal gênese; Abraham escreve explicitamente a Freud. Não é possível dissociar as “contrações do esfíncter anal” – e as que elas transmitem à mucosa vaginal – do que Abraham chama: “A disposição nas meninas a se deixarem seduzir por ações do tipo coital.” Foi dito: a passagem da “bola de excrementos”, os estímulos registrados pela parede-muro não são suficientes para transformar esta parte do corpo em zona erógena, em “cloaca”. Esta última só é local de uma excitação propriamente sexual na medida em que a *fantasia* (receber o pênis do pai, *beatus possidens*) aí esteja como que impresso, transformando a “bola” em “vara”²⁷.

Notemos, para aí retornar mais tarde, que esta “impressão” da fantasia está posta em relação, pelo psicanalista berlinense, com uma situação de sedução e tudo indica que ele a concebe como geral, característica da sexualidade feminina primitiva, e não como o avatar de alguma prática perversa.

Abraham termina suas considerações inovadoras sublinhando a insuficiência da teorização freudiana para explicar certos dados clínicos:

Dois sintomas neuróticos me impuseram a hipótese de um estágio primitivo – digamos vagino-anal: a frigidez e o vaginismo. De acordo com todas as

24. *La psychologie des femmes* (1944), P.U.F., 1974, t. I, p. 201.

25. O recurso à referência instintiva, em M. Klein, funciona menos como uma articulação da teoria do que como uma maneira de preencher os vazios desta última. Como o pênis paterno toma corpo na fantasia da menina? Responder: o instinto, como faz M. Klein, é tanto mais insatisfatório que o conjunto das concepções kleinianas tem, ao contrário, contribuído largamente a demonstrar a que ponto a sexualidade humana é desqualificadora das finalidades instintivas.

26. Poder-se-ia, ao contrário, reprovar o presente artigo pelo fato de fazer economia da fonte oral da feminilidade precoce. Da boca à vagina, passando pelo ânus, qual é a parte da procriação e aquela da retomada interpretativa? Questão bastante pertinente, mas que está além do quadro deste artigo, o qual não teve por fim encarar todos os aspectos da sexualidade feminina, porém mais modestamente tomar o conflito a partir do local cloacal.

27. Eu me refiro aqui implicitamente à concepção do objeto-fonte da pulsão, enunciado por J. Laplanche (cf. *La pulsion pour quoi faire?*, A.P.F., op. cit., p. 20).



experiências psicológicas, eu não posso acreditar que a frigidez se apóie simplesmente no fato de que a passagem da libido do clitóris à vagina *falhe*. Deve haver aí antes uma interdição, fundada diretamente sobre uma localização. Isto vale *a fortiori* para o vaginismo. Como a vagina reagiria de uma maneira tão negativa à primeira tentativa de coito, se nada de positivo tivesse precedido? O vômito histérico pressupõe também uma experiência positiva geradora de prazer surgida no mesmo local, à época primitiva.

O constrangimento clínico se une ao constrangimento teórico: a vida sexual da mulher, como toda vida sexual, enraiza-se no infantil, os *percalços neuróticos* desta vida igualmente. Que a vagina permaneça “fria”, sem “apetite nem prazer”, ou que ela se feche dolorosamente à penetração, são manifestações tão defensivas que pedem que nos interroguemos sobre os desejos primitivos aos quais elas se opõem.

Em 1931 e 1933, Freud escreve dois artigos consecuentes, exclusivamente consagrados à sexualidade feminina. No texto de 1931 (“Sur la sexualité féminine”), nenhuma palavra sobre a frigidez – *a fortiori* sobre o vaginismo, fica-se tentado a dizer com Abraham. Na “conferência” de 1933 (“La féminité”), a frigidez é evocada apenas o tempo de um breve parágrafo. Para dizer o quê? *Nada*, ou quase nada:

A frigidez sexual da mulher, cuja frequência parece confirmar esta fuga [da mulher em relação à agressividade do homem] é um fenômeno ainda insuficientemente compreendido. [Freud concede ao menos um déficit como explicação.] Às vezes psicogênica e acessível então a uma influência, ela sugere, em outros casos, a hipótese de um condicionamento constitucional, e mesmo a contribuição

de um fator anatômico.²⁸

O embaraço de Freud é bem compreensível: se o “conhecimento” da vagina não deve nada a uma *gênese psicosssexual* – pois que ele só será revelado por meio da *maturidade fisiológica* – todo sintoma neurótico vindo localizar-se ali: ou não é verdadeiramente neurótico (mas simplesmente “atual” ou “constitucional”); ou enganou-se de endereço (por deslocamento) – não estamos longe do argumento do “caldeirão”? O recurso à “constituição”, à “anatomia”, é muitas vezes em Freud o indício de uma “rocha” (ou antes, de um osso) na teorização. Qualquer coisa “range” e faz obstáculo à construção.

Resta, entretanto, um conceito aberto por Freud a uma eventual *psicogênese* do sintoma, acessível então a uma psicanálise. Se nós passamos sem demorar sobre as causas sociais (educação rígida das meninas) e conjugais (homem com potência vacilante), que casualidade psíquica pode ser invocada? A teoria freudiana da sexualidade feminina só deixa uma saída possível, aquela que Abraham menciona rapidamente para afastá-la como insuficiente: uma erogenidade clitoridiana que recusaria ceder o lugar; a frigidez, seria menos – talvez de modo algum – a frieza da vagina do que a grande excitação do clitóris. Onde as célebres “lascas de madeira resinosa”, longe de serem destinadas a só se inflamar para transmitir seu fogo à “madeira mais dura”, de fato só pensariam em queimar para elas mesmas.²⁹

Que tal frigidez possa ser apenas a vertente negativa do “complexo de masculinidade”, que tal outra deva tudo à patologia do casal (ainda que esta não nos dispense de nos interrogar-nos sobre a eleição do sintoma) – deixa, em todo caso, inexplicada a

28. *Op. cit.*, pp. 176-177.

29. *Trois essais*, *op. cit.*, p. 163. Difficile, alors qu'il s'agit en principe d'une métaphore du vagin de faire plus phallique (fétichiste) que ce “bois dur”.

singularidade de muitos casos de frigidez. Se Freud não pode dizer nada sobre o assunto, é porque, não dispondo de uma gênese da vagina a partir da sexualidade infantil, ele se priva ao mesmo tempo da possibilidade de explicar o *recalcamento* da sexualidade vaginal adulta – salvo passando por argumentos periféricos. *A pobreza das observações de Freud sobre a frigidez constitui o preço a pagar à coerência constrangedora da teoria, e não o fruto da observação clínica.*

Pode-se afirmar tão abruptamente que não há em Freud concepção (talvez mesmo possibilidade teórica) do recalcamento da sexualidade genital feminina? A dita “ignorância da vagina” é matéria de *excitação*. O recalcamento leva a *representações*, na medida, é verdade, onde elas estejam intimamente ligadas a uma satisfação pulsional... Mas deixemos um instante de lado esta conexão, o tempo de um argumento contraditório, e encaremos as representações em si mesmas.

Que a “madeira dura” demore tanto antes de se excitar, significa então que o inconsciente ignora toda representação da vagina? Ao silêncio vaginal infantil corresponde um deserto simbólico ao nível dos produtos do inconsciente, notadamente no sonho? Lendo Freud, não é nada disso. O inventário (no *Traumdeutung*) das representações oníricas dos órgãos genitais femininos, do “corpo da mulher” – quer o sonhador seja homem ou mulher – não deve nada em riqueza e em diversidade ao reconhecimento das representações inconscientes do “membro viril”. Cofres, caixas e outros armários representam um segredo de um interior, acessíveis a quem possui a chave. Jardins, prados e paisagens são outros espaços trabalhados, percor-

ridos pelo olhar ou andando. Que se evoque igreja ou capela, junta-se à representação de um interior obscuro, a de um lugar santo – a representação é em si mesma realização de desejo, aqui incestuoso. Terminemos com as cavernas, grutas e abismos onde o instrumento se perde, mergulhado no fundo de um insondável. Este rápido percurso é, bem entendido, uma breve amostra das variações possíveis em torno de um mesmo tema. Um estudo mais atento observaria que as representações dos órgãos genitais femininos – para se ater às formas típicas – não têm sempre forma de local. Pode ser também um “*déjà vue*” ou “*déjà vue deux fois*”, como o menino, perspicaz ou seduzido, que não se contentou em nascer, mas ainda introduziu seu dedo no sexo de sua mãe adormecida, quando ele tinha seis anos³⁰.

“O desejo representado no sonho é necessariamente infantil”, o sonho se alimenta de uma “regressão ao mais remoto passado do sonhador, como uma revivescência de sua infância, de moções pulsionais que a dominaram, modos de expressão das quais ela dispôs.”³¹ Como conciliar a proliferação das representações simbólicas do sexo feminino, seu enraizamento nos desejos infantis, cuja presença no sonho testemunha, com a afirmação sempre mantida que o “órgão genital feminino” só encontra “após a puberdade”, “o reconhecimento que o órgão masculino tinha adquirido há muito tempo”³²? A resposta de Freud é conhecida: cofres e cavernas não são tanto lugares de recepção/conservação quanto um traço negativo: a marca de um arrancar, da realização da ameaça de castração. A infância ignora o genital, ela só tolera o fálico: o “corpo de mulher”, corpo ferido, é como uma “cavidade profunda”, surgida após a eliminação de

30. *L'interprétation des rêves* (1900), P.U.F., 1967, p. 341. Notemos na passagem, depois de outros autores, que estes símbolos oníricos falam para uma representação inconsciente da vagina ancorada no infantil, na mulher como no homem. O pressentimento da vagina no menino se sustenta pela identificação anal.

31. *Ibid.*, p. 470, 467.

32. “Angoisse et vie pulsionnelle”, *op. cit.*, p. 134.

um cravo (referente ao cravo que fecha o poro da pele).³³

Nenhum analista contestará a frequência da conjugação sexo feminino/sexo castrado, seja a associação feita por um homem ou por uma mulher. Resta o equívoco, a superdeterminação das representações inconscientes, sua constituição por condensação/deslocamento, e a impossibilidade de se ater a uma simples tradução. Toda representação do órgão feminino é, no fundo, cicatriz, ferimento? Eu estaria tentado a colocar uma outra questão: contra o que se defende este raciocínio “em funil” que se esvazia a fazer convergir para uma única significação as representações inconscientes plurívocas? Tomemos o exemplo de um sonho bem conhecido da *Traumdeutung*, o sonho “das lacunas”:

Um jovem tem um sonho muito preciso no qual ele recorda os devaneios de sua infância conservados no estado de recordação consciente. Ele se encontra, à noite, num hotel de veraneio, ele se engana de número de quarto, e entra numa sala onde uma velha senhora e suas duas filhas se despem para se deitar. Ele acrescenta: “*Em seguida há lacunas no sonho, falta alguma coisa*”, e finalmente há no quarto um homem que quer jogar-me para fora e com quem devo lutar.” Ele procura em vão recordar-se do conteúdo e do objetivo das fantasias de crianças às quais o sonho faz alusão. Mas percebe-se enfim que isto é precisamente apresentado pelo que ele diz das partes imprecisas do sonho. As “lacunas” são orifícios genitais das mulheres que vão se deitar: “falta

alguma coisa”, é a descrição do caráter essencial dos órgãos femininos. Na sua infância ele teve uma curiosidade devoradora de ver os órgãos femininos e ainda estava na teoria infantil da sexualidade que supõe que as mulheres têm um membro viril.³⁴

A interpretação de Freud leva à convicção, mas é plenamente satisfatória? Eu não falo dos aspectos deliberadamente negligenciados (em particular a nota edipiana: o acesso ciumentamente protegido pelo homem, senhor da situação), mas daquilo que prende a atenção de Freud: a simbolização dos órgãos femininos. O sentimento das “lacunas” no sonhador só se forma depois que ele penetrou num quarto (num hotel, à noite), depois de se ter enganado uma primeira vez, o que supõe que há *dois* quartos, como a velha senhora é mãe de *duas* filhas³⁵.

A representação em “lacunas” vem prolongar o cenário de uma penetração em um local de dupla entrada (anal e vaginal)³⁶, onde se revela que é perigoso se aventurar. As “lacunas” são um resultado: a simbolização de um perigo e a antecipação das represálias; um resultado que apaga a figuração do próprio interior, que rechaça o quarto para o segundo plano, sem suprimi-lo³⁷.

A seguir este caminho da interpretação, a representação lacunar do órgão feminino, longe de ser primitiva, aparece como secundária, como um meio para ligar a angústia ligada a uma primeira representação: a de uma intimidade em que a gente se

33. Cf. “L'inconscient”, *Euvres complètes*, XIII, P.U.F., 1988, p. 238.

34. *Op. cit.*, p. 286.

35. Freud nota a frequência da figuração do corpo feminino pelo quarto mesmo quando o sonhador não dispõe na sua língua da palavra *Frauenzimmer*, (literalmente quarto de mulher), que pode se traduzir por “mulher” ou “senhora” (*L'interprétation des rêves*, *op. cit.*, p. 302, n. 3).

36. No conto do sonho de auto-análise de Freud, “Mon fils le myope”, encontra-se esta frase: “A cena está diante de uma porta, dupla porta à antiga” (*L'interprétation des rêves*, *op. cit.*, p. 375). D. Anzieu propõe a seguinte interpretação: “Diante de uma porta” evoca a expressão sexual *ante portas*: “o estilo antigo” designa uma lembrança antiga. Foi porque o garoto procurou ver a dupla porta de Pauline: o duplo orifício anal-vaginal que ele foi punido na sua visão. (*L'auto-analyse de Freud*, P.U.F., 1959, t. I, p. 349-350).

37. Estamos tentados a associar a interpretação das “lacunas” a esta outra formulação de Freud, quando ele se interroga sobre o desaparecimento do complexo de Édipo na menina: “Como se realiza o desenvolvimento correspondente na menina? Aqui, nosso material se torna incompreensível – muito mais *obscura* e *lacunar*” (O desaparecimento do complexo de Édipo (1923). In *La vie sexuelle*, *op. cit.*, p. 121).

introduz correndo o risco se enganar de porta, de penetrar no desconhecido, de ser atirado longe pelo primeiro ocupante – local privilegiado do ato sexual, o quarto é por excelência o dos pais. As “lacunas” têm a vantagem de levar para a ausência aquilo que antes foi apresentado sob exteriores inquietantes (ou antes interiores) de um *outro* local, de um segundo quarto. A alternância reencontrada pela surpresa é logo simbolizada, reduzida à figura do mesmo – que se tem ou não. A ruptura é tanto mais marcante pois se trata de um sonho de homem, submisso, organizado pela angústia de castração. Esta “lógica” de sonho não deixa de evocar o movimento de ligação da teorização freudiana da sexualidade feminina, movimento que perde pelo caminho algumas de suas primeiras elaborações, dentre as mais originais. Por estarem elas mesmas recalçadas, as figuras da castração, associadas ao sexo feminino, não deixam de ser obstáculos à volta de representações arcaicas de um interior invisível de uma geografia incerta.

A fantasia

A referência aos processos anais e às fantasias associadas introduz uma parte de oscilação nas posições teóricas de Freud sobre a sexualidade feminina. Oscilação relativa, entretanto, o ponto de vista dominante conserva uma bela homogeneidade: o caráter principal da “*organização genital infantil*” reside nisto: “para ambos os sexos, um só *órgão genital*, o *órgão masculino* representa um papel. Portanto, não existe um primado do genital, mas um primado do *falo*”³⁸. Contudo, para o nosso propósito, esta afirmação só toma todo seu sentido se não se omitir de mencionar a frase que vem logo em seguida: “Infelizmente só podemos descrever este estado de coisa na criança macho; falta-nos o conhecimento dos processos correspondentes na menina.” Estamos em 1923, a psicanálise tem atrás

de si belos anos em que as mulheres (analisadas) contribuíram largamente. Sem dúvida Freud, tratando-se de mulheres, da gênese psíquica dos casos clínicos apresentados, conservou sempre uma certa prudência, evocando a parte não resolvida de confusão e de obscuridade. Mas a confusão não é a “falta de conhecimento”.

Esta “falta de conhecimento” de 1923 constitui menos uma lacuna que um índice. Antes dele, há um conhecimento feito de aproximação e, sobretudo, dominado pela relação da filha com o pai. Depois dele, há a descoberta da “civilização míneo-myceniana” (o laço precoce da filha à mãe), e a convicção que ela engendra quanto aos processos que levam à fase fálica. Antes de 1923, a vagina é ou alternadamente ignorada (derivada da cloaca), ou pressentida na obscuridade. Depois de 1923, ela é *necessariamente* desconhecida.

Alguns anos antes, em 1919, Freud publica “*Un enfant est battu*”. Texto profuso, objeto de numerosas releituras, o tema insistindo geralmente sobre a problemática da fantasia, ou ainda sobre a gênese do masoquismo. De minha parte, pretendo reter sua contribuição à análise da sexualidade feminina. Como “*Un enfant est battu*” é uma fantasia propriamente feminina. Qualquer que seja o sexo anatômico do sujeito, Freud é levado, *en passant*, a formular observações gerais sobre a feminilidade cuja importância é que elas se situam completamente instáveis, em relação à teoria que prevalece. Certamente não é indiferente que, neste texto, o ponto de partida seja clínico (seis pacientes: quatro mulheres e dois homens), e que a sexualidade feminina aí seja abordada incidentalmente, e não de frente.

O desacordo das formulações (entre “*Un enfant est battu*” e os textos clássicos sobre a feminilidade) não é matéria de datas ou de evolução. A tese

38. “L’organisation génitale infantile” (1923). In *La vie sexuelle*, op. cit., p. 114.

fortemente afirmada, a partir de 1923, estava já nitidamente inscrita desde os *Trois essais* (1905) ou “Les théories sexuelles infantiles” (1908). Em outros termos, as considerações freudianas sobre a feminilidade da “criança batida” não são apenas fragmentos de hipóteses logo abandonadas, mas testemunhas de uma teorização contraditória que não chegará jamais a se impor.

O interesse não se prende somente às concepções originais do texto de 1919: um pouco mais tarde, em 1925, Freud volta brevemente à fantasia de *uma criança é batida*, em um texto (“Quelques conséquences psychiques de la différence anatomique entre les sexes”) desta vez parcialmente centrado sobre a sexualidade feminina, e sustentando, sobre a questão, uma argumentação perfeitamente de acordo com a tese princeps. Reinterpretada neste nosso contexto, a de 1919 se torna, como veremos, “irreconhecível”, ou, mais exatamente, perde pelo caminho, ao mesmo tempo que sua parte feminina, aquilo que o constitui essencialmente como fantasia.

“A representação da fantasia ‘un enfant est battu’ é confessada com uma frequência surpreendente por pessoas que pediram um tratamento psicanalítico por uma histeria ou uma neurose obsessiva.”³⁹ E Freud acrescenta: “é razoável pensar que esta frequência é ainda maior naqueles que não são impedidos por uma “doença manifesta” a fazer um pedido de análise. Como há sonhos e símbolos típicos, “un enfant est battu” é uma fantasia típica: equivale a dizer que ele pertence ao “patrimônio” psíquico da humanidade, e não a uma certa organização mórbida particular.

O fato de ser típico não faz de “un enfant est battu” um objeto facilmente analisável: uma “resistência sem equívoco” se opõe à sua elucidação. Vergonha

e culpa acompanham uma confissão que ultrapassa em reticência a comunicação de primeiras recordações semelhantes da vida sexual. Mesmo que as cenas evocadas se refiram ao período escolar, a “fantasia de fustigação” nos remete, sem dúvida, ao *começo* da infância.

Para além da pobreza do primeiro enunciado consentido, “un enfant est battu”, a fantasia revela ser uma constelação feita de lembranças e ficções. As cenas da vida escolar e familiar, as evocações livrescas – tiradas dos grandes romances masoquistas da biblioteca chamada Rose, tipo *Case de l’Oncle Tom* (A Cabana do Pai Tomás) – disputam-na às ficções cujo sujeito é o próprio autor. Atrás do vazio das primeiras palavras descobrem-se logo as capacidades criadoras da matriz de fantasia.

Esta profusão não exclui as constantes. A pessoa que bate é sempre um adulto homem, com ares de professor. As crianças batidas são múltiplas, como as próprias recordações, mas elas têm em comum, na fantasia das meninas (o que nos interessa aqui), a de serem meninos. O sujeito diretor da fantasia não aparece na própria cena. Ela (o sujeito menina) não bate, nem é batida, “pressionadas por perguntas, as pacientes só respondem: provavelmente eu olho”.⁴⁰

Os sentimentos de prazer ligados à fantasia explicam sua reprodução passada e atual. “Ao paroxismo da situação representada sobrevém quase regularmente uma satisfação onanística”⁴¹, ao nível dos “órgãos genitais” – Freud não dá mais precisões. A satisfação assim experimentada, de consentida pode transformar-se em compulsiva, portanto contra a vontade do sujeito. Não há dúvida de que esta dimensão masturbatória – que nada permite excluir a paciente *adulta* – contribua fortemente para a dificuldade da *confissão*.

39. “Un enfant est battu”. In *Névrose, psychose, perversion*, op. cit., p.219.

40. *Ibid.*, p. 225.

41. *Ibid.*, p. 219.

A esse nível de elaboração, podemos precisar assim o conteúdo da fantasia e da atividade associada: uma menina olha, masturbando-se, um adulto masculino, figura de autoridade, bater em um ou muitos meninos. Este nível é o que Freud chama “a terceira fase”. Terceira na ordem da historicidade, constituída uma vez que o recalçamento obteve aquilo que lhe é devido; mas primeira na ordem da análise trazida pela paciente na sessão.

Esta terceira fase se revela, então, ser uma produção terminal, o terceiro momento de uma gênese complexa na qual Freud distingue duas outras etapas. A primeira é arrancada da amnésia infantil, reconstituída pelo trabalho analítico a partir de lembranças – traços de cenas vistas ou desejos surgidos – esta nuance não tem “nenhuma importância”. A segunda fase é “a mais importante de todas, e a mais carregada de consequências”. Ela não tem a “existência real” da primeira sua realidade é toda psíquica. Em nenhum caso rememorada, fora das tomadas de consciência, “ela é uma construção da análise, mas não deixa de ser uma necessidade”⁴². Retenhamos, para voltar mais adiante, esta insistência de Freud sobre o tempo 2.

Do que é feita a primeira fase? É a mais antiga, “ela deve pertencer ao começo da infância”. A diferença com a fase 3 se atém principalmente ao que definem as identidades daquele que bate e dos que apanham. “A criança que apanha não é jamais a mesma que o autor da fantasia”, na maior parte do tempo é um irmãozinho ou uma irmãzinha – ao mesmo tempo em que a identidade da criança se define, a de seu sexo se “indetermina”: não é mais necessariamente um menino. Quanto ao adulto que

bate, ele se deixa reconhecer “de uma maneira clara e inequívoca como sendo o pai (da menina)”⁴³, o pai do autor da fantasia.

O que vale para o irmãozinho ou irmãzinha a honra desta encenação: o fato de se imiscuir num lugar – o do amor paterno – onde até agora nossa menina mandava sozinha com toda segurança. A criança que apanha é um intruso, um ladrão de cuidados e afeição. A fantasia pouco a pouco especifica-se: “o pai bate na criança odiada por mim”⁴⁴. A primeira fase se casa com a linha de sustentação.⁴⁵ Ela satisfaz primeiro os “interesses egoístas”, os da auto-conservação, afastando com uma palmada quem pisa sobre seus canteiros. Mas como sempre, nesta matéria, o estado egoísta está largamente infiltrado pela sexualidade que está se constituindo. Que o pai bata no impertinente, isto significa: “ele não ama esta outra criança, ele só ama a mim”. Onde misturam-se a confissão do egoísmo ciumento e a fantasia do amor incestuoso.

Eis-nos rendidos, com “esta escolha de objeto precoce do amor incestuoso”, ao ponto que nos vai reter mais particularmente: “A menina”, escreve Freud, “está ternamente fixada ao pai, que verossimilmente tudo fez para ganhar seu amor.”⁴⁶ Uma menina amante e um pai sedutor... Estamos em 1919, mais de vinte anos depois do célebre abandono da *neurótica* (carta a Fliess de 20 de dezembro de 1897). Este pai *fazendo tudo* para ser amado, não é “dessas pessoas que não têm nenhum escrúpulo em satisfazer suas necessidades sexuais com crianças”⁴⁷. Não é mais o vil sedutor de “L’*étologie de l’hystérie*” (1896), mas o pai da menina, tão típico quanto a fantasia “un enfant est battu” é típico. Que

42. *Ibid.*, p. 225.

43. *Ibid.*, p. 224.

44. *Ibid.*, p. 225.

45. Cf. J. Laplanche, “Vie et mort en psychanalyse”, Flammarion, 1970, p. 165.

46. “Un enfant est battu”, *op. cit.*, p. 226.

47. Freud, “L’*étologie de l’hystérie*” (1896). In *Névrose, psychose, perversion*, *op. cit.*, p. 106.

o “substrato histórico”⁴⁸ no âmago da neurose – da menina como do menino – seja o herdeiro desta experiência arcaica, sem dúvida; mas precisamente não se trata mais da história singular de tal histórica. Freud, aliás, não deixa de retomar no texto de 1919 a argumentação que distingue fantasia e realidade. As fantasias dos pacientes se alimentam de coisas vistas, ouvidas ou lidas, mas é notável que “as pessoas que forneceram a matéria de tais análises apanhassem raramente na sua infância e em todo caso não foram educadas com bastonadas.”⁴⁹

Correlata a este pai sedutor e desejoso do amor da criança, existe de maneira *indubitável*, na filha, uma “aspiração libidinosa” sustentada por algo como um “pressentimento” (um conhecimento sensível embora mais ou menos obscuro), dos “alvos sexuais definitivos”. “Tem-se como prova”, precisa Freud, “que os órgãos genitais (sempre esta mesma expressão que engloba), já começaram a representar seu papel no processo de excitação.”⁵⁰ A excitação genital acompanha a intuição do fim definitivo (“ter um filho do pai”), fim ao qual chama a representação de um alvo “intermediário”: receber o pênis paterno – ainda que Freud, diferentemente de Abraham, não o formule explicitamente. O filho desejado pela menina é assim o fruto de uma gênese psicosssexual bem diferente daquela que prevalecerá na tese definitiva, quando o desejo do pênis (externo) terá se tornado a etapa iniciadora para a feminilidade.

Introduzindo a referência ao amor *do* pai, com toda ambigüidade do partitivo – o texto de 1919 acomoda de uma nova maneira a hipótese de um conhecimento precoce da vagina que nós tínhamos, até o presente, encarado sobretudo a partir da sexualida-

de da criança. A sedução paterna constitui uma fonte essencial deste pré-conhecimento: *o desejo inconsciente do pai*, desejo (de penetração) de um adulto sexualmente maduro, não pode deixar de fazer sua *marca*, contribuindo de maneira decisiva a fazer existir inconscientemente a vagina da menina. A dimensão intersubjetiva é suficientemente rara na obra de Freud, para que aqui sublinhemos a pertinência. No prolongamento da proposição de Abraham, se a menina mostrar-se disposta “a se deixar seduzir a ações de tipo coital”, é porque ela é, à sua maneira, capaz de pôr em relação a excitação de seus órgãos genitais e sua “interpretação” dos avanços paternos⁵¹.

Sem dúvida, tudo isto permanece muito obscuro para a menina, uma obscuridade que é de início a de um *caminho* seguido para a realização de tais desejos. Mas ainda uma vez obscuridade não é desconhecimento. A confusão quanto ao *caminho* nutre-se de excitações (vagino-anais) e de representações (cloacais). Em que medida “o continente negro”, “a *terra incógnita*”... que pontuam até o fim o comentário de Freud sobre a sexualidade feminina, mesmo quando ele propõe uma teoria perfeitamente *clara*, não são as marcas metonímicas da derivação anal-vaginal abandonada, tornada inútil na nova concepção?

Destes fragmentos de uma primeira teorização, sobrarão muito pouca coisa na tese tardia sobre a feminilidade. Muito pouco sobre os “órgãos genitais” e das representações associadas à excitação: mas também, fato notável, muito pouco do *pai*! O complexo de Édipo feminino, dentro desta última perspectiva, não é mais que uma breve “posição de repouso”, de encolhimento, apertada entre uma longa e tempestuosa ligação pré-ediipiana à mãe, e

48. Cf. Freud, “Nouvelles remarques sur les psychonévroses de défense” (1896). In *Névrose, psychose, perversion*, op. cit., p. 67.

49. “Un enfant est battu”, op. cit., p. 220.

50. *Ibid.*, p. 227.

51. É certamente um dos pontos fracos da argumentação kleiniana concernente ao Édipo precoce feminino, de só se dar conta do surgimento do pênis paterno (em vez e no lugar do selo hostil) de um modo endógeno (instintivo).

um período de latência muito próximo. O que aconteceu com o pai? Antes de Édipo, ele é apenas um intruso (e não um rival): na hora do complexo, ele é um “porto”, um refúgio de paz onde a menina se refugia às pressas⁵². *O pai desejoso e sedutor impõe a hipótese de um conhecimento precoce da vagina – seja ele mesmo confuso, pressentido. O desconhecimento afirmado da vagina só pode se acomodar por um pai libidinosamente apagado; a coerência constrangedora da teoria sobrepuja as objeções da clínica.*

Voltemos à fase 2 da fantasia, “a mais importante” das três, construída pela análise sob a pressão da necessidade.

Como explicar que ela não seja memorável: “aparentemente pela intensidade do recalcamen- to”⁵³ sobre as representações associadas ao amor incestuoso. A consciência da culpa é o operador da transformação de 1 em 2. O pai que tudo fez para ganhar o amor da menina também depositou nela “o germe de uma atitude de ódio e concorrência em relação à mãe”⁵⁴ – fonte de formação reativa, no gênero ternura excessiva. Freud não liga explicitamente “a consciência de culpa” e o medo de uma retorsão maternal, mas o caminho está traçado para a teorização kleiniana posterior.

De 1 a 2 o espancador não muda: sempre o pai. Mas o castigo infligido volta-se agora sobre a própria pessoa, sobre o autor da fantasia. O que permaneceu mais longamente indeterminado (meninos, um irmão, uma irmã) é agora o objeto da máxima determinação: *eu* apanhei do pai. Num mesmo movimento operam-se o retorno sobre a menina e

a passagem ao primeiro plano da passividade. A fantasia assim constituída “é em alto grau tingido de prazer” e tem “indubitavelmente um caráter masoquista”⁵⁵. A intensidade do recalcamen- to é o indício do caráter nodal da segunda fase. É só verdadeiramente a seu nível que as lembranças dão lugar à fantasia, e que a auto-conservação (o inter- esse egoísta) se dissolve em sexualidade⁵⁶.

O fato de apanhar satisfaz de início as exigências da culpada: a crença do tempo 1 (“Ele – o pai – só me ama e não o outro filho em que ele bate”) se vê oposta no tempo 2 ao mais *incisivo* dos desmenti- dos: “Não, ele não te ama porque ele te bate.” Mas é preciso que a moção amorosa tenha igualmente sua parte, a “tintura de prazer” é testemunho: o fato de *apanhar* não é apenas *a punição pela relação genital proibida, mas também o substituto regres- sivo desta última*.⁵⁷

Substituto regressivo... Vejamos de início a dimen- são regressiva. Logo no começo do seu artigo Freud evoca um “detalhe característico do conteú- do da fantasia”, que ele não menciona mais em seguida: a criança apanha na “sua bundinha nua”⁵⁸. O caminho da regressão está assim totalmente designado: do genital para o anal – a analidade sendo, a bem dizer, presente em filigrana que insiste atrás dos acentos sado-masoquistas da fan- tasia. Bundinha em alemão é *Popo*, palavra infantil difícil de ter uma tradução adequada mas que de toda maneira alude explicitamente ao “traseiro” (*Popo* é a repetição da primeira sílaba de *Podex*, o traseiro).⁵⁹

O destino de *Popo* na obra de Freud não deixa de ser

52. “La féminité”, *op. cit.*, p. 173.

53. “Un enfant est battu”, *op. cit.*, p. 229.

54. *Ibid.*, p. 226.

55. *Ibid.*, p. 225.

56. Cf. J. Laplanche, *Vie et mort en psychanalyse*, *op. cit.*

57. “Un enfant est battu”, *op. cit.*, p. 229.

58. *Ibid.*, p. 221.

59. Cf. J. André, “Panpan Tutu”. In *Psychanalyse à l’université*, julho 1900, 15, n. 59.

interessante. Encontra-se notadamente no *Traumdeutung*, onde se pode ler: “Na infância considerou-se o [aparelho] genital feminino (Popo) como formando um só espaço [uma só peça: *Raum*]⁶⁰. Esta confusão, misturando a bundinha e o genital feminino, vamos encontrá-la na “L’histoire d’une névrose infantile” (l’Homme aux loups) onde se trata da “bundinha (Popo) dianteira das meninas”⁶¹. *Popo* não está longe de ser o significante de *cloaca* no texto de Freud. A fantasia da fase 2 ganha desde então localização: *Meu pai me bate na cloaca*. Do lado feminino, a regressão do genital para o anal é grandemente facilitada. Ela não se contenta de tomar emprestado uma via seguida antes no sentido inverso, ela se apóia sobre uma confusão *ativa*, tanto no registro das representações quanto no da excitação, uma confusão que é menos a marca de um tempo infantil terminado, que uma característica durável do sexual-feminino enquanto tal.

O que acontece agora com o *substituto*? Sobre qual termo do enunciado de fantasia ele se apóia? Com o pai da palmada sedutora e a *menina* sofrendo o assalto, nós temos dois requisitos da fantasia. Resta *bater*. A componente incestuosa indica a solução: ela é explicitamente formulada por Freud, mas num texto anterior: “L’Homme aux loups” – onde não está absolutamente excluído que ele seja um dos seis pacientes evocados no começo do artigo de 1919. Ser batido pelo pai – seria preciso sempre escrever *batida* com *a* final, é a ortografia fantasisticamente correta – vem no lugar de ser *copulada por ele*⁶². Não esqueçamos o bastão e chegaremos a uma fórmula quase definitiva – por pouco que “definitivo” tenha psicanaliticamente um sentido: *eu sou batida-copulada (cloacalmente) pelo bastão-pênis do pai*.

O interesse da volta pela “L’histoire d’une névrose

infantil” está igualmente em permitir fazer ligação entre a representação fantasística (“un enfant est battu”) e a *cena originária*. Ser batida-copulada pelo pai, é ocupar na cena a posição da mãe. Se a cena primitiva não pode ser considerada incestuosa em si, ela não deixa de ser (através de um jogo de identificações) matriz dos desejos incestuosos da criança. A confissão: “provavelmente eu olho” arrancada por Freud de suas pacientes, aparece como um ingrediente suplementar da encenação (primitiva). Nenhuma dúvida de que o aspecto *típico* da representação “un enfant est battu” deve muito ao fato de se situar tão perto do originário.

A descoberta de uma feminilidade precoce, a tomada em consideração do desejo da menina de receber o pênis paterno (ou a palmada substituta), a afirmação da existência de um estágio vagino-anal (conservemos a formulação de Abraham), tudo isto engendra uma concepção radicalmente modificada da gênese da sexualidade feminina que não poupa nenhum dos aspectos em causa.

Tomemos primeiro a questão da culpa. O ponto de vista clássico de Freud a respeito é bem conhecido – a controvérsia da qual ele foi objeto contribui bastante. Vamos recordá-la em algumas palavras.

No menino, a angústia da castração faz com que “o complexo de Édipo seja abandonado, recalçado, destruído radicalmente” e que “um superego severo seja instituído como seu herdeiro”. “O que se passa com a menina é quase o contrário. Para ela, a castração é *complexo* e não *angústia*. Ela o introduz neste “porto” que é a situação edipiana. Não vemos absolutamente, desde então, o que levaria a menina a deixar o abrigo – a *recalcar* esta sexualidade edipiana – nem (é uma outra maneira

60. *Gesammelte Werke*, II/III, p. 359-360.

61. *Oeuvres complètes*, XIII, op. cit., p. 22.

62. *Ibid.*, p. 44.

de colocar a mesma questão) de onde poderia lhe vir “a consciência de culpa”: “A formação do superego deve padecer destas circunstâncias”, ele fica sem força e despedido de independência⁶³. A completa ignorância de seu próprio sexo (e da fantástica associada), na qual permanecera a menina, conduz necessariamente (necessidade da exigência teórica) a sustentar a idéia de uma debilidade do superego⁶⁴.

Diferente é “a menina batida”. Amada pelo pai, desejosa de seu amor, tendo o “pressentimento” daquilo que ela espera (pênis ou palmada) e do local íntimo de recepção (a *Popo* vagino-anal), ela é afrontada ao mesmo tempo pelo transbordamento pulsional e pelas conseqüências da “concorrência” com a mãe (concorrência em relação ao pênis cobijado). Daí resulta que uma “consciência de culpa talvez mais exigente” para a menina que para o menino⁶⁵, como testemunha da importância das transformações entre o núcleo inconsciente da fantasia e suas florações conscientes.

Eis-nos com duas meninas estranhas uma à outra. A de 1919 tem um pai penetrante (sedutor), um

corpo receptivo e uma consciência de culpa torturante. O preço a pagar por tal precocidade é um recalçamento de sua sexualidade edipiana *no conjunto mais profundo*⁶⁶, do que aquele que o menino conhece. A impossível rememoração da fase 2 da fantasia, devida à intensidade do recalque, adquire tanto mais relevo à medida que Freud, neste mesmo texto, lembra com intensidade o “imperativo psicanalítico” que constitui a retirada da amnésia infantil⁶⁷.

A menina de 1932 ignora seu próprio sexo, encontra seu pai como alguém que se agarra a uma tábua de salvação, e deixa docilmente afrouxar o laço que a aproximou desta personagem secundária. O objeto do recalçamento está em outra parte, ele diz respeito às primeiras relações com a mãe.

Depois da culpa, encaremos um segundo aspecto da psicosexualidade feminina: o complexo de masculinidade.

Igualmente sobre este ponto, os desenvolvimentos de Freud nos são familiares. No quadro de sua teoria constituída da feminilidade, o complexo de

63. “La féminité”, *op. cit.*, p. 173. Como desde então compreender o surgimento da angústia na menina? A dificuldade não escapou a Freud, que tentou resolvê-la invocando a experiência arcaica da *perda do amor* (cf. *Inhibition, symptôme, angoisse*, 1926). Discutir esta questão iria muito além do propósito deste artigo. Notemos somente o desequilíbrio que ela introduz na teorização freudiana, um desequilíbrio do qual Melanie Klein fará grande uso. É notável que esta outra fonte de angústia descoberta por Freud esteja totalmente ausente dos textos (fálcos) explicitamente centrados sobre a sexualidade feminina.

64. A fraqueza da “consciência moral” das mulheres faz parte destas teses que, para muitos, mostram a que ponto Freud – e sua teoria – está submetido aos preconceitos de seu tempo. Para caminhar no mesmo sentido, é interessante pôr em relevo estas proposições do adolescente Sigmund (então com 19 anos) endereçadas a seu amigo E. Silberstein: “Um homem que pensa é seu próprio legislador, seu confessor e seu juiz. A mulher, ao contrário, não possui nela a regra da ética: ela só pode agir bem permanecendo nos limites das normas morais, observando o que a sociedade reconhece como conveniente” (27 de fevereiro de 1875; in S. Freud, *Lettres de jeunesse*, Gallimard, 1989). O preconceito-tese precede em numerosos anos as primeiras elaborações psicanalíticas sobre a questão.

Entretanto, há uma outra maneira de encarar as coisas: o que escrevia Freud em 1875, não é nada difícil de encontrar nos escritos de tal ou qual de nossos contemporâneos. Os tempos contudo mudaram muito, ao menos no que concerne à posição social da mulher e as condições de sua vida sexual. Se o “preconceito” persiste, é que ele bebe em outra fonte que é “air du temps”: a angústia de castração não tem idade. Sabe-se, depois de Leroi-Gourhan, que ela já recobria com seus motivos os muros das grutas chamadas pré-históricas.

65. “Un enfant est battu”, *op. cit.*, p. 230 (eu sublinho).

66. *Ibid.*, p. 239 (eu sublinho). Num artigo logo após “Un enfant est battu”: “Psychogenèse d'un cas d'homosexualité féminine” (1920), Freud é levado pela análise a conclusões inesperadas. A homossexualidade da jovem (“continuação não modificada de uma fixação infantil à mãe”) se revela uma formação defensiva protegendo o sujeito da “corrente libidínica heterossexual mais profunda”, ligando-a ao pai. Fora do chute à norma, a indicação é preciosa quanto à força do recalque, cujo objeto é a sexualidade feminina heterossexual precoce (cf. *Névrose, psychose, perversion*, *op. cit.*, p. 267).

67. “Un enfant est battu”, *op. cit.*, p. 223.

masculinidade é uma das três saídas às quais está acuada a menina depois da descoberta de sua castração – as duas outras são mais ou menos uma: a inibição neurótica e a feminilidade normal. O complexo em questão parece, entretanto, abarcar posições psíquicas ligeiramente diferentes: de um lado uma menina (depois uma mulher), que não desiste “com uma segurança insolente” de seu desejo do pênis; um desejo, segundo Freud, relembremos que visa a se munir de um pênis equivalente ao do menino, um pênis externo. Do outro lado, uma menina que permanece, apesar da objeção da realidade observável, “o homenzinho” que ela sempre foi. Neste caso, ela deseja o pênis menos que ela não o tem. O importante, para nós, é notar que o complexo de masculinidade assim concebido é o *prolongamento da masculinidade originária da “menina”*.

É totalmente diferente para a menina de 1919 – nossa hipótese sabendo certamente que ela não está sozinha neste caso. É a propósito de uma das particularidades da terceira fase da fantasia que Freud evoca o “complexo de virilidade” das meninas – expressão tomada de empréstimo a Van Ophuysen. A tal nível da representação, que é o nível consciente, a menina batida desapareceu para dar lugar a meninos:

Logo que elas se afastam do amor genital incestuoso pelo pai (quando elas se afastam do núcleo da fantasia), as meninas rompem com a maior facilidade do mundo com seu papel feminino, dão vida a seu “complexo de virilidade”, e desde aí só querem ser meninos. É porque “les souffre-douleur” que elas se dão como substitutas [da *menina* nelas] são também meninos.⁶⁸

Aí o complexo de masculinidade se revela ser uma formação psíquica defensiva contra a angústia diante da libido incestuosa, contra os medos que acom-

panham “o pressentimento” do fim definitivo (ser copulada pelo pai). O falicismo afixado ou fantasiado da menina *é relacionado ao movimento de recalçamento de seu próprio sexo*. É literalmente a tese de Jones; a passagem do estágio vagino-anal ao estágio clito-fálico participa do recalçamento da feminilidade. A *direção* clitoridiana é uma direção defensiva, uma posição de regressão que pode ser descrita como uma simbolização-ligação da viva angústia associada à fantasia de penetração (destruição). Aquilo que Freud oporá aos de “Londres” atravessa (em pontilhado) a própria obra freudiana.

A análise da fantasia “un enfant est battu” libera os primeiros elementos de uma teorização da sexualidade feminina que não chegará jamais a tomar corpo. Por quê? Vasta questão, que além disso é marginal em relação a nossa preocupação. A convicção freudiana do primado de falo, convicção sempre mais afirmada, constitui a parte mais clara da resposta. Sobram as zonas de sombra. Freud não é um psicanalista entre outros, o nascimento da psicanálise é indissociável da auto-análise de seu fundador. Aquele que sabe descobrir na “recusa da feminilidade” um obstáculo maior ao prosseguimento da análise, não estava, ele mesmo, ao abrigo dos efeitos do recalque. Compreender o fetichismo, sua gênese, nunca teve por consequência suprimir suas produções de fantasias. A clínica masculina revela a grande banalidade do fetichismo do clitóris; não parece que Freud, homem e teorizador, tenha feito exceção a esta quase regra. Para dizer as coisas de outra maneira, não se pode excluir a contribuição da angústia da castração à elaboração da teoria da sexualidade feminina em Freud.

A análise de “un enfant est battu” oferece o duplo testemunho de uma pista antes aberta (sem ser verdadeiramente balizada) para ser em seguida eficazmente fechada. A operação se desenvolve em dois tempos: 1919 e 1925, a distância de um a posteriori.

68. *Ibid.*, p. 231.

O curto texto de 1925, intitulado “Quelques conséquences psychiques de la différence anatomique entre les sexes”, está centrado sobre a experiência visual crucial da descoberta pelo menino e pela menina da sua dessemelhança genital. O menino observa a ausência de pênis, armazena a representação do *nada*, e a reserva para mais tarde. A menina, sem dúvida mais submissa à certeza sensível, “julga e decide” conjuntamente: ela viu, ela sabe que ela não o tem e quer tê-lo⁶⁹.

Ao mesmo tempo que o desejo do pênis adquire o *status* de experiência fundadora da feminilidade (ou de sua negação), o laço da menina com o pai é rebaixado à linha “de formação de algum modo secundária”⁷⁰. É neste contexto que Freud é levado a reconsiderar sua análise da fantasia “*Ein Kind wird geschlagen*”:

Antes de conhecer ainda esta derivação do ciúme [a partir do desejo do pênis], eu tinha construído para a fantasia onanística tão freqüente na menina: “Un enfant est battu”, uma primeira fase na qual há esta significação que uma outra criança, da qual se tem ciúme porque ela é uma rival, deve apanhar.⁷¹

À primeira vista, estas poucas palavras parecem um simples resumo dos ingredientes do tempo 1 do artigo de 1919. Mas, olhando mais de perto é justamente o contrário. “Eu tinha construído (...) uma primeira fase”, nos diz agora Freud. Não! Esta primeira fase, feita de “lembranças” mais do que de “fantasia” não é *construída*; ela nasce do trabalho da análise, da retirada da amnésia infantil. A única fase construída é a *segunda* – que desaparece completamente com a evocação de 1925.

Outro deslocamento, tão sub-reptício quanto carregado de sentido: a fantasia está desta vez acompanhado bizarramente do qualificativo “onanista”. A expressão *Onaniephantasie*, por outro lado, não se encontra no texto de 1919. Não que a referência ao onanismo esteja ausente, bem ao contrário, mas trata-se sempre de “atos”, de “satisfação” ou de “descarga”, *que acompanha* uma representação fantasística – voltaremos logo sobre este ponto.

Freud prossegue: “Esta fantasia parece ser um resíduo do período fálico da menina. [Portanto uma afloração do desejo do pênis, uma manifestação do complexo de masculinidade. Esta observação não é uma nuance, um aprofundamento de raciocínio de 1919, mas uma hipótese em completa ruptura com a precedente, talvez contrária a ela. No artigo inicial, “o complexo de virilidade” só aparece na terceira fase (através dos *meninos* que apanham) como um *resíduo* do recalçamento, do qual é objeto a fantasia incestuosa/masquista.] A rigidez particular que me chamou a atenção na fórmula monótona: “un enfant est battu”, permite ainda provavelmente uma interpretação especial. A criança que é então batida-acariciada pode ser apenas, no fundo, nada mais que o clitóris [como interpretação especial, ela já é antiga e precedeu de muito 1919. Num adendo de 1911 à *Traumdeutung*, Freud observava as equivalências simbólicas entre a criança e o pênis/clitóris, entre bater e masturbar: “Brincar com uma criança, batê-la etc., são muitas vezes figurações de onanismo”⁷²] – se bem que tal declaração, no que ela tem de mais profundo [o núcleo revisto e corrigido da fantasia], contém a confissão da masturbação que, desde o início, na fase fálica até uma época tardia, está relacionada ao conteúdo desta fórmula.” [Em

69. In *La vie sexuelle*, op.cit., p. 127.

70. *Ibid.*, p. 126.

71. *Ibid.*, p. 128 (*Gesammelte Werke*, 14, p. 25). Meus comentários estão entre parênteses. Eu substituí a antiga tradução errada (On bat un enfant), pela tradução correta hoje admitida: Un enfant est battu.

72. *L'interprétation des rêves*, op. cit., p. 306. Em seu artigo de 1917: “Sur les transpositions...”, Freud volta a esta mesma interpretação: “A criança, como o pênis, se chama “o pequeno”. É um fato conhecido que muitas vezes a linguagem simbólica não se importa com a diferença dos sexos. O “pequeno”, que na sua origem significava o membro viril, pode secundariamente servir para designar o órgão genital feminino” (*La vie sexuelle*, op. cit., p. 108).

1919, a masturbação é a via da descarga para uma excitação cuja fonte é uma fantasia incestuosa/masquista. Em 1925, ela é ao mesmo tempo a maneira de satisfação ligada à fantasia e a própria *representação fantasística*. O que se enunciará assim: uma menina masturba o clitóris fantasiando masturbar o clitóris como se fosse o pênis. Só o “como se” ainda distingue a representação do modo de satisfação.^{73]}

O afastamento entre as teses de 1919 e de 1925 concerne tanto ao conteúdo da fantasia quanto à estrutura desta.

A fantasia de 1919 é *feminina*. Fantasia incestuosa, ao mesmo tempo histérica e masquista, seja seu autor em realidade homem ou mulher. De fato, para o homem, a fantasia tem a mesma significação: ser o objeto passivo do amor penetrante do pai.

A fantasia de 1925 é fálica, e não se vê ao mesmo tempo que “ensinamento” ela poderia trazer à sexualidade do menino – ao qual, aliás, não se faz nenhuma referência. Entretanto, se fosse necessário manter a fantasia do menino em seu sentido inicial (incestuoso, homossexual), chegar-se-ia, além da similitude dos enunciados, a dividir a representação fantasística em *duas* fantasias bem distintas, segundo o sexo do fantasiador. Perder-se-ia o mais forte da primeira análise: a feminilidade fantasiada, ignorante da realidade anatômica dos sexos.

A fantasia repensada de 1925 não é mais que uma figura do falicismo da menina. Algumas linhas, o tempo de traduzir uma equivalência simbólica, são suficientes à sua interpretação. *Exit* (sai) a longa e tortuosa análise de 1919.

As leituras pós-freudianas de “Un enfant est battu”, sublinharam, a justo título, a riqueza das elaborações concernentes à estrutura da fantasia e à noção de construção. Deste ponto de vista, de 1919 a 1925, mais que um deslocamento da interpretação, trata-se de um empobrecimento considerável. A fantasia de 1925 se reduz à fase 1, a uma remontagem da fase 3 (reduzida ao enunciado monótono, sem as ficções) à fase 1. Uma primeira fase que se torna “onanista”, o que Freud excluía explicitamente em 1919: “Em nenhum caso pode-se supor que já esta primeira fase da fantasia esteja a serviço de uma excitação que, sob a pressão das reivindicações genitais, aprende a obter a descarga em um ato onanístico.”⁷⁴ E, sobretudo, a primeira fase se torna construída (e não mais memorada). Perdeu-se o essencial pelo caminho, o núcleo da fantasia: a fase 2. Perdendo o núcleo, perde-se a fantasia como tal, se é verdade que só é no movimento de recalque do tempo 1 ao tempo 2 que as “lembranças” e o “interesse egoísta” se transformam definitivamente em fantasia e sexualidade.

A fase 2 desapareceu porque ela é evidentemente incompatível com a hipótese fálica, com o último ponto de vista de Freud sobre a feminilidade. A fase 2 diz: eu sou amada-penetrada-batida (no Popo) pelo pênis-bastão do pai, representação genital-anal-masquista e ainda incestuosa, que exige uma descarga onanística. (Notemos que o onanismo em questão pode bem ser clitoridiano: atividade clitoridiana e fantasias femininas – passivas não são impossíveis). Não há lugar para uma tal fantasística no artigo de 1925 onde, não por acaso, nenhuma menção é feita do pai, do parceiro incestuoso da *pequena*.

73. Em 1919, Freud evocava algo próximo e ao mesmo tempo radicalmente diferente: a possibilidade da “atividade fantasiosa” de continuar “o onanismo” como tal, mas ao nível da fase 3, isto é, após a operação do recalque. Em 1925, a representação do onanismo é a fantasia inconsciente. Em 1919 ela surge no lugar da representação incestuosa reprimida (cf. “Un enfant est battu”, *op. cit.*, p. 234-235).

74. *Ibid.*, p. 227.

Passividade e feminilidade

...Velho par de duas noções muitas vezes associadas. A literatura psicanalítica multiplicou as glosas sobre o que as aproxima ou as diferencia. Não tenho nenhuma intenção de retomar aqui o conjunto desta questão. Minha aspiração, mais circunscrita, é colocar em relação a articulação destes dois termos com o problema do recalçamento e da sexualidade feminina precoce. Não é suficiente afirmar a manifestação desta última, é preciso ainda explicar a eficácia do recalçamento, da qual ela é o objeto: uma eficácia cujo mais seguro sintoma é o domínio do desejo do pênis sobre a vida psíquica da menina (da mulher) no decurso de seu desenvolvimento – sendo um outro sintoma a teoria psicanalítica do desconhecimento da vagina até a puberdade.

Para introduzir a discussão desta questão, eu vou me referir a um texto de 1937, “L’analyse avec fin et l’analyse sans fin”, onde Freud faz o inventário dos entraves ao trabalho analítico. O ponto que nos interessa se segue a considerações sobre a maneira como a “originária pulsão de morte” contravém ao processo da cura. Trata-se, cada um por vez, do masoquismo, da reação terapêutica negativa, da consciência de culpa das neuroses e mesmo do *conflito* psíquico enquanto tal, na medida em que este testemunha uma “volta para dentro” da agressão, de uma interiorização daquilo que, nos tempos primitivos, arcaicos, se voltava para fora.

Freud evoca então dois temas “que se distinguem particularmente e fazem singularmente mal ao analista”. Dois temas “ligados à diferença de sexos”, um sendo tão característico do homem quanto o outro da mulher. Certamente existe de um a outro diferenças de conteúdo, mas as correspondências são evidentes; *o elemento comum* sobrepuja as

diferenças. Estes dois temas são, para a mulher, o desejo do pênis, e, para o homem, “a revolta contra sua posição passiva ou feminina em relação a um outro homem”⁷⁵ – “notemos que o desejo do pênis é ao mesmo tempo um dos motivos que levam a mulher madura à análise”⁷⁶ e um obstáculo maior no desenrolar desta.

O afastamento, mesmo a oposição, entre as duas resistências é mais imediatamente sensível que seu parentesco: a mulher *aspira* enquanto o homem *se revolta*. Mas esta inversão de um sexo ao outro na escolha da tática defensiva indica precisamente que o inimigo é o mesmo: *a feminilidade*. Uma feminilidade da qual a mulher só pode se proteger aspirando possuir “o órgão genital masculino”, e contra a qual o homem só pode se defender mantendo firmemente a posição (fálica) e se rebelando contra o agressor (corpo estranho *interno*). Se a rebelião, a recusa na mulher, toma a forma de uma “aspiração”, é porque a ameaça a persegue de perto: é que *mulher*, ela o é.

Como conciliar esta constatação tardia com o “corpo de doutrina teórica”? “O que é esta *feminilidade recusada* pelos dois sexos”? A questão se transforma em enigma. Que o menino, o homem, recalquem em si o feminino, estamos tentados a dizer que é compreensível, tanto a expectativa social, lançada pela exigência dos pais e o eu do sujeito se acomodam mal com tais comprometimentos. Mas que a menina, a mulher, recuse a feminilidade, é ao mesmo tempo *a feminilidade* como tal – não é mais questão de reduzir aos índices do gênero – que se torna misteriosa.

Com o Freud de 1919, aquele de “un enfant est battu”, possuíamos o começo de uma pista: o recalçado (representado pela fantasia de fustigação) “vem da posição edipiana normal” na menina; “no

75. *Résultats, idées, problèmes*, t. II, op. cit., p. 266.

76. “La féminité”, op. cit., p. 168.

menino, vem da posição invertida que toma o pai como objeto de amor”⁷⁷. A intrusão-penetração do pênis do pai, a passividade do sujeito (da sujeitada), a violência da cena (alimentando a regressão masoquista) e a satisfação compulsiva, tais eram alguns dos ingredientes que faziam da feminilidade uma condensação de prazer e terror – o *recalcado* por excelência.⁷⁸

O Freud de 1937, primado de falo obriga, não está mais nas mesmas disposições; a feminilidade tornou-se para ele uma determinação negativa: feminino castrado. Desde então, a recusa da feminilidade se resume na recusa de uma mutilação, e a angústia de castração se revela ser o organizador secreto da defesa. Freud não tem dificuldade para mostrar a existência de um tal processo no menino – com a condição de deixar na sombra aquilo que “l’Homme aux loups” lhe ensinou: que a castração, condição fantasística do acesso à feminilidade, pode ela mesma ser *desejada*. Com a menina, a mulher, as coisas (como de hábito) se complicam e se obscurecem. Freud se safa fazendo representar ao desejo do pênis um duplo papel, dificilmente conciliável. Ele é ao mesmo tempo *mecanismo de defesa*, resistência ao trabalho analítico, e o *recalcado* em si mesmo; tanto isto é verdade que, para Freud, a feminilidade da mulher é apenas o desejo do pênis transformado em desejo da criança e do homem portador do órgão cobiçado. *Nada distingue a defesa do inimigo*.

Seguindo Freud nesta via, o obstáculo à elaboração analítica, que ele designa como “recusa da feminilidade”, se apresenta muito mal denominado. Falar de “complexo de castração” teria sido mais exato, salvo, é verdade, para sublinhar uma dificuldade

considerável da teorização proposta: *complexo* de castração na menina jamais significou para Freud *angústia*. Em que fonte a eficácia da resistência bebe sua energia se a angústia (de castração) falha? A confusão da defesa e do recalcado faz a análise se mover num círculo vicioso.

Deve-se pensar que se Freud retém a expressão “recusa da feminilidade”, é simplesmente para manter o afastamento do “protesto viril” de Adler, cujo raciocínio o aproxima? Ou, então – é a nossa hipótese –, *esta escolha tem uma legitimidade que a explicação avançada não conseguiu fundamentar*? Uma certa ambigüidade da proposição de Freud é o índice desta dificuldade. De fato ele escreve: “Como se vê após aquilo que precede (precaução oratória que não é inútil) é, nos dois casos, o que concerne o sexo oposto que sucumbe ao recalçamento”⁷⁹. O que é preciso entender como segue: o homem combate nele a presença do feminino; a mulher, “via” desejo do pênis, se opõe à masculinidade primitiva nela – não insistamos sobre a obscuridade “toda feminina”, de um tal dispositivo. Mas o que se torna então o elemento *comum*, “a recusa da feminilidade” que permite reunir, sob o capítulo de um mesmo entrave ao trabalho analítico, as resistências dos dois sexos? Depois de ter parcialmente reatado com Adler, Freud parece se reconciliar com Fliess, sexualizando o recalçamento como sugeria o amigo de antigamente. E, contudo, não! Freud acrescenta: “Eu reitero meu desacordo de antes recusando sexualizar desta maneira o recalque.”⁸⁰ “Declaração que, sem ser esclarecedora, nos traz ao elemento comum aos dois sexos, ao enigma da ‘feminilidade recusada’”?

Todo início do presente artigo se esforçou – em

77. “Un enfant est battu”, *op. cit.*, p. 238.

78. Sabe-se que esta idéia *nasce* com a psicanálise: “É permitido suspeitar que o elemento essencial recalcado é sempre o elemento feminino” (Manuscrit M., 25 de maio de 1897; in *La naissance de la psychanalyse*, P.U.F., 1956).

79. “L’analyse avec fin et l’analyse sans fin”, *op. cit.*, p. 267.

80. *Ibid.* Il ne s’agit pas pour rectifier les méandres du développement de distinguer la “manière” biologique de Fliess de la “manière” psychologique de Freud.

seguida a muitos outros comentários – em dar à feminilidade um outro conteúdo que não fosse negativo. Não é o momento de retornar a isso, nossa pergunta agora é: o que, da feminilidade, fornece um ponto de apoio ao recalçamento? Vasto problema, que já deu lugar a numerosas interpretações, dos quais vamos considerar apenas um aspecto.

A passagem do texto de 1937 consagrada à “recusa da feminilidade”, sobre um fundo de determinação negativa, deixa filtrar um indício (e *um só*), qualificando positivamente a feminilidade: como “posição passiva”⁸¹, relativizando este dado numa nota de pé de página⁸², sobre o qual retornaremos mais tarde. Este tema da passividade-feminilidade, eu seguirei no “corpo de doutrina” freudiana antes de propor um desenvolvimento que possa ser entendido como um prolongamento da teoria da sedução, tal qual Jean Laplanche reabilitou, ao mesmo tempo que ele mudou o eixo: de uma sedução circunstanciada, histórica, para um fundador original da sexualidade propriamente humana.

A “conferência” de 1932, “La féminité”, constitui um dos maiores textos sobre a distinção entre “ativo” e “passivo”. Primeiro Freud disserta sobre a oposição entre masculino e feminino. Que se encontre uma outra “criatura humana”, e cada um estabelece a diferença “com uma segurança despidida de hesitação”.⁸³ E, contudo... Que se procure definir, além da clareza desta primeira impressão, o que caracteriza um e outro sexo, e o solo anatomo-biológico se esquia, ou se desdobra: bissexualidade obriga.

Dir-se-á que masculino e feminino se opõe como ativo e passivo? “É exato que existe uma tal rela-

ção”, mas aí ainda “a soldadura biológica” (dos tropismos celulares aos comportamentos sexuais, passando pela conformação dos órgãos genitais) não é sempre tão regularmente operante e exclusivo como somos inclinados a admitir”.⁸⁴ Não é só a aranha fêmea (aqui zoologia e simbólico tradicional se encontram) a se mostrar mais ativa que o macho por ocasião do acoplamento – as mulheres “gostam muito de cavalgar” – já escrevia Aristóteles.

Antes de falar de passividade, “poder-se-ia”, escreve Freud, “pensar em caracterizar psicologicamente a feminilidade pela preferência dada a fins passivos”⁸⁵; momento em que a mãe “deixa” de amamentar para “se deixar chupar”. A noção de “fim passivo” faz-nos passar do sistema social das atitudes à economia libidinosa, à vida pulsional. A própria expressão testemunha, entretanto, a constante intricação dos elementos ativo e passivo⁸⁶: uma grande parte de atividade é de fato necessária para impor um *fim* passivo. Estamos seguros de manter aqui um caráter da feminilidade! “É preciso tomar cuidado para não subestimar a influência das organizações sociais que geralmente acuum a mulher a situações passivas.”⁸⁷

Vamos abrir por um instante o parêntese social. Com estas “mulheres acuadas” nós escorregamos de novo da passividade como fim a uma passividade de necessidade: tu não desejarás, tu te submeterás à vontade do senhor, do homem. No máximo uma tal “divisão” distingue menos dois pólos ativo e passivo que sexual e não sexual. A grande maioria das sociedades passadas e atuais imprime nos sinais da sexualidade a mesma marca dos sinais do poder: a do homem. Este dispositivo, por ser social,

81. *Ibid.*, p. 266.

82. *Ibid.*, p. 268.

83. “La féminité”, *op. cit.*, p. 152.

84. “Pulsions et destins de pulsions”, OCF, XIII, *op. cit.*, p. 179.

85. “La féminité”, *op. cit.*, p. 155.

86. *Ibid.*

87. *Ibid.*

não escapa a toda casualidade psíquica. É uma grande banalidade notar que a associação virilidade-atividade-domínio, tão permanentemente instalada, tão resistente a toda crítica sócio-ideológica, enraiza-se na angústia de castração. Mas, dizendo isto, dissemos a última palavra sobre passividade? O exemplo da sociedade romana antiga, como nos foi descrita por Paul Veyne, tem bastante interesse: “Ser ativo, é ser macho, qualquer que seja o sexo do parceiro; havia então duas supremas infâmias: o macho que leva sua moleza servil até meter sua boca ao serviço do prazer de uma mulher [é o prazer tomado *passivamente* que faz a infâmia do *ato cunnilingus*], e o homem livre que não se respeita e leva a passividade (em latim *impudicitia*) até se deixar bater a golpes de sabre.”⁸⁸ Seria preciso completar o inventário de horrores romanos evocando o prazer da felação – a tal ponto que havia “feladores envergonhados” que, para dissimular seu crime, tentavam fazer-se passar por homossexuais passivos⁸⁹. A passividade se torna aterradora – não é mais simples inércia, privação, silêncio sexual – quando o prazer a ela se mistura: sexualidade a-normal, aos olhos da qual toda atividade manifesta não está longe de aparecer como uma formação reativa.

Este lugar monstruoso designado pelos Romanos à *passividade*, é notável que seja “a mulher” que ocupa em muitas outras sociedades. Como se só fosse possível às filhas de Eva duas vidas sexuais extremas: frígida ou tórrida⁹⁰.

O parêntese fechado, voltemos ao texto de 1932.

A argumentação segue uma dupla direção. Antes

de mais nada ela sublinha a intricação de dois pólos, ativo e passivo, sua prontidão a se voltar um dentro do outro, e a dificuldade de traçar claramente a linha que os demarca. Aos olhos de Freud, sua oposição apesar disso não está invalidada; uma vez reconhecida a complexidade e feita a constatação de um entrelaçamento dos termos até sua confusão, a pertinência da distinção entre os dois fins pulsionais permanece.

Num segundo tempo, são afirmadas a independência e a antecedência do par ativo/passivo em relação ao duo masculino-feminino. Freud se propõe a expor sua teoria sobre a gênese da sexualidade feminina, sustentando a existência preponderante de uma masculinidade precoce na menina; masculinidade à qual estão associadas fantasias ativas visando a mãe. Mas a opinião de Freud sobre o que distingue os dois pares em questão não volta a estas circunstâncias – a afirmação de uma atividade da menina que não é menor que a do menino – é formulada muitas vezes em outras ocasiões.

Feitas tais distinções, o laço que existe entre o feminino (e não menina ou mulher) e passividade aparece, sobretudo, como histórico-social. Entretanto Freud acrescenta, tudo isto está longe “de ser explicado com clareza”⁹¹. Há no masoquismo, nesta ligação erótica das *tendências destrutivas voltadas para dentro*⁹², qualquer coisa de “autenticamente feminino” – seja o sujeito homem ou mulher. Sem dúvida a influência social favorece o desenvolvimento, mas é suficiente para explicar este parentesco?

Feminilidade e passividade pulsional não se dei-

88. Histoire de la vie privée, t. I, sob a direção de P. Ariès e G. Duby, Le Seuil, 1985, p. 197.

89. P. Veyne, “L’homosexualité à Rome”, *Communications*, Le Seuil, 1982, n. 35, p. 29.

90. Les travaux respectifs d’Hélène Deutsch et de M. J. Sherfey donnent à penser que ces deux versants ont aussi leurs représentants psychanalytiques.

91. “La féminité”, *op. cit.*, p. 155.

92. *Ibid.*, eu sublinho.

xam tão facilmente desajuntar. Sua conjunção retorna, apesar de Freud, no corpo principal de sua argumentação sobre a gênese da sexualidade feminina infantil. É preciso lembrar aqui a *volta* da menina para o pai. Sabe-se que, para Freud, trata-se antes de uma maneira que tem a criança de se afastar da mãe, contra a qual acumulou um certo número de queixas. Na primeira fila: acha a mãe responsável por sua falta de pênis. A fim de fazer um paliativo a tal defecção, ela então endereça ao pai seu “desejo masculino de posseção do pênis”⁹³. A via pulsional “normal” – se é possível exprimir-se assim – para a menina “freudiana” é, portanto, a do complexo de masculinidade. Mas Freud sente bem, a este respeito, que para assegurar a volta à feminilidade, o encadeamento proposto é um pouco curto: porque nada desta gênese permite conceber a transição de “ter” a “receber” o pênis, nada prepara à (futura) mudança de zona erógena, nada permite compreender a volta do investimento libidinoso para dentro. Um reforço é, portanto, necessário: *a orientação para o pai se efetua principalmente com a ajuda das moções pulsionais passivas*⁹⁴. O que são estas “moções pulsionais passivas”, de qual zona erógena nasce a excitação correspondente? Freud, em 1932, nada diz sobre isto – dizia um pouco mais no artigo de 1931 sobre a sexualidade feminina. Retornaremos a tal ponto mais adiante.

Uma outra formulação da conferência de 1932, deixa mesmo a entender que o papel concedido à passividade pulsional poderia bem não se reduzir ao de uma moção auxiliar. Evocando o complexo de masculinidade (que, na lógica da tese defendida só prolonga a corrente pulsional mais profunda) Freud escreve que “o essencial nesse processo” é *que o aumento de passividade que introduz a volta*

*à feminilidade é evitado*⁹⁵. Eis, portanto, uma passividade pulsional exigente – e não a inércia passiva de uma menina outrora ativa e agora vencida que faz mais que favorecer a volta para o pai, que aí introduz... Salvo se o complexo de masculinidade permite *evitar* um tal destino. É fácil estabelecer a ponte entre estas poucas observações sub-reptícias e a tese explícita de 1919 considerando o “complexo de virilidade” como mecanismo de defesa, protegendo o sujeito das moções pulsionais passivas incestuosas endereçadas ao pai.

O que são para nós estas moções pulsionais passivas mobilizadas quando da volta para o pai, nós evocamos suficientemente a sexualidade cloacal para que seja necessário voltar a tal assunto. O interesse é de seguir a pista em Freud, uma pista que abre uma brecha no falicismo ambiental da tese defendida.

O artigo de 1931 e a “nouvelle conference” de 1932 são dois textos muito próximos. Encontra-se no primeiro a seguinte formulação: “A passagem ao objeto-pai se realiza com a ajuda das tendências passivas na medida em que elas escaparam da catástrofe”⁹⁶. Trata-se da catástrofe do recalamento da sexualidade pré-edipiana, ligando a menina ao objeto-mãe. O ponto de apoio do recalamento é constituído pela ferida narcísica fálica; quanto à catástrofe, ela toca o conjunto da sexualidade, poupando alguns vestígios (notadamente a passividade compulsiva) ou levando tudo, segundo o caso.

A originalidade do texto de 1931 em relação ao de 1932, perdura notadamente num parágrafo precedendo a frase citada há pouco, onde Freud (tomando de empréstimo largamente Ruth Mack

93. *Ibid.*, p. 172.

94. *Ibid.*, p. 171, eu sublinho.

95. *Ibid.*, p. 174, eu sublinho.

96. “Sur la sexualité féminine”, *op. cit.*, p. 151.

Brunswick) dá das noções pulsionais, passivas uma representação que deve certamente muito ao contexto “feminino” do artigo. Trata-se da reação paroxística das meninas (evocadas pelas mulheres em análise) às diversas intrusões intestinais das quais elas são o objeto: lavagens e outras injeções – perdemos as lavagens, mas ficaram o termômetro e os supositórios. Esta viva reação, misturando a angústia e o furor, assemelha-se muito ao “orgasmo obtido por excitação genital”⁹⁷. A comparação lembra uma outra: a que fazia Lou Andreas-Salomé entre estes mesmos processos anais e genitais, próximos pela passividade e pela “impossibilidade de domínio” – notadamente para as meninas, as mulheres.

A mucosa erógena intestinal sempre constituiu, para Freud, o modelo do “órgão para fim sexual passivo”⁹⁸. Em 1931, ele traz esta precisão: “A estimulação intensiva passiva da zona intestinal provoca, em resposta, uma explosão de prazer de agressão que se manifesta diretamente como cólera ou então, pela sua repressão, como angústia”⁹⁹. O que aconteceu com a passividade pulsional solicitada pelo sujeito-menina quando da volta para o pai? Tratar-se-ia de uma reativação da sexualidade anal? A mudança de zona na infância é de fato uma regressão do clitóris para o ânus? Não seria trair, se não Freud, ao menos a lógica do seu raciocínio, caminhar neste sentido. Traço simbólico de um tal movimento, a troca de desejos da menina quando da “volta”: do desejo de dispor do pênis do pai àquele de receber de sua parte o *presente* de uma criança¹⁰⁰. Sabe-se o enraizamento libidinoso de todo “presente” na analidade.

As primeiras palavras de uma outra interpretação

existem, entretanto, no texto freudiano, sem que fosse dado prosseguimento. Sublinhando que são nas “pessoas de sexo feminino” que é rememorado o furor associado às intrusões intestinais, e comparando este furor ao orgasmo, Freud dá um passo, apenas esboçado, em direção de um estágio vagino-anal (cloacal), contemporâneo da sexualidade edipiana.

É interessante notar que Ruth Mack Brunswick, de quem Freud toma emprestada a analogia entre os momentos de apogeu das libido anal e genital, foi finalmente conduzida, a despeito de sua preocupação de ortodoxia, a encarar a existência de sensações vaginais precoces (precisamente neste mesmo artigo de 1940 onde ela evoca a “raiva”-orgasmo anal)¹⁰¹. Ela escreve:

Coloca-se a questão de saber se, como foi indicado até agora (por Freud) a vagina é sempre, pelo menos habitualmente, um órgão “mudo” até a adolescência. Presentemente parece provável que exista uma sensibilidade vaginal precoce de origem anal. Um grau notável de sensibilidade anal [registro da fonte pulsional e da excitabilidade] parece favorecer o desenvolvimento de sensações vaginais precoces, provavelmente porque o ânus, como a vagina, é um órgão receptor [deixamos o nível de excitação por este, conjunto das representações constitutivas do fim pulsional: o ânus-vagina como lugares de recepção. A propósito de “receber”, é preciso notar isto: a continuidade receptora, muitas vezes sublinhada entre boca, ânus e vagina, deve ser modulada: o que o ânus recebe, “a vara de excrementos”, ele recebe do interior do corpo: a isto não é sem dúvida estranha a aptidão do pênis anal a se encarregar de simbolizar as angústias persecutórias arcaicas] e como tal, ele

97. *Ibid.*, p. 150.

98. *Trois essais sur la théorie sexuelle*, op. cit., p. 129. A frase citada faz parte de uma sessão juntada em 1915, contemporânea de “Pulsions et destins de pulsions”.

99. “Sur la sexualité féminine”, op. cit., p. 150.

100. *Abrégé de psychanalyse*, op. cit., p. 66.

101. La phase pré-edipienne du développement de la libido (1940). In *Revue française de Psychanalyse*, 2, 1967.

transfere sua sensibilidade passiva à vagina, mais imediatamente que o clitóris ativo. Inútil dizer [de fato *indispensável* para manter o acordo com Freud] que mesmo quando uma tal sensibilidade vaginal existe, seu papel é, na verdade, menor e secundário em relação ao clitóris como órgão da sexualidade infantil. [Restrição e volta a Freud. Mas R. M. Brunswick acrescenta:] Uma correlação estabelecida entre os períodos de sensibilidade clitoridiana e vaginal, e a idade da menina quando ela abandona a mãe, e se prende ao pai, deveria esclarecer muito a relação que existe entre a natureza do órgão sexual e seu objeto de amor. [É explicitamente toda a concepção da volta ao pai que precisa ser repensada].¹⁰²

A riqueza erógena da zona cloacal, e a confusão que a acompanha, explicam o importante papel, sublinhado por muitos autores, da mãe anal como agente do recalçamento da sexualidade feminina precoce. Sobre tal ponto Freud dá incidentemente uma primeira indicação, observando que as pacientes que o levam a estabelecer a relação entre furor anal e orgasmo genital tinham “uma forte ligação com sua mãe”¹⁰³. A criança associa os medos fantasiados de retaliação vindos da mãe, sua rival edipiana, com os gestos de cuidados (notadamente intrusivos)¹⁰⁴. A primeira genitalidade feminina é assim levada pelo mesmo movimento de recalçamento que aquele que visa a sexualidade anal. A confusão cloacal não é apenas libidinal, ela toca também os mecanismos de defesa. A parte de passividade pulsional que escapa a este recalçamento precoce será posta à contribuição pela menina quando da (segunda) volta para o pai; esta volta

tardia, fechando a infância, é evocada por Freud.

A contribuição das moções pulsionais passivas à escolha do objeto-pai, a concepção da criança presente, são como “alvos” testemunhas no texto freudiano de uma outra teorização da sexualidade feminina, teorização cujo artigo de 1919 “Un enfant est battu”, evocando os “pressentimentos dos fins sexuais definitivos”, apresenta a forma a mais elaborada. Como muitas vezes em Freud, a propósito de uma questão problemática, uma tese persegue menos uma outra do que ela se inscreve em superimpressão, deixando aqui e ali transparecer alguns “arrepentimentos” da antiga versão. Nós evocamos longamente a retomada em 1925 da interpretação da fantasia “Un enfant est battu” seu alinhamento (e seu empobrecimento) sobre o corpo de doutrina concernente à sexualidade feminina. Em 1924, portanto pouco tempo antes, Freud menciona, ainda uma vez, a fantasia em questão. Mas esta vez o contexto teórico-clínico não é mais o desejo do pênis, mas a passividade e o masoquismo. Resultado: é a interpretação de 1919, intacta, que é novamente solicitada: “Nós sabemos que o desejo, tão freqüente nas fantasias de apanhar do pai, é muito próximo deste outro desejo de ter relações sexuais passivas (femininas) com ele, não sendo o primeiro senão uma forma regressiva do segundo.”¹⁰⁵ Ser batido em vez de ser penetrado.¹⁰⁶

A importância do pai nesta primeira versão da sexualidade se acrescenta ao papel essencial dado à sedução: a de um pai que faz tudo para ganhar o amor de sua filhinha, ao mesmo tempo que ele

102. *Op. cit.*, p. 288. Freud, por seus comentários e sugestões, colaborou na elaboração deste artigo. Daí o conclui, como foi feito às vezes, que ele teria admitido no fim da vida a existência de uma erogenidade vaginal precoce, a um passo que não é legítimo transpor.

103. “Sur la sexualité féminine”, *op. cit.*, p. 150.

104. Fora M. Klein, é preciso notadamente nomear os diferentes artigos do volume coletivo: *La sexualité féminine* (sob a direção de J. Chasseguet-Smirgel), Payot, 1964. Cf. mais particularmente: Maria Torok, La signification de “l’envie du pénis” chez la femme.

105. “Le problème économique du masochisme”. In *Névrose, psychose, perversion*, *op. cit.*, p. 296.

106. A significação “ser penetrado” não impede que “ser batido” possa também significar “se masturbar” – condensando a evocação do correspondente castigo. A fantasia existe a numerosos estratos, a análise de “l’Homme aux loups” mostra-o bem. Não se pode de maneira nenhuma tirar a conclusão conciliadora que, de um texto a outro, Freud faria simplesmente acentuar aqui ou ali. A opção de 1925 é exclusiva: ela faz a economia do pai, de seu desejo de penetração-sedução, do “pressentimento” pela criança do fim sexual definitivo, ao mesmo tempo que ela oculta o essencial da fantasia: a fase 2.

deposita nela os germes de uma atitude de ódio para com a mãe¹⁰⁷. Trata-se, aqui, do laço de sedução que faz parte da história edipiana, mas ele não é a marca de tal história individual. O naufrágio da *neurótica*, portanto, não levou tudo. De outra parte vê-se mal, como já foi dito, de que maneira o desejo do pai, as fantasias inconscientes que ele veicula, poderiam não introduzir na criança a presciência da vagina – presciência tão enigmática quanto se pode desejar.

Em 1896, Freud explicava a maior frequência da histeria no sexo feminino pelo fato de que “na infância é ele que mais atrai os ataques sexuais”¹⁰⁸. A observação é mais sociológica que psicológica (mas tem, contudo, o termo “atrai”), a estatística contemporânea dos fatos delituosos confirmaria, se fosse necessário, esta inigualdade no abuso. Será a última palavra da *conjunção entre o feminino e o seduzido*, ou a questão merece ser retomada: não mais à medida da vida de família, mas da vida psíquica, da vida sexual, desta vez?

A teoria da sedução conheceu, nos últimos tempos, desenvolvimentos renovados. Jean Laplanche propõe não somente distinguir “a contingência das manobras sexuais, chamadas perversas, por parte do adulto” – da generalidade da situação de sedução, mas ainda fundar sobre esta última todo o edifício da vida psicosexual¹⁰⁹. Prolongando o que em Freud é feito como “teoria” (o traumatismo como efração, sua temporalidade defasada, a posteriori; e a passividade correlativa da criança) assim como as observações sugestivas de Ferenczi sobre a “confusão das linguagens” (entre um adulto

apaixonado e uma criança *meiga*) J. Laplanche sublinha o caráter *originário* da situação de sedução. Como é preciso entendê-lo? Freud tinha dado um primeiro passo nesta via abandonando o pai infame (mas raro) pela mãe (geralmente, ela) dos primeiros cuidados, a que desperta na criança, pelos seus gestos simples, as primeiras sensações de prazer. Este deslocamento de um personagem familiar a outro ainda é insuficiente: “o desfalecimento parcial, o atraso dos mecanismos adaptativos no ser humano”¹¹⁰ coloca a *criança* frente ao *adulto* numa posição de *passividade* originária. Para definir a generalidade desta última, J. Laplanche recorre aos filósofos, notadamente a Leibniz: “A criatura se diz ‘agir para fora’ enquanto ela tem perfeição e sofrer ‘de uma outra’ enquanto ela é imperfeita.”¹¹¹ Um indivíduo, o recém-nascido, cujas “montagens somato-psíquicas se situam de maneira predominante ao nível da necessidade”¹¹², é confrontado com “mensagens” (significantes verbais e não verbais: gestos, mímicas, comportamentos...) que emanam do adulto, ultrapassando largamente suas capacidades de domínio, de metabolização, penetrando-o por efração. Se estas mensagens são num mesmo movimento enigmáticas, traumáticas, sedutoras – não é tanto pelo simples fato de que a criança não possui este código, e que ela teria de adquiri-lo, mas porque o mundo do adulto está infiltrado de significantes inconscientes e sexuais, dos quais ele não possui o código. “Os gestos auto-conservativos do adulto são portadores de mensagens sexuais inconscientes para ele e incontrolláveis para a criança” (o que quer de mim este seio que me alimenta, mas também me excita ao se excitar? O que quer ele de mim que ele

107. “Un enfant est battu”, *op. cit.*, p. 236. Cf. *supra*, p.28.

108. “Nouvelles remarques sur les psychonévroses de défense”, *op. cit.*, p. 62.

109. Eu me referirei principalmente a três textos onde J. Laplanche apresenta sua concepção da teoria da sedução: “A pulsão e seu objeto-fonte: seu destino na transferência” (1984). In *La pulsion pour quoi faire?*, *op. cit.*; “De la théorie de la séduction restreinte à la théorie de la séduction généralisée”, *Etudes freudiennes*, 1986, n. 27; *Nouveaux fondements pour la psychanalyse* (1987), *P.U.F.*, 2ª edição, 1990. Do conjunto desta teoria eu só retenho aqui um fio de argumentação em relação direta com o sujeito deste artigo.

110. “La pulsion et son objet-source”, *op. cit.*, p. 18.

111. *Monadologie*, 49, 50; citado por J. Laplanche, in “De la théorie de la séduction restreinte...”, *op. cit.*, p. 19.

112. *Nouveaux fondements*, *op. cit.*, p. 128.

mesmo não sabe?). Eles deixam sobre os locais ditos erógenos, traços, objetos-fontes da vida pulsional, e produzem um movimento de clivagem e deriva que desemboca eventualmente na atividade auto-erótica¹¹³. “Eis todo o essencial da sexualidade adulta, incontrolável pela própria pessoa que a introduz, que faz irrupção no mundo da criança, sobre fundo de atividade auto-conservativa. O tempo zero da vida psicosssexual se situa no outro (o adulto). A vida sexual não começa por: “Eu introjeto” nem mesmo por “eu me alimento e aproveito para chupar” mas por: ele implanta, ele *intromete*. O inconsciente é o metabólico do outro em nós¹¹⁴.”

Do “ele intromete” ao “eu apanho” (*sou penetrada*) no “Popo” pelo bastão (*pênis*) do pai, o caminho é longo, calçado por etapas substitutivas (as ligações de Eros), por um trabalho de simbolização, de elaboração, misturando a apropriação identificatória e os mecanismos defensivos: o caminho é longo mas está indicado (senão todo indicado). Nossa hipótese, e nossa conclusão, é que a *feminilidade precoce apresenta alguma afinidade privilegiada com a posição originária de sedução* da criança em relação ao adulto, com a posição do homem (genérico) face ao caráter traumático, intrusivo, da sexualidade, com a “atitude” desarmada do eu diante do ataque pulsional interno.

Este “privilegio” é uma faca de dois gumes. De um lado a feminilidade constitui uma metabolização primitiva, um primeiro distanciamento/representação da passividade da criança diante da efração (penetração) originária. Seu parentesco com o masoquismo (ele também *originário*) o mesmo que liga “eroticamente as tendências destrutivas voltadas para dentro”¹¹⁵, o torna apto a conter as angústias persecutórias herdadas da situação de sedução. De acordo com Hélène Deutsch (“a ausência de atividade vaginal espontânea constitui o fundamento fisiológico da passividade feminina”¹¹⁶), não se vê bem o que distingue passividade e frigidez. O que nós entendemos por passividade pulsional é completamente diferente: *gozar aquilo que (lhe) acontece, gozar o incontrolável*. Rendemos homenagem à clarividência dos antigos Romanos, para quem a passividade no amor era a própria *impudícia*.

O reverso do “privilegio”: é que esta mesma cumplicidade da feminilidade precoce com a posição “seduzida” (e seu excesso) a destina ao recalçamento – um recalçamento profundo, cujo caráter não rememorável da fase 2 da fantasia “un enfant est battu” é um indício¹¹⁷.

Claro é que a situação originária de sedução concerne à criança, indiferentemente de seu sexo.

113. “La pulsion et son objet-source”, *op. cit.*, p. 20.

114. Conferência na Associação Psicanalítica da França, 9 de junho de 1990.

115. “La féminité”, *op. cit.*, p. 155.

116. *La psychologie des femmes*, *op. cit.*, p. 201.

117. Na obra “L’analyse avec fin et l’analyse sans fin”, por ocasião de uma nota de pé de página já mencionada, Freud se aplica a disjuntar a recusa da feminilidade da recusa da passividade: é “fácil confirmar que tais homens gabam-se frequentemente perante a mulher de um comportamento masoquista, e nitidamente de uma submissão. O homem só se defende contra a passividade na relação com o homem, não contra a passividade em geral”. (*Résultats, idées, problèmes*, t. II, *op. cit.*, p. 268, n. 1). A argumentação é diretamente ligada à preocupação de se afastar da “proteção viril” de Adler, e de impor a referência à angústia de castração: o recalçado não é a posição passiva mas a hipoteca da castração que ela pressupõe.

Mas quando se trata de isolar um recalçado por excelência, é inútil. A castração, ela mesma pode ser desejada – e sobre tal questão gostaríamos de ouvir um pouco mais esses homens masoquistas “completamente subordinados” a uma mulher. Que seja possível gozar a passividade não faz desta uma disposição secundária. Que ela permaneça fora de alcance por causa da profundidade do recalçamento, ou, ao contrário, que o sujeito possa reatar com ela no decurso de sua vida (notadamente analítica), ou ainda que ela ordene de maneira tirânica e perversa toda a vida sexual do indivíduo, existe para a passividade pulsional muitos destinos possíveis. Não há dado arcaico da vida psíquica que não possa ser o objeto de um trabalho de metabolização, até transformar o terror em impaciência.

Sublinhar o laço de filiação da criança seduzida à posição feminina, volta, em relação a Freud, a deslocar o ponto de "equilíbrio" da vida psicosexual para um ginocentrismo arcaico¹¹⁸ que, ao menos por uma parte, concerne tanto ao menino oral/anal quanto à menina. O que faz a separação (não digamos diferença) de um a outro, não é o simples fato da genitalidade precoce da menina e seu parentesco receptor/passivo com a boca e o ânus; são, como vimos, as características desta primeira sexualidade: confusão (cloacal) da excitação e das representações, invisibilidade, "interioridade" de uma zona erógena deixada sem denominação (sal-

vo na confusão de "tutus"); quanto à "zézete" e suas semelhantes, são sempre "zizis" no feminino), tudo contribuindo à dimensão incontrolável que submerge destes processos precoces.

Se a sexualidade feminina primitiva é uma metáfora eletiva da posição da criança em relação à *intromissão* adulta, a recusa da feminilidade na paciente em análise pode ser uma metáfora tardia. Faltaria interrogar aquilo que do quadro analítico "intromete" uma tal feminização. ■

Tradução de **Dulce de Brito Orsini***

Revisão Técnica de **Beatriz Helena Peres Stucchi****

* Tradutora - formada em letras Neo-Latinas pela antiga faculdade Sedes Sapientiae da Universidade Católica.

** Psicóloga clínica - PUC-SP.

118. Parece ser o que se passa desde que se leve verdadeiramente em conta a existência de uma sexualidade feminina precoce. O exemplo de M. Klein é esclarecedor: ela manterá sempre, custe o que custar, a idéia de um paralelismo edipiano entre a menina e o menino, mesmo quando sua argumentação impõe a idéia de um Édipo feminino precoce comum aos dois sexos. Quanto a H. Segal, ela levará a lógica kleiniana até seu fim (cf. *Introduction à l'oeuvre de Melanie Klein* (1964), P.U.F., 1969, pp. 117-118).

○ Infinito e o sofrimento mental*

PIETRO BRIA

O conceito de *Infinito* teve, desde suas origens pré-socráticas, uma posição central na reflexão filosófica e científica e a dialética finito-infinito constituiu-se como um pólo organizador para o conhecimento do homem e da natureza. A extraordinária aventura do cálculo infinitesimal testemunha esta posição crucial. Mesmo assim, apesar dessa posição central, que não fugiu à intuição dos poetas e dos intelectuais, não se pode dizer que o infinito tenha interessado o pensamento psicológico. Até mesmo a obra de Freud, revolucionária pelas profundas novidades introduzidas na concepção da mente humana, aparentemente não parece ter sido influenciada por tal conceito (não existe nenhuma indicação explícita que diga respeito ao infinito em seus escritos). Entre os discípulos de seu pensamento, Wilfred Bion foi talvez um dos poucos a manifestar uma preocupação explícita pelo infinito e a sugerir uma utilidade para o estudo do espaço mental quando, por exemplo, em "Transformações", uma de suas obras mais inspiradas, afirma que os fenômenos que a psicanálise retrata possuem uma relação apropriada com um universo

infinito. Mas, como em outras vezes pude observar, as intuições de Bion continuaram não atingindo o centro do problema (por exemplo, as relações entre infinito e inconsciente e o seu eventual isomorfismo estrutural) e, por outro lado, não são muito apropriadas para uma reflexão sistemática e, por isso, útil para uma pesquisa posterior.

Foi Matte Blanco quem explicitou potencialidades ocultas na obra de Freud, implícitas no seu conceito fundamental de Inconsciente, e fez delas o ponto de partida de uma reflexão, sempre sustentada pela observação clínica, que – através do conceito de *infinito matemático* – chegou em um primeiro momento a uma formulação do *Inconsciente como conjuntos infinitos*, em seguida àquela do *Inconsciente como estrutura bi-lógica* e, finalmente, àquela do *infinito matemático como estrutura bi-lógica* isomorfa à estrutura do Inconsciente. Esta fascinante aventura intelectual (mas não só intelectual) – da qual em anos recentes tive o privilégio de participar, compartilhando ânsias e satisfações –, permitiu a Matte Blanco descobrir as tempestuosas

* Extraído do livro: "Il pensiero e l'infinito" – Castrovillari, Teda Edizioni, 1989.

© Gentilmente cedido pelo autor para publicação no Boletim Formação em Psicanálise.

características do Inconsciente freudiano, com as antinomias lógicas do infinito matemático, que são testemunhas da insuficiência da nossa lógica finita (que é a lógica do nosso pensamento consciente) ao tratar os aspectos do mundo que são estranhos a ela, como havia intuído o grande Galilei.

E, assim, pela primeira vez, o *infinito* penetrou na ciência psicológica para ficar sendo o instrumento essencial de conhecimento do ser psíquico do homem, sobretudo no que diz respeito aos níveis profundos do seu ser emocional, aqueles mesmos aspectos que Freud traduziu, inaugurando o estudo científico, nas *estruturas do Inconsciente*. Ao mesmo tempo, a concepção de mente proposto por Matte Blanco tornou-se um patrimônio insubstituível do saber psicanalítico, abriu novos caminhos para a epistemologia e oferece fecundas possibilidades de desenvolvimento até o saber matemático que teve, além disso, desde o seu início, como justificativa e objetivo o de ampliar o nosso conhecimento do mundo e de elaborar modelos cada vez mais compreensivos e eficazes para a sua transformação. E, no conceito de mundo, incluímos tanto a natureza física quanto a psíquica da realidade.

Nesse ponto relato um comentário que, após a publicação do "Inconsciente como conjuntos infinitos", foi desenvolvido pelo matemático Alessandro Figa-Talamanca, em um ciclo de seminários sobre a teoria dos conjuntos:

A experiência comum e direta oferece somente exemplos de conjuntos finitos, ou seja, de conjuntos que, ao menos inicialmente, podem ser "contados" em um número finito de passos. A partir desse ponto de vista, colocamo-nos o problema de explicar a gênese da noção de conjunto infinito e a sua motivação psicológica. Enfim, questionamo-nos se os conjuntos infinitos se retraem de alguma forma da lógica comum (paradoxo de Galileu, método diagonal de Cantor) e, se eles não se enquadram na nossa

experiência sensível, porque os matemáticos nunca se ocupam disso? Qual é a profunda motivação que levou a matemática a construir ou a inventar esses "monstros" e, por consequência, obrigou-a a desenvolver novas disciplinas (a teoria formal dos conjuntos, grande parte da lógica matemática) para explicar, controlar, formalizar e esclarecer o comportamento bizarro desses seres? O ponto de vista de Matte Blanco é que os conjuntos infinitos estão além da nossa experiência somente se esta estiver orientada de modo "assimétrico", ou seja, se nos limitarmos a considerar a experiência que está sujeita às regras do "sistema consciente". Se, ao invés da experiência ligada ao modo de ser assimétrico, levarmos em consideração a *experiência emotiva*, a experiência ligada ao sistema inconsciente e ao modo de ser simétrico (mesmo que não se possa falar de uma experiência direta de conjuntos infinitos vistos como conjuntos de infinitos elementos distintos), então o conceito de conjunto infinito torna-se um meio expressivo eficaz de uma realidade que não se submete às regras da lógica comum... Os conjuntos infinitos permitiriam a tradução, de maneira eficaz, do simétrico em assimétrico. Em particular, as aparentes contradições do infinito (por exemplo, o paradoxo de Galileu), longe de constituir "defeitos" ou "imperfeições", são uma indicação de que, através dos conjuntos infinitos, é possível estudar "dimensões" do simétrico que não é possível de ser alcançada com a lógica ordenada do finito. Os paradoxos do infinito são, assim, indicações da riqueza e da fecundidade do conceito de infinito matemático e da sua capacidade potencial de exprimir aquilo que não pode ser completamente expresso de modo discreto, assimétrico...

Desse mesmo ponto de vista, talvez poderíamos ainda dizer que os teoremas de Gödel, que foram interpretados geralmente como teoremas que estabelecem uma limitação interna de todo formalismo, que aspira a descrever um conjunto infinito (aquele dos números naturais), podem ser, ao con-

trário, interpretados como teoremas que indicam a riqueza e fecundidade do conceito de infinito: se os conjuntos infinitos não são descritíveis por uma teoria formal completa, *então talvez sejam o instrumento certo para estudar o modo de ser simétrico.*"

Creio que isso seja muito significativo, e com isso extraio uma idéia, que, em uma outra ocasião, foi proposta pelo mesmo Figa-Talamanca: se a matemática, como toda ciência, é a *elaboração racional da experiência* e, enquanto tal, deve ter um *fundamento empírico*, o infinito matemático encontra no material empírico da psicanálise – ou seja, na experiência emocional – a sua justificativa e o seu fundamento. A experiência interna constitui-se, assim uma raiz empírica comum para a matemática e para a psicanálise.

Em todos esses anos a reflexão teórica, a observação clínica e a prática terapêutica confirmaram-me cada vez mais a essencialidade do conceito de infinito para o estudo da mente. Refiro-me essencialmente a três campos de investigações:

– a análise dos *fenômenos emocionais*, nos termos em que foi proposta no "Inconsciente como conjuntos infinitos", pelo mesmo Matte Blanco;

– a compreensão dos *fenômenos psicopatológicos*;

– o esclarecimento da natureza do *conflito psíquico inconsciente*, que Freud propôs como fundamento da fenomenologia psíquica normal e patológica.

Vamos tentar observar esses aspectos mais de perto, partindo de um conceito nuclear.

A. Uma das conseqüências mais importantes da aplicação do princípio de simetria – princípio que, como sabemos, é característica distintiva, mas não exaustiva, da lógica do inconsciente e do nosso pensamento emocional – é o fato de que a parte

tornou-se igual ao todo e, por isso, indistinguível do todo. Fato que, aplicado à relação entre um elemento (parte) e a sua classe de pertinência (todo) significa identidade entre elemento e classe de pertinência e identidade entre todos os elementos da classe.

Em outros termos, e para dar um exemplo da ação de tal princípio, a mãe (elemento concreto, perfeitamente definível através de uma série de proposições) torna-se a Mãe, a classe das mães, da qual adquire todas as potencialidades: ao elemento substitui-se, assim, o conceito ou a função proposicional que, normalmente, se configura nos elementos da classe.

A identidade da parte com o todo – percebida na psicopatologia clássica através das manifestações psicopatológicas do pensamento esquizofrênico – é também a base de muitos fenômenos que caracterizam claramente o pensamento de nossas emoções mais básicas: idealização, generalização e maximização ou infinitização das características do objeto da emoção.

Com o termo *infinitização* refiro-me ao processo pelo qual o elemento concreto e definido perde as suas características para assumir aquelas do todo-classe que o contém como elemento. É essa a relação, totalmente singular entre parte própria e conjunto, presente na definição antinômica do infinito elaborada por Dedekind, que levou Matte Blanco a descobrir o infinito no centro das emoções e a estudar a sua estrutura. Por ora basta-nos dizer que este processo, que traz consigo a identidade entre a parte própria e o conjunto, pode ser descrito como uma maneira de passagem ao infinito (uma operação de infinitização) das propriedades que definem o elemento em exame e que não são nada mais do que as classes de equivalência, da qual o elemento é sempre a intersecção única. Este fato é muito importante e, como disse há pouco, caracte-

riza de modo distintivo o pensamento emocional: o amor, o ódio, o medo, a raiva são, em sua natureza mais íntimas contrárias à divisão, à distinção, ao espaço, ao tempo.

B. Passemos agora às manifestações psicopatológicas e levemos em consideração, à luz do que foi exposto, um quadro clínico de frequente observação: uma *fobia*.

Direcionaremos, por um momento, nossa atenção puramente fenomenológica sobre um *paciente claustrofóbico*, isto é, um paciente que sente angústia e medo aparentemente sem motivo e de intensidade absolutamente desproporcional em comparação ao estímulo quando se encontra em um *lugar fechado*, como pode ser o espaço restrito e relativamente escuro de um elevador. Perguntamos imediatamente: o que faz com que um lugar assim definido e descritível em seus elementos constitutivos, cuja utilização comporta um risco certamente limitado, torne-se um *objeto fóbico*, isto é, um objeto tal que suscita intensa angústia e, às vezes, terror ou pânico, a ponto de acionar medidas ou defesas contrafóbicas que levam ao sistemático evitamento do objeto?

É necessário dizer que, para uma observação atenta, o termo *fobia de elevador* é absolutamente impróprio e inadequado e é um modo de descrever superficialmente um fenômeno, sem acolher a sua natureza mais íntima. De fato, o paciente com *fobia de elevador* não tem medo do elevador – se com esse termo se entende aquele particular lugar fechado, localizado espaço-temporalmente, relativamente escuro, que sobe e desce de um andar ao outro, com aquela porta que automaticamente abre e fecha – mas, vive em contato, ou imerso em uma *realidade que transcende* absolutamente o elevador como objeto individual com os seus graus de fechamento, de escuridão e de periculosidade: a *pura realidade da classe dos lugares escuros e*

fechados com a qual o elevador está identificado e onde (como para o Inconsciente) não existem gradações de escuro, de fechamento ou de perigo, mas *só infinito escuro, infinito fechamento, infinito perigo*; como se vê, uma realidade terrível. É essa *identificação simétrica com a classe* o aspecto que distingue, de modo específico, o objeto ou a situação fóbica e que desencadeia a reação de angústia ou de pânico. Se tivermos presente isso, damos conta de que a reação de angústia do paciente é perfeitamente legítima e coerente (e isso é inferencialmente válido se assumirmos, como Peirce, que a reação do paciente seja o resultado de algum processo inferencial). Essa é, de fato, *consequência* inevitável e lógica do assunto ou *pressuposto* daquela particular situação ou evento identificado simetricamente com a classe de pertinência, o que, além de constituir um desvio formidável dos princípios da lógica comum, produz uma profunda dissolução da individualidade do objeto que desencadeia a *fobia*, objeto que *sozinho (visto na sua pura individualidade)* não possuiria algum poder de produzir uma reação parecida. E é sobre tal assunto ou pressuposto que deverá incidir o trabalho terapêutico para criar novos isomorfismos no âmbito da reação patológica.

A *infinitização* é, em tal caso, fonte de angústia e de sofrimento. E quando, diante de um tal paciente, tenta-se ingenuamente tranquilizá-lo dizendo que o lugar de que ele tem medo é só um elevador, não estamos fazendo outra coisa além de trazer novamente (sem sucesso) o paciente ao “bom senso” e ao bom uso da lógica, que coloca o elevador no seu lugar e só no seu lugar. Mas, o fato é que somos também seres emocionais e, enquanto tais, não seguimos somente a lógica aristotélica comum e temos a possibilidade de fazer distorções parecidas (Money-Kyrle fala de *mis conceptions*) do objeto percebido ou pensado.

Mas, agora entra um outro problema ligado à *psicogênese* e que nos leva a perguntar: o que levou a essa identificação monstruosa que faz viver como totalidade carregada de infinitas potencialidades a individualidade de uma situação, de uma pessoa ou de um objeto? Isso acontece naturalmente – e de maneira vital para a nossa criatividade – quando sentimos uma emoção de amor; mas, o que acontece quando se verifica uma *produção sintomática* que pode assumir os caracteres de uma estrutura bi-lógica não vital (para exprimirmo-nos como Matte Blanco) como uma fobia ou, pior, uma produção delirante?

Se fizermos uma hipótese – que pode ter validade no caso das fobias – de uma *gênese traumática* do sintoma (o que não significa subestimar o papel dos assim chamados fatores internos: fantasias e emoções que, desde o início, colore a nossa percepção da realidade externa, de onde o mundo interno não é nunca o puro reflexo), podemos dizer que o evento ou situação que funcionou como *trauma* (colocamos uma separação prolongada da mãe na primeira infância) produz uma *desestruturação* de uma área mental (neste caso dizemos a área de separação). Para ilustrar isso creio que seja útil apresentar novamente um modelo algébrico, ilustrado por Matte Blanco em um trabalho de 1978 (pp. 86-87). Cito:

Todas as estruturas matemáticas conhecidas respeitam as leis da lógica clássica, seja essa chamada de aristotélica ou bivalente. Em particular, respeitam o princípio de não contradição. É óbvio que, com o modo homogêneo em estado puro ou com a lógica simétrica, não se pode construir ou conceber uma estrutura matemática ou lógica. Ao contrário, se colocado junto à lógica bivalente, é perfeitamente possível desenvolver uma estrutura matemática bi-lógica. O procedimento que propus é bem simples: pegamos uma estrutura matemática qualquer e escolhemos uma zona ou aspecto desta. Aplicamos o

princípio de simetria nesta zona. O resultado é uma homogeneização desta. Vemos, em seguida, quais são as consequências sobre a estrutura de base; para nos certificarmos disso, é necessário considerar cada aspecto da estrutura total a qual pertence a zona que foi submetida à simetrização ou homogeneização e substituir cada um desses aspectos com o correspondente aspecto simetrizado. O resultado é uma nova estrutura matemática submetida por alguns aspectos à lógica simétrica e por outros à lógica bivalente, ou seja, uma *estrutura matemática bi-lógica*. (Matte Blanco, 1978, pp. 334-335)

No caso proposto por Matte Blanco, o grupo aditivo dos números inteiros relativos submetidos a uma perturbação limitada (a simetrização de uma parte da estrutura), constituída por tornar idênticos dois números inteiros quaisquer que sejam contíguos (como 1 e 2) na sucessão dos números inteiros, sofre uma transformação radical de toda a estrutura e de sua natureza heterogênea. O resultado é uma nova realidade: uma estrutura matemática bi-lógica, o *grupo bi-lógico aditivo dos números inteiros relativos* em que cada número inteiro relativo torna-se idêntico a outro número inteiro relativo e a todo o conjunto e onde a soma de qualquer número inteiro relativo com qualquer outro tem como resultado qualquer outro número inteiro relativo e também todo o conjunto dos números inteiros relativos: uma estrutura inconcebível na lógica bivalente, mas não em bi-lógica! Como se pode ver, uma verdadeira *catástrofe*: uma perturbação limitada ($1=2$) de uma parte da estrutura causou uma desorganização radical da organização da estrutura total.

Se aplicarmos isso ao nosso modelo psicogenético, veremos que o *evento traumático* comporta-se exatamente como aquela perturbação limitada, como aquele flash homogeneizante $1=2$, de onde, como um processo que se difunde em forma de raio, se

reparte a homogeneização de toda a estrutura. E, assim, aquela particular separação *traumática* da mãe (ou qualquer outro tipo de violência sofrida ou vivida pela criança) não será somente sentida como a Separação sem limites, infinita no espaço e no tempo, como a morte, causa de um terror sem nome (para falar como Bion), mas fará com que em seguida (exatamente através daquele processo que podemos chamar de *difusão simétrica*) qualquer representante da classe (ou seja, qualquer separação ou afastamento, mesmo que muito limitada a um lugar considerado como estável ou seguro) tenderá a ser vivido como a classe total com a qual se identificou os traços daquela experiência primitiva traumática presentes de maneira indelével no inconsciente. A “praça”, para o paciente agorafóbico, e o fechado-escuro da sala, para o claustrofóbico, se tornarão, então, lugares de angústia grandíssima, onde reina a ausência interminável da Mãe ou o escuro absoluto e total do aniquilamento!

Creio que, com essa ótica, que somente delineei vagamente aqui, etologia e psicanálise poderiam encontrar um terreno muito fértil de intercâmbio.

Resta-nos um último ponto para esclarecer: a relação entre o infinito e o *conflito psíquico do inconsciente*. Aqui devemos começar por Freud, e o faremos com três observações preliminares.

1. Em “Análise terminável e interminável”, uma de suas últimas obras mais inspiradas, Freud propõe a base daquilo que ele chama de “inclinação ao conflito” a dialética entre Eros e Destruição, dois “opostos” fundamentais (para usar a terminologia aristotélica), que são no seu pensamento, e que têm reciprocidade com Empédocles, pulsões básicas mas, também, princípios organizadores do real.

2. No seu trabalho “O Inconsciente”, de 1915, Freud, enumerando as características do Sistema

Inconsciente, fala da ausência de contradição mútua entre os impulsos, entendendo com isso que, impulsos com metas contrastantes (é o caso do amor e do ódio), podem perfeitamente coexistir no Inconsciente.

3. Retomando o argumento em outras de suas obras, Freud, porém, chega às seguintes afirmações:

As regras fundamentais da lógica não têm nenhum valor no Inconsciente, o qual, pode-se dizer, é o reino do ilógico. Tendências com metas contrastantes *coexistem* no Inconsciente, uma ao lado das outras... Um fenômeno analógico é que os contrários *não são mantidos separados mas*, ao invés disso, são tratados como *idênticos*. (Freud, *Compêndio da Psicoanálise*, pp. 595-596)

Ou, ainda,

As leis do pensamento lógico não valem para os processos do Inconsciente, sobretudo *não vale o princípio de contradição*. (Freud, *Novas lições introdutivas à Psicoanálise*, 1932).

É evidente uma contradição nessa argumentação freudiana partindo do fato de que a “*coexistência dos contrários*” não viola de maneira alguma o princípio de contradição; aliás, é baseada no respeito a ele. Enquanto a *identidade dos contrários* no Inconsciente, também afirmada por Freud, é uma clara violação do princípio de contradição aristotélico como princípio de incompatibilidade entre os opostos que funda a heterogeneidade do mundo.

E agora, o Inconsciente não viola o princípio de contradição e ao mesmo tempo o viola? Como podemos sanar essa antinomia, se é que deveremos mesmo saná-la? Freud precursor da bi-lógica sem estar ciente disto? É uma direção para enfrentar o

problema, se temos confiança na fidelidade científica de Freud, observador do Inconsciente. Creio, porém, que exista também um outro caminho que passe *através do conceito de infinito* e, talvez, possa-se dizer – atribuindo a Freud algo que não estava nas suas intenções – que o conceito de infinito e, talvez, o de bi-lógica estão implícitos nesse ponto de seu pensamento e que a sua explicitação torna o seu discurso, com certeza, mais coerente e rico de intuição.

De fato, quando Freud fala de contrários em oposição refere-se ao amor e à destrutividade, a pulsões básicas na origem da chamada ambivalência afetiva. Mas, amor e ódio são emoções básicas e, como tais, como vimos, se movem em um “campo” infinito: *o território das infinitudes do nosso inconsciente*. Se as confrontarmos com uma metáfora de atração de Thom, podemos dizer que, enquanto tais, cada emoção tende a invadir toda a bacia (ou seja, o espaço de influência) que, por tal coexistência, deveria compartilhar com a outra.

Citarei, quase literalmente, uma obra pela qual interessei-me mais amplamente, a propósito do problema:

Se pensarmos, por assim dizer, em *termos finitos*, podemos dizer que a co-presença de opostos como amor e ódio resulta perfeitamente compatível no que diz respeito ao princípio de não contradição. Pode-se então conceber perfeitamente que um objeto ou pessoa seja amado por certos aspectos ou, em um determinado momento, odiado por outros: como pode ser visto, uma compatibilidade e uma oposição não necessariamente em conflito. Mas, o que acontece naqueles níveis onde entram em operação processos de infinitização que caracterizam distintivamente emoções como o amor e o ódio? Tudo parece modificar-se radicalmente. Nesse nível infinitizado a *coexistência dos opostos* torna-se incompatível no que diz respeito ao princípio de não

contradição. Se, de fato, o amor e o ódio são infinitos – como acontece efetivamente no Inconsciente – parece que não existe mais espaço e tempo para uma oposição, porque cada infinito tende a ocupar todo o espaço e todo o tempo. E, assim, a coexistência de amor e ódio infinito em direção à mesma pessoa torna-se equivalente à coexistência de amor e ódio ao mesmo tempo e nas mesmas circunstâncias. Se, de fato, cada ponto transforma-se em todo o espaço e cada instante transforma-se em todo o tempo, a coexistência em pontos ou instantes ou circunstâncias diferentes coexistem no mesmo ponto, no mesmo instante e na mesma circunstância: *uma conhecida violação do princípio de não contradição aristotélico* que parece apontar em direção a uma identidade dos contrários. Aquela equação $\text{amor} = \text{ódio}$ reflete a presença de modo indivisível e é sentida como incompatível com a sobrevivência. E é diante dessa situação, que se apresenta dramaticamente no início da vida, que o ser humano é levado a afirmar a validade do princípio de não contradição: *a compatível com b*, onde *a* e *b* são os opostos, torna-se *a* compatível com *b*. O amor infinito é sentido como incompatível com o ódio infinito e isso vale para qualquer outro casal de opostos ou de desejos antitéticos. Sob essa perspectiva, *o nascimento do princípio de não contradição parece ter a sua raiz afetiva* na necessidade de se proteger de uma experiência fusional, onde o objeto amado funde-se com o objeto odiado, o que é sentido como a perda irreparável de todo bem.

A *infinitização* é, nesse caso, *geradora de conflito* e, por isso, de incompatibilidade que, no Inconsciente, é incompatibilidade entre infinitos. E, a partir do momento que o Inconsciente, com os seus terrores infinitizantes, é um aspecto estrutural do nosso ser psíquico, deduz-se que, sob esse ponto de vista, a disponibilidade ao conflito tem uma raiz estrutural que tem as suas bases na constituição mesma do psíquico e nas suas ligações com o corpo.

Uma grande psicanalista, Melanie Klein, intuiu (mas, sem explicitar os pressupostos) os problemas ligados ao momento crucial da evolução mental e sugeriu o conceito de *excisão* como aquele mecanismo primitivo com a qual a criança pequena enfrenta a experiência onde o mesmo Seio-Mãe é portador do Bom e do Mau, da Presença e da Ausência e, assim, Amado e Odiado. Em outras palavras, reencontramos a coexistência dos contrários infinitos, que é sentida como incompatível com a vida e provoca um sentimento obscuro de morte! A excisão dá espaço a duas entidades que devem permanecer separadas: o Seio Bom (infinitamente bom) e o Seio Mau (infinitamente mau); uma excisão no infinito para fugir àquela realidade que transforma o objeto amado igual ao objeto odiado e que aponta em sentido àquela identidade vida = morte, que é incompatível com a sobrevivência. A recomposição dos opostos, ou seja, dos aspectos bons e maus ao interior do mesmo objeto, será possível somente no que Klein denomina de *posição depressiva*, que se desenvolve paralelamente com a maior capacidade, por parte da criança, de delimitar e organizar com o pensamento a sua experiência emocional.

A observação clínica cotidiana oferece confirmação desse aspecto crucial do conflito psíquico que se estabelece como inevitável consequência do prevalecer dos processos de infinitização. E, assim, por exemplo, pode-se aceitar, numa relação de amor, a coexistência de um sentimento de receber afeto, de sermos nutridos, de necessitarmos do outro, e, ao mesmo tempo, de dar afeto, de nutrir, de se realizar de maneira auto-afirmativa se esses sentimentos não são extremos, ou seja, infinitizados. No caso onde, de fato, prevalecerem os processos de infinitização, é claro que o sentimento de dependência (absoluta) torna-se incompatível com qualquer projeto de autonomia e vice-versa, o sentimento de auto-afirmação absoluta torna-se incompatível com a necessidade do outro, com a

necessidade de afeto, que implica na aceitação de uma falta. Daqui a fonte do conflito!

Creio ter fornecido alguns elementos provenientes também da observação clínica que confirmam a estreita relação que existe entre o infinito e o sofrimento mental. Mas, não queria concluir sem afirmar um conceito: se os processos de infinitização, que nos caracterizam como seres emocionais, estão na base da nossa capacidade de sofrimento mental, estão também na nossa base de cada criação simbólica. De fato, temos necessidade – para a nossa saúde mental – de um contato com o *elemento particular*, mas também de um *contato com a classe*. O amor desenvolve, por exemplo, nutre-se – e não poderia ser de outra forma sem negar-se enquanto tal – de um sutil equilíbrio entre particularidade e idealização. É este entrelaçamento no nosso modo de ser psíquico que nos torna *animais simbólicos* que, enquanto tais, possamos sempre *transceder* o particular, o individual, e construir infinitas séries de substitutos simbólicos, que possibilitam reviver os objetos “primários” do nosso afeto. Um “animal” hipotético, provido somente de instinto, que tende à posse e ao usufruto do objeto particular, e somente assim será possível estar isento da neurose, também será obrigado a renunciar a ser o criador de uma sinfonia! E isto porque os mesmos elementos estruturais que são a base do nosso sofrimento mental são também a base de nossa capacidade criativa. E, talvez, neste ponto, o título de minha contribuição deveria ser mudado para: *O infinito entre criatividade e sofrimento mental!* ■

Tradução: **Emília Araújo**

Revisão técnica:

Suely Gevertz*

Rua João Moura, 647 cj. 112

05412-001 - São Paulo - SP

PIETRO BRIÀ

Via Cortina D'Ampezzo, 60

00135 - Roma - Itália

* Psicóloga clínica e Psicanalista. Professora nos cursos de “Atendimento Familiar” e “O desenvolvimento do raciocínio clínico na prática psicoterapêutica” do Instituto Sedes Sapientiae.

notícias do departamento "formação em psicanálise"

A Comissão de Clínica do Departamento "Formação em Psicanálise" informa que a Nova Clínica do Instituto Sedes Sapientiae começou a ser implantada, e que o Departamento "Formação em Psicanálise" está inserido nesse projeto.

Este trabalho vem sendo desenvolvido há dois anos e abre perspectivas nas áreas de pesquisa, prestação de serviços e aperfeiçoamento em áreas específicas. A Nova Clínica do Instituto Sedes Sapientiae está sendo subdividida em diversos centros clínicos e setores (Centro Clínico da Criança, Centro Clínico de Ado-

lescentes, Centro Clínico de Adultos, Centro Clínico da Terceira Idade, Setor de Pesquisa e Setor de Recursos Externos).

A Comissão de Clínica convida as pessoas interessadas em participar deste trabalho a comparecerem na reunião do dia 18 de novembro às 15:30h, no Instituto Sedes Sapientiae, onde será feita uma apresentação do projeto de implantação da Clínica do Instituto Sedes Sapientiae e a inserção do Departamento neste projeto.

Comissão de Clínica

Angela Oliveira - 287-8730

Arlete Salgueiro Scodelario - 212-3727

Aristides Cicarelli - 852-3692

Armando Colognese Jr. - 822-6241

Cecília Camargo - 64-9127

Ester Zemel - 280-0091

Maria Celina Anhaia M. A. Botelho - 822-2681

Maria do Carmo Amaral - 843-0011

Maria Rosa (Rosy) Sales - 853-6656

Suely Gevertz - 282-4183

Yolanda Toledo - 280-1120

normas para apresentação de trabalhos

O Boletim Formação em Psicanálise, publicação do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae é uma publicação semestral e tem por objetivo a divulgação de trabalhos relacionados à psicanálise e campos afins na forma de artigos, leituras (comunicações, comentários ou resenhas de livros), conferências, entrevistas e cartas enviados à comissão editorial.

Os artigos e trabalhos para publicação devem ser encaminhados em quatro cópias à Comissão Editorial do Boletim Formação em Psicanálise*. A colaboração recebida será submetida à apreciação da Comissão Editorial, que decidirá sobre sua aprovação. Os originais não serão devolvidos, mesmo quando recusada sua publicação.

Os artigos devem ser datilografados em uma só face, em espaço duplo. Devem conter necessariamente: o título do trabalho, nome completo do(s) autor(es) e, no rodapé, as credenciais do(s) mesmo(s).

As citações no texto devem incluir o sobrenomes do(s) autor(es) em letras maiúsculas e o ano de publicação do trabalho citado. Se o trabalho citado tiver dois autores deverão constar na citação os sobrenomes de ambos; caso tenha três ou mais autores, somente deverá aparecer o sobrenome do primeiro seguido de e col.

As referências bibliográficas devem ser dispostas em ordem alfabética de acordo com o sobrenome do autor e suas obras pela ordem cronológica de publicação (para as obras de Freud, as datas correspondentes são indicadas entre parênteses na *Standard Edition*).

Se várias obras foram publicadas no mesmo ano, deve-se acrescentar à data de publicação, as letras a, b, c etc. Quando um autor é citado individualmente e também como co-autor, serão citadas antes as obras onde ele é o único autor, seguidas das publicações que ele é co-autor. Os nomes dos autores não serão repetidos, mas indicados por um traço.

As referências bibliográficas devem conter, se for livro, além do nome e sobrenome do(s) autor(es), o nome do livro, a editora e o ano da edição; se for revista, nome e sobrenome do(s) autor(es), o nome do artigo, nome da revista, número do volume, ano de publicação e início e fim das páginas

Os títulos dos livros serão grifados, sendo que as palavras mais importantes serão escritas em letras maiúsculas, o lugar da publicação e o nome do editor serão igualmente indicados. Se uma referência é dada a partir de outra edição que não a original, a data da edição utilizada deverá figurar no final da referência. Nos títulos dos artigos (e igualmente nas obras de Freud) somente a primeira palavra figurará em letra maiúscula. O título do artigo será seguido da abreviação grifada da revista, do número do volume, e dos números da primeira e da última página. Para as abreviações dos títulos das revistas, poder-se-á consultar os números que já foram mencionados ou no caso de dúvida, citar o nome por extenso.

As traduções devem ser enviadas em quatro cópias juntamente com uma cópia do artigo original, contendo todas as indicações de onde foi publicado originalmente e com autorização por escrito do autor para publicação na revista Boletim Formação em Psicanálise.

Tabelas, gráficos e figuras devem vir anexas, em preto e branco, referidas em números arábicos, constando sempre o respectivo título de maneira precisa.

Na últimas laudas devem constar o nome, endereço e o telefone do autor ao qual se deve enviar correspondência.

Trabalhos digitados em computador deverão ser acompanhados com o respectivo disquete com os dados do artigo.

Os conceitos e opiniões expressos nos trabalhos são de total responsabilidade dos autores.

* Claudia Paula Leicand – Rua João Moura, 647 conj. 104 - CEP: 05412-001 - São Paulo - SP

* Ede de Oliveira Silva – Travessa Humberto I, 44 - CEP: 04018-070 - São Paulo - SP

* Maria Luiza Scrosoppi Persicano – Rua Capote Valente, 524 - CEP: 05409-001 - São Paulo - SP

* Suely Gevertz – Rua João Moura, 647 conj. 112 - CEP: 05412-001 - São Paulo - SP

departamento formação em psicanálise

Comissão de Coordenação de Departamento

Aristides Cicarelli
Ede de Oliveira Silva
Emir Tomazelli
José Carlos Garcia
Maria Luiza Scrosoppi Persicano
Maria Tereza Scandell Rocco
Oscar Miguez

Comissão de Coordenação de Curso

Emir Tomazelli
Ede de Oliveira Silva
José Carlos Garcia
Maria Tereza Scandell Rocco

Comissão de Eventos

Alicia Weiz Corbello
Berenice Neri Blanes
Ésio dos Reis Filho
Iolanda Toledo
José Pedro Lopes da Silva
Maria Cristina Perdomo
Maria Helena Saleme
Maria Ignez B. de A. P. O. Silva
Maria Tereza Montserrat
Oscar Miguez

Comissão de Clínica

Coordenador: Maria Rosa Maris Sales
Representante: Aristides Cicarelli

Comissão de Publicações

Artur Filhou José
Claudia Paula Leicand
Ede de Oliveira Silva
Fernanda Pinto Freire
Maria Celina Botelho
Maria Luiza Scrosoppi Persicano
Mildred Kud Wai Chui
Suely Gevertz

Corpo Docente

Aristides C. Cicarelli
Armando Colognese Jr.
Cecília Noemi de Camargo
Ede de Oliveira Silva
Emir Tomazelli
Homero Vetorazzo Filho
José Carlos Garcia
Maria Beatriz Godoy
Maria Cristina Perdomo
Maria Helena Saleme
Maria Luiza Scrosoppi Persicano
Maria Tereza Scandell Rocco
Nora Miguez
Oscar Miguez
Suzana Alves Viana

Professores Convidados

Antonio Luiz de Rezende
Durval Mazzei Filho
Ésio dos Reis Filho
Gilberto Safrá
Monica G. T. Amaral

assinaturas

Boletim Formação em Psicanálise

Publicação do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

Para assinar ou receber algum número avulso da Revista Boletim Formação em Psicanálise, envie-nos os seguintes dados:

Nome:

Endereço:

Bairro: CEP: Cidade Estado

Telefone: Fax:

☐ assinatura do vol III, n.os 1 e 2, 1994

☐ assinatura do vol IV, n.os 1 e 2, 1995

Números avulsos:

vol. II, nº 2, 1993 ☐

vol. III, nº 1, 1994 ☐

vol. III, nº 2, 1994 ☐

O preço da revista avulsa é de R\$ 12,00 e o da assinatura é de R\$ 18,00. Enviar o cheque nominal para um dos seguintes editores:

Claudia Paula Leicand – Rua João Moura, 647 conj. 104 - CEP: 05412-001 - São Paulo - SP

Ede de Oliveira Silva – Travessa Humberto I, 44 - CEP: 04018-070 - São Paulo - SP

Suely Gevertz – Rua João Moura, 647 conj. 112 - CEP: 05412-001 - São Paulo - SP

